



# Estudantes do Povo

Órgão Informativo do Movimento Estudantil Popular Revolucionário - Nº 07 - 1ª edição - www.mepr.org.br - Tel.: (31) 3222.0216 - Preço: R\$ 2,00

## Greve Geral contra a "reforma" universitária do governo Banco Mundial/Lula!



**Leia nesta edição**

**Greve Nacional dos estudantes de pedagogia** *página 03*

**Contra o fim da formação científica nos cursos de licenciatura!** *página 08*

**Aprofunda-se a luta entre os dois caminhos** *página 10*

**Estado, Democracia e Questão Nacional** *página 12*

**Viva a juventude rebelde de todo o mundo!**

# Construir a greve geral contra a “reforma” universitária do Banco Mundial

Desde o momento em que o governo Lula anunciou suas intenções em aplicar uma pseudo-reforma universitária, denunciando o caráter demagógico e reacionário de sua política para a universidade brasileira. Demagógico porque tentava apresentar a sua “reforma” como sendo a democratização da educação (bandeira histórica do movimento estudantil brasileiro) e reacionária por ser a aplicação da política imperialista yanque, estabelecida através do Banco Mundial, para a educação dos países semicoloniais e semifeudais. Desde então a bandeira de barrar mais esta contra-reforma passou a ser a principal luta de todos os estudantes brasileiros.

Defender que a contra-reforma do governo Lula era um processo de privatização foi uma difícil tarefa, já que UNE, CUT, MST e outros pelegos de plantão referendavam a demagogia do governo afirmando ser esta uma bandeira histórica. Também dentro do congresso nacional, as diferentes frações das classes dominantes encontravam-se coesionadas em torno da aplicação desta medida antipovo.

Após três anos de duras batalhas contra as medidas privatistas do governo, contra os oportunistas apêndices do governo nos movimentos sociais e com o aprofundamento da crise do capitalismo burocrático no país, nos deparamos com um quadro inteiramente novo. Hoje enquanto as diferentes siglas caminham esfarrapadas e enlameadas para montar o circo eleitoral, se abre à possibilidade concreta de impôr uma grande derrota ao governo barrando com greve a “Reforma” Universitária do Banco Mundial.

### Aprofunda-se a decomposição do velho Estado

A chamada crise do “mensalão”, iniciada ainda em 2005 representou o desbordamento agudo de uma crise política crônica do país. Ela não é uma crise somente do atual governo ou do PT, é uma crise de decomposição completa de todo o sistema político e de governo como superfície da crise do sistema de poder do velho Estado. Na verdade, é o prosseguimento do acirramento da contradição entre as frações das classes dominantes e dos seus

grupos de poder. E a expressão da mais profunda crise econômica do sistema capitalista mundial e do capitalismo burocrático no país em particular. A vitória eleitoral do oportunismo teve como causa principal o acirramento destas contradições, que impediram que o Planalto lançasse uma candidatura unificada. Não obstante, o governo dos oportunistas longe de amainar estas contradições elevou-a violentamente, ao trazer a disputa entre as frações burocráticas e compradoras para dentro do próprio governo. Esta disputa emergiu há um ano atrás e espatifou o próprio “núcleo duro” do governo, com divergências públicas e armadilhas nos bastidores entre o grupo de Dirceu e Palocci.

Ademais da importância ordinária que qualquer crise no seio das classes dominantes tem para o movimento popular, a atual tem um significado particular. Com a vitória eleitoral de Lula, que congregou todas as legendas e sub-legendas da esquerda oportunista, entramos no Brasil em um novo ciclo da luta de classes. Isto porque significou o triunfo do projeto nacional-reformista, defendido anos a fio pelo revisionismo e que tem desviado contingentes importantes de massas em torno da ilusão de que pela via eleitoral é possível realizar “mudanças”, juntamente com as “forças progressistas” (leia-se: imperialismo europeu e grande burguesia burocrática), que levem a melhoria das condições de vida do povo e até mesmo ao socialismo. Passem!! No entanto, depois desta vitória, a maior já obtida pelo caminho burocrático oportunista, eles perderam sua perspectiva histórica. Porque, em que pese que seguirão existindo e cumprindo o nefasto papel de traficar com os interesses das massas, já não poderiam seguir enganando como antes. A crise do “mensalão” representou a queima da última tábua de salvação do discurso demagógico do oportunismo, isto é, o discurso da ética. O PT, que se arvorava como o paladino defensor da “ética na política” (como se na política semicolonial pudesse haver outra ética senão a de se locupletar para se dar bem), foi pego com a boca na botija cometendo a prática mais vulgar da caricatura de parlamento que temos no Brasil que é a da compra de votos.

Este conjunto de fatores e sua de-

corrência, uma crise que se arrasta parecendo não mais ter fim, representa um material inflamável para a situação revolucionária em nosso país. A incapacidade das classes dominantes de se coesionarem num plano e candidaturas únicos, ainda que partem de uma mesma base programática, representa de maneira mais do que evidente que os de cima já não podem seguir governando como antes. No outro pólo da contradição, vemos se agravar todas as tensões sociais, centuplica a miséria e o abandono, o desemprego atinge a cifra das dezenas de milhões, míseros salários e milhões de camponeses sem terra; greves, revoltas e principalmente o avanço da luta pela terra expõe como também os de baixo já não aceitam seguir vivendo como antes. Some-se a isto o maior desmascaramento da história do oportunismo conjugando uma situação revolucionária em desenvolvimento.

### Derrotar a contra-reforma universitária do Banco Mundial

O governo inicia uma verdadeira corrida para implementar suas medidas anti-povo, como já temos visto na questão da reformas sindical e trabalhista enviadas sob o formato de projeto de lei neste mês ao congresso.

A reforma universitária é uma das principais exigências do imperialismo para os países dominados. Desde os milicos até o governo FHC, tentaram implementá-la, coube ao governo dos oportunistas esta tarefa. Ao longo de mais de três anos de administração PT-FMI, todas as ações, reformas curriculares medidas provisórias, programas do MEC, tinham um único objetivo, preparar campo para a “reforma” universitária. Porém frente à aguerrida resistência de estudantes e professores foram obrigados a passar quase todas as medidas através da imposição de medidas provisórias.

Apesar de uma grande parte da “reforma” já ter sido aprovada ela ainda pode ser derrotada. Devemos ter em alta conta o significado histórico desta luta, se conseguirmos isto as futuras gerações sempre se lembrarão com muito orgulho de nossa luta, pois ela está se dando em condições muito difíceis.

Da mesma forma que sempre nos recordamos orgulhosos das lutas estudantis que impediram a aplicação completa dos acordos MEC-USAID em plena gerência militar. Esta possibilidade se torna possível devido às modificações na realidade política em nosso país com o agravamento das contradições entre as frações das classes dominantes e impedimento de seguirem coesionadas na aplicação de projetos e medidas.

E principalmente com o desmascaramento completo do oportunismo, que já não pode mais amarrar o ascenso de luta e radicalização da massa, os estudantes encontram-se livres da camisa de força que atava os ascenso e radicalização do protesto popular em defesa de seus direitos, já não podendo contê-lo com bravateios e cacarejos oportunistas.

Esta luta já se iniciou. Há mais de um ano estudantes do curso de Pedagogia resistem à aplicação das resoluções MEC/CNE, esta luta se dá de forma inseparável da luta contra a reforma universitária e se encontra hoje em pleno ascenso. Estudantes de Pedagogia de todo país reunidos no 8º FONEPE deflagraram uma vigorosa Greve Nacional de estudantes pela revogação das Diretrizes Curriculares Nacionais, esta importante definição foi marcada pela realização da combativa manifestação no MEC em Brasília onde centenas de estudantes não se intimidaram diante da polícia e o governo e manifestaram todo seu repúdio a este gabinete de negócios do Banco Mundial e sua estafeta, o dito Ministro da Educação. Esta é uma importante luta com claras perspectivas de vitória.

Um grande exemplo para todos estudantes brasileiros, particularmente para os estudantes dos cursos de licenciaturas, em luta contra a imposição das reformas curriculares. Somente erguendo grandes trincheiras de luta irreconciliável contra o governo e unificando a luta contra as DCNs da Pedagogia com Reformas Curriculares do Governo e as demais lutas dos estudantes em uma grandiosa luta contra a Reforma Universitária do Banco Mundial, poderemos barrar este



ataque.

Companheiros, em maio deste ano após dois anos de tentativas de concluí-lo, o governo anunciou a finalização da quarta versão do projeto de Lei de Reforma Universitária e já enviou-a para o congresso. A gerência oportunista fará de tudo para implementá-la (afinal tem de prestar contas com seus patrões) e nós estamos diante da oportunidade histórica de derrotá-la.

Somente com uma greve geral será possível imprimir uma dura derrota ao governo. Uma greve que unifique e impulse as lutas locais a um patamar de confrontação das massas estudantis com o MEC e o Planalto. E reiteramos uma vez mais, que quando falamos em lutas nacionais não estamos falando de marchas a Brasília, mas em uma luta que se alastre por todo o país, em torno de uma única bandeira e cresça em combatividade e massividade. Só com uma greve poderemos atingir este objetivo. Falamos em construir a greve porque não se trata de marcar um dia para que ela se desencadeie, trata-se de construí-la de curso em curso, universidade por universidade, em cada sala de aula.

Seguir os exemplos dos estudantes de Pedagogia, e declarar guerra ao governo, impulsionando luta contra as Reformas Curriculares do governo, contra todos ataques à educação, como luta contra a reforma universitária como Greve Geral contra a Reforma Universitária do Banco Mundial.

Que pense o Senhor ministro que os estudantes assistirão calados as arbitrariedades do Governo e do MEC. Ao tentar implementar a contra-reforma o senhor desafiou os estudantes de todo país. Não aceitaremos seus ataques! Somos os continuadores da brava juventude da década de 60 e 70, e assim como nossos queridos heróis vamos barrar mais esta medida colonial e quantas mais vierem.

Os estudantes querem algo novo e o novo já não pode ser ensinado pelos velhos mestres, já dizia Castro Alves. A noite secular, o obscurantismo, o fascismo dissimulado que se abate sobre nossas universidades e sobre nossa nação estão com seus dias contados! A roda da história não gira para trás. Nem UNE, CUT, direção do MST, serão capazes de deter o levantamento de milhares e milhões de camponeses, operários e estudantes contra esta falsa democracia, contra a semi-feudalidade, o imperialismo e o fascismo, na luta por uma Nova Democracia.

## Movimento Estudantil

# 8º Fórum Nacional de Estudantes de Pedagogia (Goiânia 20, 21 e 22 de maio)

Por Executiva Paranaense de Estudantes de Pedagogia

Estudantes de Pedagogia deflagram GREVE NACIONAL pela revogação da homologação das DCN's\* do MEC/Banco Mundial com vigorosa e combativa manifestação em Brasília.

Mais de 180 estudantes de Pedagogia de todo o país (4 regiões e 7 estados) se reuniram nos dias 20, 21 e 22 de maio em Goiânia no 8o FoNEPe para discutir em caráter de urgência a luta contra a homologação das DCN's do Banco Mundial para a Pedagogia assinada pelo ministro da educação Fernando Haddad no dia 8 de

abril deste ano. Este FoNEPe estava programado para acontecer no mês de abril em Belém do Pará, mas devido ao fato do ministro ter homologado as DCN's descumprindo sua palavra e ignorando o documento assinado por ele e filmado de que não homologaria as diretrizes antes de voltar a se reunir com a ExNEPe, tornava-se necessária uma manifestação imediata de todo nosso repúdio e revolta pela atitude mentirosa e autoritária desse ministro antiestudante e antidemocrático. O local do 8o FoNEPe foi então mudado para Goiânia, local mais próximo à Brasília que se propôs a sediar o fórum.

### A comovente e agitada abertura

O 8o FoNEPe foi marcado desde a abertura por muita comoção e combatividade. Foi dado início no dia de sábado com a exposição do vídeo que contém as cenas do ministro Fernando Haddad se comprometendo a não homologar as diretrizes da Pedagogia e inúmeras imagens e fotos do movimento estudantil brasileiro e do Movimento de Pedagogia em luta por barrar as DCN's do MEC/Banco Mundial. Logo após foram exibidas imagens da última manifestação realizada em Curitiba (PR) no mês de maio contra a homologação das DCN's. Após o filme, foi aprovado o Regimento Interno do fórum que propunha como forma de democratizar as discussões que todos os estudantes presentes tivessem direito à voz e voto

e não somente os delegados. A proposta foi aprovada por unanimidade pelos delegados presentes. Logo foi dado o informe sobre a luta do Movimento de Pedagogia desde março

mantém a dissociação entre licenciatura e bacharelado e, ainda que combata no discurso o modelo das habilitações do regime militar, na prática mantém uma enorme fragmentação da formação, na medida em que estabelece que a Pedagogia formará apenas os licenciados em séries iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil e a formação do Pedagogo, do profissional da educação, será feita numa segunda habilitação e de preferência (o que

a resolução abre brecha propositadamente) em cursos de pós-graduação que na "reforma" universitária do Banco Mundial deixarão de ser gratuitos. Outro ponto de retrocesso e atraso dessa resolução é a equiparação do curso de Pedagogia ao curso Normal Superior, que sabemos só interessar ao setor privado, que poderá ofertar cursos de formação de professor precária e aligeirada em dois ou três anos e emitir diploma de Pedagogia. A Pedagogia não é um Normal Superior, é mais ampla que isso e precisa ser estudada em sua totalidade e historicidade. Ao igualar o curso de Pedagogia ao curso Normal Superior, a resolução transforma o curso de Pedagogia em curso de formação de "professores" apenas, retirando seu caráter científico, pois a Pedagogia é uma área do conhecimento científico e o Pedagogo precisa estar apto a atuar não apenas em sala de aula (o que é uma visão já restrita do papel do professor, que é mais que um "dador de aulas" é o responsável pela difusão e socialização do conhecimento científico), mas na gestão dos processos educativos e na produção científica na área da educação. Ainda que a resolução tente colocar este licenciado como um pesquisador, colocando no discurso que a pesquisa é parte da formação, em nenhum momento amarra como isso se dará ao longo da formação. A pesquisa é proposta através de bolsas de



Estudantes de Pedagogia deflagram greve e manifestação em frente ao MEC

do ano passado quando o CNE tornou público o primeiro projeto de resolução, onde ficou claro que as DCN's só não foram aprovadas antes devido à forte organização dos estudantes, que barraram o projeto por mais de um ano. Após os informes, foram tirados os responsáveis pelas comissões de trabalho, sendo elas: organização, limpeza, alimentação e agitação. Iniciou-se então a primeira mesa de debates, composta por duas companheiras do Movimento de Pedagogia, componentes do CA de Pedagogia da UFPR, que foram indicadas pela professora Sônia Guariza Miranda, convidada especial do fórum que não pôde comparecer devido a problemas pessoais.

### Resolução do MEC/Banco Mundial

A palestra sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia iniciou com a exposição feita pelas companheiras do Paraná sobre a relação contraditória entre conteúdo e forma guardada nesta resolução que foi homologada pelo ministro. Ficou claro que, ainda que a resolução aprovada incorpore parte do discurso contido nas inúmeras proposições feitas pelas entidades e pessoas democráticas, na essência o conteúdo é o mesmo do projeto de março de 2005 e sua finalidade continua sendo colocar a Pedagogia a serviço do mercado educacional e dos interesses do Banco Mundial. A resolução homologada

iniciação científica, projetos de extensão e bolsa monitoria (sabemos que uma minoria tem acesso), o que não é suficiente, pois a pesquisa deve ser parte integrante e fundamental do currículo ao longo de todo o curso. Mas isso também ficará a cargo de cada instituição. Quanto ao estágio obrigatório, a única obrigatoriedade amarrada na resolução é a docência, o estágio em gestão fica a cargo do projeto de cada instituição. Esta resolução também estabelece, o que representa na prática o fim do curso de Pedagogia, que todo licenciado formado poderá realizar um curso de pós-graduação e atuar como Pedagogo. Aonde está a especificidade da Pedagogia se qualquer professor licenciado poderá atuar como Pedagogo? A Pedagogia é uma área específica do conhecimento, não basta ter estudado Física ou Biologia, por exemplo, tendo tido ao longo do curso uma carga horária de disciplinas didático-pedagógicas de 25% e cursar uma especialização de mais um ano para atuar como Pedagogo. O Pedagogo é o cientista da educação, ele precisa estudar o fenômeno educativo em toda sua complexidade, nos espaços escolares e não escolares, nos movimentos sociais e populares, na prática social como um todo para estar apto a atuar como “aquele que orienta e dá rumos à educação no país” (frase declamada pelos estudantes mineiros em manifestação em BH). O que a resolução 05/2005 homologada pelo ministro faz na realidade, é tentar ampliar no discurso o conceito de docência para reduzir a formação à docência, como se esta abrangesse o gestor e o pesquisador. Isso não passa de um grande engodo, pois na prática essa resolução não forma nem ao menos um docente qualificado (responsável pela profusão e socialização do conhecimento científico), quem dirá o pesquisador e o gestor.

Uma resolução com esse conteúdo privatista e tecnicista só poderia ser aprovada como foi, por debaixo dos panos, de forma autoritária e antidemocrática, não permitindo a participação dos estudantes e do conjunto das pessoas interessadas e ainda de forma aligeirada, pois a Pedagogia é debatida há dez anos e não há razão para aprovar as DCN's a toque de caixa. Portanto, aqueles que somente desaprovam a FORMA como foi feito o processo, devem pensar seriamente no CONTEÚDO que estão querendo passar goela abaixo. Políticas progressistas e democráticas se fazem de forma democrática e coletiva, políticas autoritárias e privatistas se fazem por debaixo dos panos e de forma truculenta.

O Movimento de Pedagogia vem discutindo desde o 25o Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia em Belo Horizonte a concepção de

Pedagogo e a proposta de DCN's dos estudantes. Muito se avançou no debate, ainda que não tenhamos conseguido fechar uma proposta até agora, devido a mudança de pauta do último FoNEPe. O 8o FoNEPe estava programado para fechar a proposta de diretrizes dos estudantes, que entregaríamos ao MEC e discutiríamos com o conjunto dos estudantes e educadores em debates públicos e abertos nas universidades. Mas a homologação nos obrigou a modificar a pauta do fórum e centrar esforços na luta pela revogação da homologação.

Do consenso obtido até então nos debates estudantis, podemos afirmar resumidamente os seguintes posicionamentos acerca da nossa concepção de Pedagogo: a Pedagogia é, ao mesmo tempo, uma licenciatura e um bacharelado, por isso defendemos a formação unitária. A formação do Pedagogo deve ser ampla e unitária, trabalhando a indissociabilidade entre a gestão, a pesquisa e a docência de forma não hierarquizada. Ou seja, a base da formação do Pedagogo não é a docência, esta deve ser tomada como um dos três elementos que compõem a formação, mas não de forma destacada ou privilegiada. Além disso, temos defendido que a Pedagogia e a educação como um todo não deve estar a serviço da dominação imperialista em nosso país e nem aos interesses do mercado educacional, mas a serviço do povo brasileiro e do desenvolvimento nacional. Para isso, precisamos de diretrizes curriculares que não apenas possibilitem que as instituições interessadas ofereçam uma formação unitária, pois sabemos que as interessadas são uma minoria ínfima. Precisamos de diretrizes que obriguem todas as instituições que ofertam o curso de Pedagogia a desenvolver a pesquisa, a trabalhar uma formação unitária e a voltar seus estudos e pesquisas para o interesse do povo e da nação.

As falções das companheiras da mesa também colocaram a relação existente entre as DCN's da Pedagogia, a reforma curricular dos cursos de licenciatura e a “reforma” universitária do Banco Mundial. A luta da Pedagogia pela formação unitária é a mesma luta de todos os licenciandos do Brasil pela indissociabilidade entre a licenciatura e o bacharelado. A fragmentação do conhecimento, o pragmatismo e utilitarismo da formação oferecida pelos cursos de licenciatura após a aprovação das resoluções de 1999 e 2001 sobre formação de professores visam um único objetivo: acabar com a produção científica nacional. A separação entre licenciatura e bacharelado fará com que as pesquisas só sejam desenvolvidas nessas áreas na pós-graduação, à graduação caberá formar professores de forma rasa, aligeirada

e desqualificada, professores estes que atuarão nesta realidade caótica da educação no país, nestas escolas de aprovação automática que formam analfabetos funcionais, onde as crianças formam a 8a série sem aprender sequer a ler e escrever, quem dirá a interpretar e transformar a realidade. Esse é o projeto da “reforma” universitária aplicado, é a transformação das universidades em grandes escolões, sem pesquisa e sem extensão e com um ensino totalmente precário. Esse é o processo de profissionalização do ensino superior no país. É a transferência da responsabilidade de formar pesquisadores para a pós-graduação paga. Ou seja, uma maior e mais profunda elitização da apropriação e difusão do conhecimento científico, que estará cada vez mais na mão de poucos. Aliás, nem na mão dos cientistas e pesquisadores brasileiros (dos poucos que temos) estarão, pois o que o Banco Mundial e as potências imperialistas querem é aprofundar a colonização de nosso país, aprofundando nossa condição de meros exportadores de matéria prima e importadores de pacotes tecnológicos. Um país onde não se produz nem ao menos técnica quem dirá conhecimento científico que é transformador e revolucionário. Isso é o que as potências imperialistas querem fazer com os países dominados e essa lógica vem orientando a formulação das políticas públicas educacionais no país já há muitos anos, aprofundada de forma brutal no governo do PT.

Após a mesa, fomos para o jantar e retornamos em seguida para os Grupos de Trabalho, que foram bastante participativos, onde todos puderam emitir suas opiniões e apresentar propostas. Os grupos serviram ao aprofundamento da discussão e conferiram maior coesão de idéias e de vontade aos participantes.

(...)

### **A Plenária Final: a grande decisão pela greve**

Após intensos debates, a Plenária Final aprovou POR UNANIMIDADE uma histórica e ousada deliberação: deflagrar a GREVE NACIONAL DOS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA a partir do 8o FoNEPe e anunciar a todas as regiões não presentes a grande decisão a partir da ocupação do MEC na segunda-feira dia 22 de maio. A decisão pela GREVE dos estudantes marca um novo patamar da luta estudantil em nosso país. A atitude autoritária, antidemocrática e traiçoeira do ministro da educação mostrou aos estudantes que não resta outro caminho para a luta estudantil em nosso país que não seja do enfrentamento frontal a todas essas políticas antiestudante e antipovo. O Movimento de Pedagogia barrou por

mais de um ano o projeto de resolução do MEC e do Banco Mundial. Foram inúmeras tentativas de negociação tanto com o CNE quanto com o MEC para que pudéssemos explicitar as razões pelas quais somos contra essa resolução e apresentar nossa proposta. Durante este um ano em que o CNE/MEC recuou e recolocou em debate com as entidades as diretrizes, a Executiva Nacional dos Estudantes de Pedagogia NUNCA foi ouvida. Somente em novembro do ano passado, após o 7o FoNEPe quando fizemos uma manifestação em frente ao MEC, após esperar 6 horas, fomos recebidos por um assessor do ministro que na ocasião disse que o Haddad não se encontrava. Pra nossa surpresa, enquanto estávamos conversando com o assessor o ministro sai por acaso de dentro de uma sala e é flagrado pelos estudantes. Os representantes dos estudantes presentes aproveitaram a presença do ministro e cobraram dele um posicionamento. Foi nessa ocasião que o ministro Haddad assinou um documento com os estudantes se comprometendo de que não homologaria as DCN's da Pedagogia antes de voltar a se reunir com a ExNEPe. No mês de dezembro passado, o Conselho Nacional de Educação aprovou o Parecer 05/05 desrespeitando nosso compromisso firmado com o ministro. Nesta ocasião, a ExNEPe se reuniu em Goiânia e deliberou por realizar uma manifestação no CNE para reafirmar nosso posicionamento de que não aceitaríamos nenhuma resolução que não levasse em conta a posição dos estudantes. Um assessor do ministro havia entrado em contato conosco e proposto uma reunião, mas não aceitamos nos reunir, pois já havíamos deixado claro para o ministro que tínhamos um plano de construir essas DCN's em debates públicos nas universidades e que somente após o 8o FoNEPe apresentaríamos a proposta dos estudantes construída democraticamente. Decidimos não aceitar reunião, mas manifestar nossa posição através de manifestação em Brasília. Neste dia realizamos também paralisação das aulas e manifestações em protesto contra a aprovação da resolução pelo CNE em diversas regiões do país. O dia foi escolhido devido a uma audiência do CNE com o ministro Haddad que estava marcada no prédio do Conselho, iríamos aproveitar a presença do ministro e exigir que ele reafirmasse seu acordo. Quando chegamos em Brasília não havia nenhuma audiência acontecendo, um completo desrespeito com os estudantes, pois essa audiência estava anunciada no site do Mec com dia, hora e local. Mesmo assim, tentamos falar com o ministro, mas não conseguimos. Então protocolamos no Mec e no CNE o nosso “Manifesto de Repúdio ao CNE/MEC pela aprovação do Parecer



05/2005". Desde então, vínhamos concentrando esforços por construir a proposta de DCN's dos estudantes, com a formação de grupos de estudos nas universidades, a ampliação do debate para as faculdades particulares, a organização de semanas acadêmicas sobre o tema e de Seminários ou Encontros Regionais que tirassem a posição das regiões sobre as DCN's. A ExNEPe moveu neste período um enorme esforço por construir junto a professores democráticos uma proposta inicial da Executiva que fosse debatida nas regiões. Todo esse esforço foi simplesmente desconsiderado pelo ministro, que nos comunicou da homologação das DCN's através do Diário Oficial da União.

Diante de toda essa intolerância, arbitrariedade, autoritarismo e enrolação, os estudantes não poderiam dar outra resposta. Não há outra forma de nos fazermos ouvir que não seja a expressão mais clara, contundente e firme da nossa revolta diante da mentira descarada do ministro da educação. Por isso deliberamos construir uma vigorosa GREVE NACIONAL, pois não temos mais nenhuma ilusão de que poderemos aprovar a proposta de diretrizes que contemple as posições mais democráticas e comprometidas com o povo e a nação que não seja através da imposição da nossa vontade.

Após debatermos o Plano de Construção da Greve nos estados e regiões presentes e como expandir o debate do fórum para as regiões que não estavam presentes, passamos a organizar nossa manifestação.

### **A manifestação do dia 22 de maio no MEC em Brasília**

Para anunciar a deflagração da GREVE de forma contundente e fazer repercutir em todo o país, decidimos por realizar uma manifestação em Brasília com o objetivo de demonstrar nossa indignação e revolta diante da mentira e enganação desse ministro enganador. A plenária de preparação da manifestação decidiu que não iríamos até Brasília para pedir audiência com o ministro, pois essa já havia acontecido antes e o ministro não cumpriu com sua palavra. Íamos até lá com o objetivo de anunciar lá de dentro para todo o país, inclusive para o ministro da educação, nossa grande decisão. Estávamos decididos que não aceitaríamos ser novamente enrolados e que não íamos lá pra conversar com o ministro, pois não há razão nenhuma para confiarmos em sua palavra, ele já havia demonstrado que não a tinha.

Fomos de ônibus de Goiânia até Brasília, passamos na UnB para chamarmos os estudantes para a manifestação gritando palavras de ordem como "Vem, vem, vem pra luta, vem! Pedagogia!" ou "Fernando

Haddad, cara de pau! Funcionário do Banco Mundial!". Estudantes da Universidade de Brasília aderiram à manifestação, assim como os estudantes da UFG, onde uma comissão de agitação passou em sala mobilizando. Desembarcamos então os ônibus já na esplanada dos ministérios e fomos em manifestação até o prédio do Ministério da Educação. A manifestação seguiu em colunas até a esplanada, nela os estudantes erguiam faixas e cartazes anunciando a GREVE e repudiando a atitude do ministro.

Chegando no MEC nos deparamos com um cordão de seguranças e policiais que impediam nossa entrada. Dissemos que queríamos entrar pra falarmos pro ministro nossa indignação e os policiais propuseram que subisse uma comissão. Não aceitamos, de acordo com o que havíamos deliberado em nossa plenária e exigimos que todos pudessem subir, afinal de contas aquilo era segundo eles um prédio público. Porque não pudemos subir, não cabiam 150 estudantes dentro daquele prédio monumental? Na verdade aquilo ali não é o MEC, é um escritório de negócios do Banco Mundial e o ministro é apenas um garoto de recados de seus patrões. Por isso não podíamos entrar, porque aquele prédio não é do povo, não serve aos estudantes e porque o ministro teve medo de falar com todos nós. O que ele podia dizer aos estudantes de Pedagogia após demonstrar ser um mentiroso e dissimulado? Sabia que não acreditaríamos em sua palavra. Aliás, não fomos lá mesmo para ouvi-lo, fomos para ser ouvidos.

Por isso colocou a polícia para receber os estudantes. Após sermos passados pra trás ainda somos recebidos de forma covarde e truculenta pelo ministro, que chamou a polícia para nos agredir. Transformaram a esplanada dos ministérios numa verdadeira praça de guerra, disparando tiros de arma de fogo contra os estudantes e cabeças sangrando. A covardia é tamanha, que após a prisão de 30 estudantes, vários feridos e 9 indiciados por cinco crimes federais, o MEC tem a coragem de emitir uma nota se eximindo da responsabilidade da ação da polícia. Pode a PM espancar e prender estudantes na porta do Ministério da Educação e o ministro sequer tomar conhecimento? Em nenhum momento o MEC compareceu até a delegacia pra saber como estavam os estudantes presos e feridos, em nenhum momento o ministro se manifestou publicamente sobre o acontecido. Perguntamos: quem é o responsável por mais essa covardia?

Exigimos a suspensão imediata dos processos contra os nove estudantes presos e indiciados e cobraremos do ministro todos os fatos ocorridos e tudo que venha a nos acontecer daqui por diante. Estamos lutando por democracia, em defesa da educação

pública, gratuita e que sirva ao povo e não aceitaremos ser tratados como marginais. Os verdadeiros bandidos de nosso país são esses governos com toda sua corja de políticos corruptos que traem os interesses dos estudantes, que são incapazes de assumir uma pasta como o Ministério da Educação por serem incapazes de fazer algo que é pré-requisito no processo educacional: o diálogo.

### **Construir a greve nacional em cada universidade!**

Chamamos todos os estudantes de Pedagogia a construirmos em cada local de estudo uma vigorosa e combativa greve. A GREVE deve ser deflagrada imediatamente nos locais que já estão mobilizados e estes devem auxiliar na organização e construção da greve nas demais instituições. Nossa greve irá se revigorando e fortalecendo na medida em que formos imprimindo a ela um caráter massivo, participativo, construindo os Comandos de Greve em cada local, a nível de estado e a nível nacional. Precisamos estender o debate para as faculdades privadas, essa greve deve ser um momento de pararmos as aulas para debatermos os rumos do nosso curso e da educação no país. Não estamos fazendo greve para desgastar governos e promover candidatos, como fazem os movimentos oportunistas. Portanto, não podemos apenas paralisar as aulas, precisamos ocupar nosso tempo com debates, panfletagens, atos e demais atividades. Esses devem ser momentos de intenso debate nas universidades, de aprofundarmos nosso entendimento sobre o momento político em que vivemos, de aprofundarmos nossa concepção de Pedagogia e de construirmos em meio à greve a proposta dos estudantes para as DCN's. Revogando a homologação só descansaremos quando vermos aprovadas DCN's que contemplem minimamente os interesses das classes populares de nosso país.

A GREVE já começou marcada

pela ousadia e combatividade demonstradas pelos estudantes na manifestação em Brasília. Precisamos organizar ocupações de reitoria, ocupar a universidade todos os dias, organizar panfletagens, manifestações, debater com o povo os motivos da greve e ir, aos poucos, convencendo todos e cada um da justiça de nossa causa. Uma importante deliberação de nosso 8º FONEPe é fechar as faculdades de educação para que os cursos de licenciatura também se envolvam no debate e lutem contra a reformulação curricular em seus cursos. Somente com uma greve assim poderemos barrar essa resolução!

Os estudantes de Medicina e Psicologia já conseguiram reverter pareceres legais (após a homologação) sobre seus cursos através da luta, o que demonstra que é possível derrotar o governo. As leis são feitas por homens e os homens são divididos em classes sociais antagônicas. As leis, portanto, beneficiam uma classe determinada e podem ser revistas na medida em que o povo demonstre sua insatisfação e os obrigue a recuar. É o que faremos! Não descansaremos enquanto o MEC não recuar, enquanto o governo não desistir desse projeto famigerado de "reforma" universitária! Defenderemos com unhas e dentes a educação pública e gratuita como um direito do povo e lutaremos até o fim para colocarmos a Pedagogia e a universidade a serviço do povo e da transformação social.

**Abaixo a homologação traiçoeira da resolução do MEC/Banco Mundial!**

**Ministro Fernando Haddad enganador, mentiroso e autoritário!**

**Greve Nacional pela revogação da homologação das DCN's da Pedagogia!**

**Derrotar a "reforma" universitária do Banco Mundial!**

**Exigimos o arquivamento dos 9 companheiros presos e indiciados!**



*Estudantes da UEMG realizam assembléia e decidem pela greve*

# Estudantes ocupam a reitoria da UFPR

*A UFPR foi palco no final do ano passado de uma das mais importantes lutas estudantis deste último período. Os estudantes ocuparam o prédio da reitoria durante cinco dias em defesa da democracia na universidade.*

Em dezembro de 2005 aconteceu a eleição para a Reitoria da UFPR. A eleição se polarizou entre um candidato do governo que queria seguir com aplicação da contra-reforma universitária do governo Lula/Banco Mundial e um candidato do ANDES-SN que é contra essa “reforma”.

O candidato do ANDES teve o maior número de votos, porém, devido ao sistema de paridade o candidato do governo, Moreira, acabou sendo considerado o vencedor das eleições mesmo tendo sido derrotado nas urnas.

Essa demonstração de que não existe democracia na universidade gerou uma grande revolta nos estudantes, que haviam comparecido em peso nas urnas para votar no candidato do ANDES.

### A ocupação da reitoria

Os estudantes reunidos em conselho de entidades de base decidiram por impedir a reunião do Conselho Universitário e exigir a não homologação da fraudulenta eleição de Moreira. Os estudantes em manifestação enfrentam a polícia federal e seguranças e conseguem impedir a reunião do conselho nesse dia. A reunião foi adiada para dois dias depois. Os estudantes novamente em manifestação impediram a reunião. Novamente enfrentaram a polícia e seguranças (que havia sido reforçada) dessa vez forçaram a entrada no prédio e ocuparam a reitoria. Os estudantes ficaram ocupados durante 5 dias, não conseguiram impedir a homologação do resultado mas denunciaram à todo país o caráter antidemocrático da

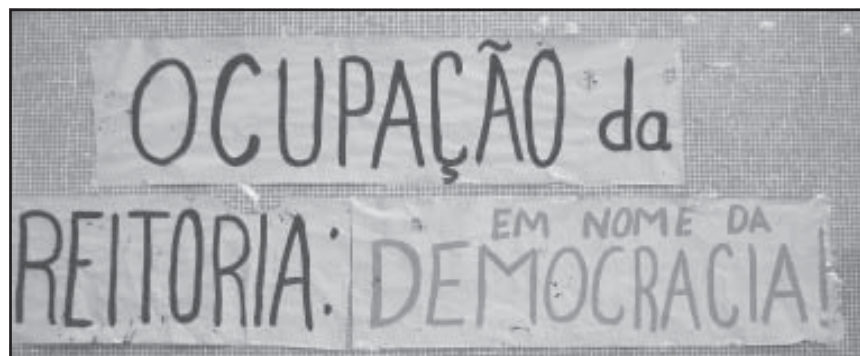
universidade brasileira.

### Ocupação vitoriosa!

A ocupação representou um marco no movimento estudantil da universidade e no país, pois levantou a bandeira da democratização da universidade. O REITOR ficou caracterizado como INTERVENTOR e não é reconhecido pelo movimento estudantil como legítimo. O Conselho Universitário ficou completamente desmascarado perante a comunidade universitária, se demonstrou um apêndice da reitoria, sem nenhuma autonomia. O REITOR acionou a PF e pediu a reintegração sem passar pelo Conselho, ou seja, quem governa é o reitor e não o órgão colegiado que deveria ser a instância máxima. O fascismo ficou escancarado, a democracia apenas uma fraseologia.

O jornal A Nova Democracia organizou uma coletiva com a imprensa, que filmou os estudantes saindo do prédio com os braços dados e cantando “Apesar de você amanhã há de ser outro dia” e “Apesar de você vai prevalecer democracia, você vai se dar mal, etc. e tal, lálaiá, lalaiá la...”. Foi feita uma bela ciranda do lado de fora reunindo os ocupados de dentro e de fora e comemorou-se a vitoriosa ocupação com a alegria daqueles que sabem que lutam do lado dos justos.

A ocupação da reitoria da UFPR coloca a luta estudantil na ofensiva e a politiza, pois os estudantes não ocuparam a reitoria por reivindicações econômicas e sim em defesa da democratização da universidade e contra a “reforma” universitária do



governo aplicada pelo Moreira na UFPR. Decisivo foi o apoio desde o início dos professores progressistas, não fosse a sua intervenção teríamos muito mais dificuldades. Vários foram visitar os ocupados na sala dos conselhos, enviaram monções de apoio e telefonaram. Os professores do ANDES ajudaram a bancar a estrutura da ocupação, em nenhum momento faltou nada aos ocupados. Professores revezavam em fazer o café e levar as comidas, a solidariedade ao movimento foi bastante grande. As companheiras do MFP fizeram uma faixa de apoio à ocupação e apoiaram ativamente. Diversos técnicos apoiaram ativamente a ocupação também, o que demonstra a necessidade da unidade entre estudantes, professores e técnicos. Mais de nove DCE's enviaram monções de apoio e dezenas de entidades, movimentos, deputados, etc declararam apoio.

O movimento estudantil da UFPR saiu fortalecido, pois a dura luta travada elevou a unidade entre os estudantes independentes do governo, organizou e demarcou campo entre setores democráticos das universidades.

Essa foi a mais importante luta travada pelos estudantes brasileiros no último período. Lenin dizia: não nos pergunte quantos somos, mas se queremos ou não. O que importa no balanço da ocupação da reitoria na UFPR não é o número de estudantes que participou, como coloca o balanço que fazem as forças centristas. O que importa é o nível de consciência atingido por aqueles que ocuparam, que perceberam que sem a participação efetiva dos estudantes nas decisões, não haverá verdadeira democracia nas universidades. Perceberam que os estudantes devem lutar por conquistar espaço, para exercer o controle, para participar das decisões! Depois da ocupação os estudantes de Engenharia Química

reivindicaram paridade no seu Conselho Setorial e estão lutando por isso. O resultado de uma luta não se mede por seu saldo imediato, essa é uma visão imediatista e oportunista. Se mede pelas perspectivas que apontam e a ocupação da reitoria na UFPR abre brilhantes perspectivas para os estudantes brasileiros, que perceberam o caráter semi-feudal, semi-colonial, burocrático e antidemocrático dessas instituições públicas falidas e a necessidade de lutar para que a universidade sirva verdadeiramente ao povo brasileiro.

O caráter arcaico da universidade ficou expresso: a sala do CU mais parece uma sala da nobreza, com direito a trono para o REITOR e tudo mais. Nos quadros dos ex-reitores, estes estão vestidos com túnicas, verdadeiras batinas que simbolizam bem a concepção de universidade que ainda vigora em nosso país, a universidade da nobreza. Entre os ex-reitores está o reacionário Suplicy de Lacerda, que foi reitor da UFPR e ministro da educação durante o regime militar, responsável pelo decreto 477 que colocou a UNE na ilegalidade, perseguiu estudantes e professores e foi responsável pela prisão e morte de ativistas e militantes.

Mas os estudantes deram seu recado: o quadro do Suplicy de Lacerda foi virado de ponta cabeça e foram colocados vários protestos na sala do Conselho Universitário que durante aqueles cinco dias pôde servir como um espaço onde se exerce a democracia. Lá os estudantes ficaram reunidos em assembléia permanente discutindo os rumos da universidade brasileira. O quadro virado de cabeça para baixo foi apenas uma demonstração do que os estudantes ainda estão por fazer: inverter a lógica da universidade, colocá-la a serviço do povo e da nação!



*Os estudantes em manifestação impediram a realização da reunião do Conselho Universitário*



# Contra o fim da formação científica nos cursos de licenciatura!

A reforma curricular das licenciaturas é parte substancial do todo chamado “Reforma” Universitária. Faz parte da estratégia de desmonte da educação no Brasil e da entrega da produção científica nacional às grandes empresas estrangeiras sediadas nos países imperialistas.

Seguindo a risca as orientações do Banco Mundial para a educação nos países semi-coloniais, os governos, que na verdade são meros gerentes transformaram o ensino público fundamental e médio em uma formalidade. Nos últimos anos foram criados diversos mecanismos de aprovação automática que permite aos alunos passarem de ano sem ter adquirido o conhecimento necessário. Nossas escolas públicas de nível médio vem se transformando em um espaço distante do gosto científico, onde o aluno já começa no primeiro dia sabendo que não precisa estudar para passar de ano. Nas particulares a coisa não é diferente o que ocorre é um verdadeiro adestramento dos alunos para o vestibular feito nestas instituições. Seguindo esta mesma lógica, também dos “governos” anteriores, a gerência FMI/LULA vem aprofundando o desmonte do Sistema Educacional em todos os níveis.

O ponto central dessa reforma curricular é a retirada das faculdades e centros de pesquisa, a responsabilidade de formar os professores negando a este a sua identidade como cientista da sua área de conhecimento. Paulo Freire em seu livro “Pedagogia da Autonomia”, afirma o seguinte: “no meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser que se acrescenta a de ensinar. Faz parte da natureza docente a indagação, a busca, a pesquisa. O que se precisa é que em sua formação permanente o professor se perceba e se assuma como pesquisador”.

Segundo as diretrizes curriculares do MEC os professores além de poderem ser formados fora dos departamentos, ainda poderão ser formados em instituições não universitárias chamadas de IES

(Instituições de Educação Superior). Tais instituições serão responsáveis pela formação dos professores de todas as áreas e funcionarão como verdadeiros “escolões” de formação rápida onde o ensino não se vincula nem a pesquisa muito menos a extensão. Observe que a “valorização” da docência para o MEC consiste em formar professores longe da investigação científica, em cursos aligeirados (2800 horas), de baixo custo e em instituições não universitárias, atendendo assim as reivindicações do setor privado. As diretrizes do Mec ainda aumentam consideravelmente as disciplinas que privilegiam o “como fazer” em detrimento das disciplinas teórico-científicas de conteúdo específico da graduação

Como embrulho demagógico do desmonte da produção intelectual nacional, o governo utiliza a falsa propaganda de que a formação acelerada possibilitaria o ingresso de mais jovens no “mercado de trabalho”. Um verdadeiro “conto do vigário”. O despejo em grandes levas de jovens portadores de diplomas de 3º grau, serve somente a aumentar o grau de exploração sobre os trabalhadores. Possibilita que em um país de analfabetos, exista um exército de desempregados minimamente “qualificados” (ou portadores de diploma com déficit de conteúdo específico), aumentando a oferta, se viabiliza o aprofundamento da queda geral do nível salarial oferecido às multidões de desempregados.

Como conseqüência grande parte dos graduados são obrigados a voltar pra a universidade para especializar-se, isto é, ingressar naquilo que chamam de formação continuada. Acontece que a contra- reforma universitária pavimenta o fim da gratuidade nestes cursos, ou seja, hoje, eles tiram as cadeiras específicas dos nossos cursos, amanhã, somos obrigados a voltar para pagar por elas. Os cursos de bacharelado também serão afetados, pois se tornarão cada vez mais escassos e elitizados. Os pesquisadores que também dão aulas nas universidades, logo também deverão

pagar cadeiras como didática, ficarão cada vez mais distantes dos problemas do povo e dependentes cada vez mais dos financiamentos de empresas privadas cujo objetivo é o lucro. A solução para essa contradição está na indissociação entre bacharelado e licenciatura, pois não pode haver professores que não fazem pesquisa, nem verdadeiros pesquisadores que não se ocupem com a difusão do conhecimento científico.

A reforma curricular retira o que há de científico na formação do professor, faz parte dos ataques sistemáticos que a educação vem sofrendo nas últimas décadas e é similar as reformas feitas no ensino fundamental que chegam a formar na 8º série do ensino fundamental um aluno que não sabe ler, ou no ensino médio, alguém que não sabe o que está lendo. O que querem é formar professores para escolas de aprovação automática. Segundo a maior parte dos defensores desta concepção o professor é só um “dador de aulas”, um ‘adestrador’ de analfabetos para o vestibular, é um sujeito acrítico, reproduzidor daquilo que lhe é posto como verdade, produzido por pessoas trancafiadas em laboratórios, desvinculadas da realidade, vivendo num mundo onde a ciência é supostamente “neutra”.

Para que as universidades sirvam de fato ao desenvolvimento nacional e à libertação da dominação e exploração impostas pelo imperialismo, é necessário combater a concepção tecnicista e utilitarista presente nas diretrizes curriculares das licenciaturas, libertar a ciência das amarras do capital para que ela sirva verdadeiramente ao povo. A ciência, o conhecimento, não existem se não for em uma unidade entre a teoria e a prática. Professores que estejam desvinculados da prática do conteúdo que ministram de forma alguma podem ser verdadeiros professores, que difundam a ciência e serão simplesmente reproduzidores de um conhecimento pronto e acabado, profissionais medíocres que transmitem informações como se o conhecimento fosse estático e sagrado. Um grande

cientista chinês(\*) afirmou que “o conhecimento começa pela prática: uma vez adquiridos conhecimentos teóricos através da prática, deve-se voltar à prática. A função ativa do conhecimento não se exprime somente no salto ativo do conhecimento sensível ao conhecimento racional, mas, o que é ainda mais importante, deve exprimir-se no salto do conhecimento racional à prática

A luta pela democratização do currículo em cada curso é imprescindível para que se imprima à formação dos professores da educação básica o caráter científico, que possibilite uma intervenção consciente sobre a realidade de maneira a transformá-la.

Hoje, enquanto a Une esfarrapada afunda juntamente com toda a política oficial do país, na rota defesa das medidas anti-povo, é imprescindível unificar os debates e as lutas de todos estudantes de licenciaturas bem como de todos setores da universidade, para derrotar mais este ataque do imperialismo. Derrubar todas medidas criminosas e autoritárias contra a educação e exigir a participação democrática dos estudantes em todas as modificações curriculares, como parte da luta contra a “Reforma” Universitária.

No curso de Pedagogia a resistência à aprovação das diretrizes curriculares do MEC tem alcançado vitórias importantes e elevado o debate acerca da identidade do pedagogo e do papel da ciência na formação do profissional da educação. Tem demonstrado que é possível impor derrotas aos projetos funestos que os organismos de financiamento internacional têm para a educação brasileira e avançar na construção de escolas e universidades que sirvam ao povo.

\* Mao Tsetung – “De onde vêm as idéias corretas?” (Maio de 1963).

**PELA PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA DOS ESTUDANTES NAS REFORMULAÇÕES CURRICULARES!  
POR UMA FORMAÇÃO VERDADEIRAMENTE CIENTÍFICA E QUE SIRVA AO POVO!  
ABAIXO A “REFORMA” UNIVERSITÁRIA DO GOVERNO LULA-BANCO MUNDIAL**



# Rebelar-se é justo!

## Congresso de bandidos manda prender camponeses

“Um rio que tudo arrasta se diz violento, mas não se dizem violentas as margens que o oprimem” (Bertold Brecht)

Uma notícia do mundo real abalou o doce sonho de Copas, Seleções e Ronaldos induzido pelos monopólios de comunicação. Tudo estava tão bem no reino da fantasia alemã, só atrapalhando mesmo as bolhas nos pés de um atacante, quando um grupo de camponeses invadiu o Congresso Nacional. Mas existem camponeses sem-terra no Brasil? Existe assassinatos no campo e genocídios em São Paulo? Quem é esta gente pobre para atrapalhar a festa do Hexa? Raivosos, despertados de seu sono de ópio, a imprensa reacionária atacou com todo o seu veneno os camponeses em luta. Editores, jornalistas, articulistas e comentaristas, pagos todos a peso de ouro, ofereceram sua “opinião independente” para justificar a opressão sobre as massas e a prisão de 539 camponeses.

De forma bombástica anunciaram que a Polícia do Congresso apreendeu uma fita de vídeo da reunião de preparação da manifestação que segundo eles provava que a “deprecação” foi premeditada. Não há prova alguma a não ser de que pretendiam ocupar as dependências do Câmara dos Deputados para aí protestar contra o atraso na aprovação do Orçamento Federal e protestar contra o decreto-lei que proíbe, por 2 anos, vistoria de terra que tenha sido invadida. O que da fita foi mostrado como prova categórica da premeditação e portanto do crime, nada mais é que uma reunião onde se planeja simplesmente como garantir que os mais de 500 camponeses pudessem entrar nas dependências da Câmara de Deputados. E todos sabem que era preciso planejar como burlar a Segurança do local pois jamais seria permitido que ocorresse no seu interior um protesto principalmente de camponeses pobres.

Como poderia o MLST ter planejado invadir e quebrar o Congresso e depois ficar tranqüilamente esperando a polícia prendê-los? O líder Bruno Maranhão estava inclusive em outro local na hora do confronto tirando cópias de documentos que o Movimento pretendia entregar aos deputados. Fica evidente que o que de fato aconteceu foi uma explosão de revolta dos camponeses contra a proibição imposta pela Polícia do Congresso à entrada deles naquele local.

Falsificadores! Capazes de transformar, em seus editoriais, o

Congresso Nacional na mais proba, honesta e honrada instituição. “Verdadeira representação da democracia brasileira”, “Bastião da república, guardião da independência entre os três poderes”. Quanta mentira! O que é o Congresso Nacional? É uma das instituições mais podres de nossa sociedade; corruptos, bandidos, uma verdadeira quadrilha organizada para assaltar os cofres da nação. Não existe democracia no Congresso, tudo ali é decidido no dinheiro. R\$ 200 mil era o

representa o sentimento da imensa maioria do povo brasileiro. De todos que querem o fim da corrupção, da injustiça e da falta de liberdade. Se assustam com a violência das massas, senhores? Se assustam com o ódio dos camponeses? Mas isto é o resultado da exploração de seu sistema sanguíneo. O que esperavam? Que camponeses oprimidos a cinco séculos pelo latifúndio e pelo imperialismo pedissem, educadamente, aos seguranças da Câmara que dessem

Antônio Carlos Magalhães, o velho capo das oligarquias do nordeste, deve ter-se perguntado que “demônios eram aqueles”. Desesperado vomitou na defesa do Estado, chamando as Forças Armadas para agirem, “*Reajam comandantes militares. Reajam enquanto é tempo (...)*”. Mas quantos entre aqueles camponeses, não tiveram pais mortos, irmãos e mulheres manchadas por senhores de terra como ACM. São bandidos ACM? “*São teus cães, que tem frios e tem fome, que há dez séculos a sede consome...*”. Trema ACM!

Mas trema também Aldo Rebelo, Heloísa Helena e oportunistas eleitores de plantão. Todos vocês são farinha do mesmo saco, defensores do mesmo Congresso e do mesmo Estado burguês-latifundiário. O papel mais sinistro foi cumprido pelo revisionista Aldo Rebelo (PCdoB), presidente da Câmara, que pelo microfone anunciou a prisão de mais de 500 camponeses, entre eles dois militantes de seu próprio partido. O responsável pela manutenção destes companheiros no Ginásio Nilson Nelson, durante toda uma noite, e depois o envio destes para o presídio da Papuda. No Ginásio os homens, mulheres e crianças passaram frio e fome, lembrando o revólte episódio da repressão fascista no Chile em 1973, como muito bem recordou a escritora Urda Alice Klueger, em seu artigo na internet *Lembrando o Estádio Nacional do Chile*:

“E então, quando a gente pobre se revolta, e há muito mais sobre o que se revoltar – ELA É PRESA, CRIANÇAS E ADULTOS, NUM GINÁSIO DE ESPORTES, sem direito sequer à aproximação de advogados, e com um monte de acusações em cima. Eu não sei por que, mas desde o primeiro momento tal imagem me fez lembrar demais uma outra: o Estádio Nacional do Chile, em 1973, lotado de inocentes, grande parte do qual foi torturado e fuzilado, inclusive o grande cantor e compositor Víctor Jara, torturado por muitas horas, e que além das 44 balas que o mataram, teve as mãos quebradas, para numa mais poder escrever suas canções que diziam dos seus sentimentos frente ao Capital, como ando, apesar de sem as mesmas qualidades poéticas, tentando dizer aqui. A coisa está muito parecida com o Estádio Nacional do Chile!”

Aldo traidor covarde descumpriu o acordo feito com a direção do MLST, onde se comprometeu em não prender os



Os camponeses pobres do MLST fizeram no Congresso Nacional representa o sentimento da imensa maioria do povo brasileiro

preço do voto para a reeleição de FHC. R\$ 30 mil a mesada para os deputados no governo Lula. Nada, nada, ali foi decidido em favor do povo! Casa de sangue-sugas, de vampiros, de anões do orçamento, do centrão: democracia não existe ali. Covil, onde velhas e novas raposas da política feudal e colonial disputam quem engana mais, quem mais ataca o povo, quem rouba mais.

Como chamar o Congresso de “casa da democracia”? Mentira tão grande, repetida tantas vezes nos últimos dias que só confirma que esta imprensa marrom, a serviço das classes dominantes, nada tem de independente. Que condiciona seus editoriais aos seus interesses privados e de classe. Como é o caso da Rede Globo que recebeu 3 bilhões do BNDES na gerência Lula e mais outros milhões do Banerj. Gente sem escrúpulos, que sustentou a ditadura, que encobriu o assassinato de presos políticos, que defendeu ditadores, que apoiou políticos como Maluf. Quem são eles para falar de democracia?

O que os camponeses pobres do MLST fizeram no Congresso Nacional

licença para eles entrarem? A revolta das massas que vimos, os terminais quebrados, o carro virado, foi uma pequena parte do acerto de contas do povo oprimido. Impossível não lembrar do épico poema de Castro Alves, *Bandido Negro*:

*E o senhor que na festa descanta  
pare o braço que a taça alevanta,  
coroad de flores azuis.  
E murmure, julgando-se em sonhos:  
“Que demônios são estes medonhos,  
que lá passam famintos e nus”?*

*Cai orvalho de sangue do escravo,  
cai, orvalho, na face do algoz.  
Cresce, cresce, seara vermelha,  
cresce, cresce, vingança feroz.*

*Somos nós, meu senhor, mas não  
tremas,  
nós quebramos as nossas algemas  
para pedir-te as esposas e mães.  
Este é o filho do ancião que mataste.  
Este – irmão da mulher que  
manchaste...  
Oh! não tremas, senhor, são teus  
cães.*

camponeses caso estes se retirassem do Congresso, mas depois ordenou a prisão de homens, mulheres e crianças, muitos que nem haviam entrado na Câmara. Aldo Rebelo (PCdoB) de presidente da UNE a presidente da Câmara, que trajetória! Aprendiz de fascista, recebeu até tapinha nas costas de Ronaldo Caiado (deputado da bancada ruralista). Às custas dos aplausos de PFL e PSDB, Aldo, respaldado pela direção do PCdoB, mandou para a Febem de Taguatinga 37 crianças camponesas. Revisionista, responsável pelos 42 militantes do MLST, que continuam presos; pelos 14 dirigentes que se encontram em solitárias, num regime de isolamento completamente ilegal. PCdoB este crime não tem preço!

A democracia, senhores reacionários, está nas massas em luta, está nos camponeses que tomam terras e destroem o arcaico sistema latifundiário, causa primeira da miséria, da fome e da condição semicolonial de nosso país. O que este Estado tem a oferecer ao povo é somente genocídio e prisão. Contra tudo isto rebelar-se é justo! A juventude democrática brasileira tem o dever de denunciar esta barbárie contra o povo, esta criminalização reacionária feita pelos monopólios de comunicação. Não podemos aceitar que esta onda de mentiras seja divulgada sem a sua devida contradita. O que os monopólios de comunicação estão fazendo é criando um clima que justifique o fascismo. Criando mecanismos legais que possibilitem o isolamento de presos, um regime carcerário pior do que nos tempos da ditadura, a legalização da tortura, a transformação da luta pela terra em crime hediondo. Hoje no Brasil existem dezenas de camponeses presos políticos, quase não se ouve uma voz que reaja. Recentemente, um militante do MST foi condenado há 5 anos de prisão no Rio Grande do Sul por ter ocupado uma fazenda. O camponês Wenderson Francisco dos Santos, o Ruço, está preso ilegalmente há quase três anos a espera de julgamento. Os dez camponeses presos políticos de Quipapá, estão há um ano preso, também sem julgamento. Não podemos aceitar a criminalização das lutas populares. Não tenhamos ilusões com este Estado ou com sua legalidade, pois o fascismo não é a ilegalidade, e sim a legalização do arbítrio.

**Liberdade imediata para os militantes camponeses do Movimento de Libertação dos Sem Terra!**

**Liberdade imediata para Bruno Maranhão e demais dirigentes do MLST!**

**Liberdade para todos os camponeses presos políticos!**

**O povo quer terra e não repressão!**

## 430 assassinatos de pobres, em 7 dias, em São Paulo Abaixo o Estado genocida e sanguinário!

Por que não encostam em um fio de cabelo dos bilionários ladrões e assassinos de alta periculosidade que estão no Congresso Nacional, no Palácio da “Justiça”, no Palácio do Planalto, na Esplanada dos Três Poderes, em Brasília, nas mansões e prédios de luxo dos bairros ricos e nas outras instâncias do parlamento e de governo?

Por que não encostam em um fio de cabelo dos banqueiros e monopólios que amealham altíssimos lucros através da extorsiva e mais alta taxa de juros do mundo, que lucram outros tantos bilhões roubando do BNDES, roubando recursos públicos e através de verdadeiros estelionatos – como é o caso dos empréstimos com desconto em folhas de pagamento, promulgado pelo governo FMI-Lula - etc., e da exploração sobre o povo brasileiro?

Por que não agem contra o governo que propicia aos ladrões instalados nos bancos os maiores roubos de todos os tempos (o Bradesco anunciou o “lucro” de R\$ 1,530 bilhão, aumento de 27% em relação ao primeiro trimestre do ano passado. O “lucro” do Itaú também foi recorde: R\$ 1,460 bilhão (líquidos), ou crescimento de 28% também em relação ao primeiro trimestre de 2005. Os outros esquemas de ladroagem do grande capital financeiro também seguem no mesmo ritmo)?

Por que não põem na cadeia os dirigentes da Volkswagen que ameaçam jogar no desemprego mais de 6 mil pais de família, enquanto foram brindados com a liberação de recursos dos cofres do BNDES, de 1995 a 2005, no total de R\$ 3,73 bilhões?

Por que os ladrões do “mensalão”, os assassinos, ladrões e “sanguessugas do caso das ambulâncias”, os “anões do orçamento”, do “caso Sivam”, da compra de votos para a reeleição, das “privatizações”, das doações de bilhões para os bancos, negócios escusos da Rede Globo com o Banerj, etc, não foram e nem não são punidos?

Por que a polícia, quando se trata de pobres, só por suspeita, os assassina à sangue frio, mas, quando se trata de políticos corruptos e bilionários criminosos, nem lhes encosta a mão e ainda dá proteção, mesmo eles estando sabidamente envolvidos em inúmeros roubos e assassinatos?

Por que os “nobres” senadores que querem intensificar a legislação repressiva, mantendo presos pobres incomunicáveis por 4 longos anos, não começam dando exemplo punindo rigorosamente os corruptos que pululam em seu meio?

Por que quando um desses magnatas é preso, só fica por pouco tempo, e mesmo assim com todas mordomias e regalias, seja em celas especiais, prisão domiciliar ou em quartéis (como aconteceu com Maluf, juiz Lalau, coronel Hildebrando Serra-Elétrica, etc)?

Por que a polícia se nega a divulgar os nomes das pessoas assassinadas?

Por que assassinos que defendem o massacre do Carandiru (111 presos assassinados segundo dados oficiais, certamente foram mais) são mantidos na cúpula da polícia e por que até hoje nenhum dos fascistas mandantes e executores destes massacres (Carandiru, Corumbiara, Eldorado dos Carajás, Candelária, Vigário Geral, ...) até hoje não foram punidos?

O genocida Estado brasileiro segue sua história de massacres contra os pobres e privilégios para os ricos. Um major da Polícia Militar de São Paulo, Sérgio Olímpio Gomes, em entrevista ao jornal “O Globo”, declarou: “não esquecemos as 29 mortes. (...) Vai morrer uma média de dez a 15 bandidos por dia em São Paulo a partir de agora”.

A própria imprensa da burguesia mostra policiais, com uniformes negros, escondendo as identificações, usando máscaras, invadindo as favelas e bairros pobres da periferia, barbarizando a população.

Quatrocentos e trinta (430) cidadãos foram mortos pela polícia em supostos confrontos armados. Toda a relação dos mortos ainda não foi divulgada pela Secretaria de Segurança Pública sob a alegação de segredo operacional. Agem igual aos tempos do regime militar. Mortos pela polícia superlotam o IML e os cadáveres apresentam marcas de certos tiros na cabeça. Isso indica execução!!!

O cabeleireiro Lindomar da Silva, que fechou o seu salão para dispensar os companheiros apreensivos, e que foi morto na calçada da sua rua por três tiros que testemunhas dizem ter partido de PMs. Ou a morte de Aparecida da Silva, mãe de um cidadão acusado de pertencer ao PCC, assassinada dentro de sua casa, invadida por policiais sem mandado. Ou a do frentista que correu, sabe-se lá porque motivo, e foi baleado e morto por tiros atribuídos a PMs. Ou a do garoto que esperava a namorada e foi morto a sangue frio por um PM, um jovem de 22 anos. Segundo moradores do Jardim Filhos da Terra, na zona norte da cidade, o jovem Ricardo Flauzino foi, como sempre, esperar pela noiva no alto da escadaria que sobe da avenida Antonello da Messina para o conjunto de apartamentos do Filhos da Terra. A moça desembarcaria do ônibus e seria levada até sua casa. Sentado, Flauzino esperava, quando, de repente, de um veículo da Força Tática da PM, desceram pelo menos seis homens encapuzados, farda oculta por blusões negros. Sem motivo, os PMs atiraram em Flauzino, “rapaz que nunca andou armado, não bebia e não se envolvia nas correrias dos bandidos do bairro”, na definição de um morador. A polícia nega que tenha sido responsável pela morte do rapaz.

O assassinato de Flauzino revoltou os moradores, que organizaram um protesto, onde foi queimado um ônibus. Um programa de televisão sensacionalista noticiou o protesto como sendo iniciativa de “apoiadores do PCC”, o que revoltou ainda mais a população.

O Brasil é o país com a maior desigualdade social do mundo. O próprio IBGE, manipulado e controlado pelo governo, divulgou que mais de 14 milhões de brasileiros passam fome e 72 milhões não tem alimentos em quantidade ou qualidade adequadas. Certamente esse número é muito maior. Com o desemprego, uma população trabalhadora de dezenas de milhões são levados ao último grau da miséria humana.

O monopólio das riquezas, em particular das terras, nas mãos de uma minoria é o grande entrave da sociedade brasileira. Legiões de famintos vagueiam nas cidades enquanto no campo enormes extensões de terras apropriadas pelos latifundiários permanecem inutilizadas.

A burguesia e o latifúndio, a serviço do imperialismo, seguem seu domínio de terror no Brasil e martirizam, atormentam e assassinam. O fascismo é a ditadura terrorista dos elementos mais reacionários, mais imperialistas, do capital financeiro. Não é isso que acontece no país?

O governo FMI-Lula, à mando dos grupos monopolistas, pratica uma política de aumentar ainda mais a exploração, a opressão e a miséria sobre o povo. Os objetivos do recente pacote sindical-trabalhista, das alterações na legislação trabalhista, tributária e fiscal do “super-simples”, são os de cortar os poucos direitos que os trabalhadores ainda têm e expor a massa de trabalhadores a completa exploração patronal. A repressão é implacavelmente feroz sobre o povo e as massas jogadas no desemprego, na miséria e na marginalidade. “A força do capital é tudo, a bolsa de valores é tudo, e o parlamento e as eleições são marionetes, fantoches... Mas quanto mais o tempo passa mais claramente os operários vêem” e tanto mais amplamente se difunde a necessidade da conquista de uma Nova e Verdadeira Democracia; sobretudo neste momento de sangrenta carnificina que estamos vivendo.

Torna-se cada vez mais claro para a classe operária a necessidade de uma luta implacável contra as classes exploradoras e a destruição do seu principal pilar, esse genocida e podre Estado burguês-latifundiário, serviço do imperialismo. Hoje, uma minoria se sacia, enquanto a grande maioria sofre a fome, a miséria e a exploração. Mas o futuro pertence aos oprimidos. Quanto mais cresce no seu conjunto a miséria, a opressão, a degeneração, a exploração, mais aumenta, ao mesmo tempo, a revolta da classe operária.



# Aprofunda-se a luta entre os dois caminhos

Em fevereiro os presidentes da UNE e UBES se reuniram com Lula para cobrar agilidade no envio do projeto de Reforma Universitária. O convite para a reunião foi feito por ninguém menos que o industrial monopolista e ministro da Defesa José Alencar. Esta reunião cumpria parte da agenda estabelecida pela entidade governista na sua jornada de negociações pela implementação da reforma universitária do Banco Mundial. Do outro lado estudantes, professores e servidores, saem da maior greve de sua história, greve marcadamente anti-governo, anti-CUT e anti-UNE, oferecendo feroz resistência a implementações das políticas anti-povo do governo, preparando a batalha contra a reforma universitária.

Em sucessivas entrevistas com presidente da entidade o mega-pelego e playboy Gustavo Petta, afirma que não podemos perder a oportunidade histórica de implementar a Reforma Universitária. Dizendo ainda que esta é a “reforma que o Brasil precisa depois de um decênio de políticas neo liberais de FHC, este projeto apesar de conter insuficiências, o projeto foi construído por centenas de milhares de estudantes, intelectuais professores e entidades educacionais, e que o governo se empenhou em conciliar todos interesses no projeto...” a UNE diz ainda que os avanços que esta contém são fruto da pressão exercida pela entidade e que um suposto setor conservador quer inviabilizar o projeto. Pura cortina de fumaça! Mentiras que não sobrevivem ao simples toque da realidade dos fatos.

A verdade é que este projeto de Reforma é o mesmo, nada mudou no últimos anos, nos últimos dez anos durante a política de FHC, ou melhor, este é o mesmo pernicioso projeto apresentado pelos milicos da década de 60, nos Acordos MEC-Usaid.

Dizer de “disputa de setores no governo, de construção coletiva de entidades representativas”, não passa de um blefe presunçoso dos infantes oportunistas. Não há disputa alguma este projeto está pronto há anos pelo imperialismo através do Banco Mundial, é documento de um só autor. O papel de sua entidade pedante, não é mais que subservir ao governo na sua aplicação. Sacam o empoeirado discurso de disputa de setores no governo, de um suposto setor progressista popular contra uma ala conservadora, do que se trata esta disputa a que tão genericamente falam,

qual é o setor conservador e qual democrático? Palocci( agora Guido Mantega)-Henrique Meireles ou Sarney-José Alencar?

Como pode um projeto contar com a participação e apoio de centenas de milhares de estudantes professores e servidores, se acabamos de sair da maior greve de nossa história onde estes mesmo professores estudantes e servidores declararam guerra às políticas anti-povo do governo e se o Andes, único sindicato a representar toda categoria de docentes é notadamente contra a “reforma”.

Falam que o ante projeto abre transição do período de FHC, *rompendo com paradigmas neo liberais*. Que o governo dá “claros sinais de revalorização e fortalecimento da educação pública”. Este vago trecho do documento tese da entidade intitulado *Uma outra educação é possível* é no mínimo dúbio. O que chamam de sinais de valorização da educação pública? A proposta de 0,1 % de reajuste salarial para professores ou a transferência de vultosos recursos públicos a instituições privadas, através da sonegação fiscal do PROUNI.

De que mudança de paradigma no governo falam os palacianos da UNE, vejamos: O governo FHC iniciou as fundações privadas e a cobrança de taxas nas universidades, a UNE apesar de não organizar nenhuma luta concreta contra tais fundações se mostrava escandalizada. Já o governo Lula institucionaliza estas fundações, que longe de ser regulação que busque sua extinção, só da amparo legal para sua atuação. A entidade celebra a medida, dizendo: enfim o governo reconheceu a existência de tais fundações. Nós diríamos não só reconheceu como a legaliza como parte da universidade.

No período FHC os investimentos estrangeiros passaram a ingerir de forma ilegal sobre nossa educação. A UNE proclamava como um absurdo, culpa do governo vende pátria FHC. O governo Lula estabeleceu que esta taxa de dominação é de 30% (podendo ainda ser ampliada). A UNE por sua vez aplaude a medida, dizendo que enfim existe uma norma para esta intervenção. Ou seja, celebram como vitória o fato de um governo fixar um percentual passível de aumento, da desnacionalização do país. O que antes se desenvolvia de forma ilícita agora conta com amparo jurídico.

O período FHC foi o período de maior expansão do setor privado na

educação, chegando em algumas regiões à cifra de 90% das instituições, esta expansão desenfreada fez entrar em crise o setor, com grande endividamento de grande parte da corporações privadas. A UNE do alto da surrada campanha “Fora FHC”, qualificava as ações do MEC e do governo, como inadmissíveis, que davam suporte a expansão do setor privado, aos tubarões do ensino. Já o governo Lula com o PROUNI, transfere vultosas verbas públicas para as instituições privadas por meio de isenção fiscal, comprando os vagas que antes ficavam “ociosas”, estas vagas são destinadas a estudantes que não conseguem entrar em uma universidades pública que não possui vagas, curiosamente pela ausência de verbas públicas! A mais esta medida, a UNE solta fogos, pasmem! mas a privatização do ensino é tratada agora como à medida que permitirá aos jovens estudar em uma Universidade, e que agora nossa luta é por garantir a qualidade da educação privada. Vejam não se trata agora de defender a universidade pública, mas o povo deve poder entrar em qualquer universidade. O que chamam de qualidade? Qualidade tem de ter um objetivo, qualidade para o povo, para que sirva aos interesses deste ou qualidade para os grandes monopólios? É possível que uma universidade privada tenha qualidade? Qual seu comprometimento com o desenvolvimento da nação? Enquanto o governo FHC possibilitou a maior expansão do setor privado o governo Lula os salvou da ruína, possibilitando que sigam crescendo sob injeção de não apenas de mensalidades, mas de verba federal, verba que nos falta nas universidades públicas. O PROUNI se transformou em cavalo de batalha dos oportunistas petistas, que com demagogia se utilizam das necessidades de nosso povo entrar em uma universidade,

Quanto ao Provão e SINAES a coisas não mudam, apenas se aprofundam, FHC e seu famigerado Provão eram categoricamente rechaçados pelos oportunistas do PcdB/PT. Já no governo Lula, o Provão não foi só mantido, mas aprofundado, com o SINAES Incorporando pontos que FHC não foi capaz de implementar, devido inclusive pela oposição demagógica do PT.

Durante a década de 90 atuaram como verdadeira camisa de força das massas de nosso país, logrando conduzir a imensa crise em que vivia o país para a candidatura Luiz Inácio, a

verdade é que mesmo durante a década de 90 onde sobre a consigna reformista Fora FHC, nunca lutaram concretamente contra a privatização de nossas universidades.

Sua prática oportunista revela o conteúdo reacionário e diametralmente oposto aos interesses das massas estudantis de nosso país. Este confronto entre os dois caminhos no movimento estudantil se aprofunda e se eleva a um patamar mais elevado de nossa história. O centro deste combate se dá exatamente nesta que sempre foi a principal bandeira do movimento estudantil a defesa da educação pública.

Diante da profunda crise que atravessa o estado brasileiro, atingindo em cheio a gerencia petista, UNE/UBES/CUT radicalizam seu governismo, a fim de dar suporte ao governo se lançam abertamente em sua defesa.

Este é o ano em que nas escolas, universidades, nas ruas e nas praças uma intensa definição de campo, entre as entidades governistas UNE/UBES, CUT e estudantes e professores democráticos. Luta entre o ensino público e as tentativas de privatização que confrontarão nas ruas passeatas opostas. Enquanto a UNE confraterniza com o governo em reuniões fechadas no MEC, estudantes de Pedagogia enfrentam a polícia, são presos, processados e resistem bravamente para manifestar todo seu repúdio a esta verdadeira subsecretaria do Banco Mundial (MEC). Este foi um dos primeiros grandes confrontos que separam radicalmente os dois caminhos no movimento estudantil. A tão propalada campanha em defesa da Reforma que irá ocupar as ruas do país não sai das palavras, um vôo de galinha. Enquanto a Greve Contra a reforma Universitária já fez sentir na pele do próprio MEC sua força, iniciada de forma heróica pela Pedagogia ameaça se alastrar por todo país.

Governistas pomovem o maior ataque de nossa história a educação pública, e farão de tudo para lograr seus objetivos. Mais do que nunca cabe aos estudantes democráticos e revolucionários aos professores progressistas expulsar de nossas universidades os inimigos da universidade pública. Que fiquem no congresso nacional! Ao lado dos ladrões, assassinos, traficantes e espoliadores do povo do parlamento brasileiro.



# V Encontro Nacional do MEPR

## Por uma universidade de Nova Democracia

O ano de 2006 inicia-se com intensas e importantíssimas atividades para os estudantes da corrente democrática. Entre os dias 25 e 28 de fevereiro realizou-se o V Encontro Nacional do Movimento Estudantil Popular Revolucionário, tendo como pautas principais a construção de seu programa, o fortalecimento e maior organização das coordenações regionais, a definição do plano de lutas para o próximo período e a eleição de uma nova coordenação nacional. Realizar este encontro não foi tarefa fácil, e exigiu dos militantes e ativistas um grande empenho para superar as dificuldades de mobilização, arrecadação de finanças e organização da estrutura para, em um curto espaço de tempo, concretizar este que foi o mais importante encontro realizado pela nossa corrente. Estiveram presentes todas as regiões do país. O formato do encontro expressou a preocupação em colocar perspectivas para a juventude frente à banalização imposta pela ideologia burguesa através da mídia e da indústria cultural: atividades físicas no início da manhã, estudos e debates durante o dia, e atividades culturais à noite. Ao final, superaram-se as expectativas, com atividades, estudos e debates que aprofundaram a compreensão sobre o problema da revolução no nosso país e permitiram traçar as perspectivas de atuação do movimento estudantil na construção da Nova Democracia.

As atividades iniciaram-se no sábado à tarde, com palestra e debate sobre a situação política nacional e internacional, em que se discutiu sobre o caminho para a revolução no Brasil. Ficou clara a necessidade de cumprir a etapa democrática da revolução, que em nosso país ainda está pendente, haja vista a enorme concentração de terras nas mãos do latifúndio, que emperra o desenvolvimento das forças produtivas e que serve de sustentação para a dominação da grande burguesia serviçal do imperialismo. Temos hoje uma situação revolucionária em desenvolvimento, e a principal tarefa da corrente democrática é a defesa da Revolução Agrária. À noite, todos puderam confraternizar-se e compartilhar seus conhecimentos sobre poesia, dança, música e outras formas de expressão artística e cultural.

No domingo de manhã discutiu-se o balanço da greve das universidades federais em 2005, destacando a

politização e radicalização atingidas pelo movimento grevista em um momento político de grande dificuldade como este, em que organizações sindicais e estudantis como CUT e UNE se colocam em defesa do governo oportunista e entreguista de Lula-FMI, tentando legitimar seus ataques à universidade pública e aos trabalhadores e desmobilizar a luta e resistência popular.

No domingo à tarde iniciou-se o estudo sobre a relação entre a universidade brasileira e a revolução democrática, abordando os seguintes pontos: I) Estado e democracia; II) Formação nacional – terra, liberdade e democracia; III) A história da universidade brasileira; IV) A questão agrária e nacional e a questão universitária; V) Reforma universitária e democratização do ensino. O estudo foi organizado através do método de escola popular, em que os participantes dividem-se em grupos para leitura e discussão dos textos, apresentando posteriormente em plenária a síntese dos conteúdos, seguida de debate. Fundamentando as discussões do primeiro ponto os grupos utilizaram o documento extraído do jornal A Nova Democracia: Democracia Popular e Nova Democracia, que trata do caminho para a revolução no Brasil, discutindo a relação entre estado, ditadura e democracia, analisando as duas grandes revoluções proletárias (russa e chinesa) e relacionando-as com a realidade brasileira para caracterizar a revolução brasileira, método e instrumentos para a sua construção. À noite um colóquio sobre ciência colocou em pauta o debate sobre a verdadeira ciência e a que/quem ela deve servir, sobre a necessidade de se produzir verdadeira ciência dentro das universidades, e de efetivar o direito de acesso ao conhecimento produzido pela humanidade.

Na segunda-feira pela manhã, dando continuidade aos trabalhos, as discussões basearam-se na versão inicial da tese do MEPR sobre a universidade brasileira e seu papel no cumprimento das tarefas da revolução, que contextualiza a formação das nações e repúblicas democráticas burguesas na Europa, e discute o processo de conformação da nação brasileira, ainda inconcluso devido ao domínio e exploração exercidos pelas metrópoles desde a época colonial, e que se sustentam até hoje graças à

união de três grandes forças reacionárias: imperialistas, grandes burgueses locais e latifundiários. À tarde, com base no mesmo documento, discutiu-se

sobre a história das universidades, sobre a luta ideológica travada no seu interior, e sobre o caráter da universidade de nova democracia, a serviço das classes revolucionárias. Nessa discussão teve lugar destacado a questão agrária, pois, assim como no campo, nas universidades brasileiras subsistem relações sociais arcaicas, reflexo da semifeudalidade e semicolonialidade características do desenvolvimento atrasado do capitalismo em nosso país. É necessário democratizar as universidades, colocando-as sob a direção do povo para produzir dentro delas a verdadeira ciência, capaz de intervir e transformar a realidade. À noite o colóquio foi sobre literatura e arte, destacando o seu caráter revolucionário e valorizando a cultura de resistência dos povos, especialmente do povo brasileiro.

A manhã de terça-feira foi reservada para o balanço das atividades do movimento no último período. Todas as intervenções demonstraram o grande desenvolvimento do MEPR depois da IV Assembléia Nacional dos Estudantes do Povo em 2005, adquirindo maior massividade, aprofundando a relação com os estudantes independentes e de luta, e vanguardando lutas importantíssimas como a greve das federais e a ocupação da Reitoria da UFPR. No final, a animação ficou por conta da exibição do vídeo sobre a ocupação da Reitoria da UFPR, revelando todo o facismo e repressão da reitoria e a combatividade e organização dos estudantes na luta pela democracia.

À tarde, a plenária final do V Encontro Nacional do MEPR elaborou um plano de lutas combativas pela democratização das universidades e em defesa da revolução agrária. Dentre as resoluções do encontro destacam-se:

- A construção de uma greve geral para derrotar a “reforma” universitária do governo Lula/



Banco Mundial. O governo já sofreu várias derrotas e até o momento não conseguiu votar o anteprojeto da “reforma”. Os últimos acontecimentos (ocupações de reitorias, seqüestro de reitor, greve de estudantes, manifestações radicalizadas pelo passe livre) demonstram que somente com a radicalização será possível derrotar essa contra-reforma. Por isso, todas as ações devem ter como perspectiva a construção de uma greve vermelha e combativa, desencadeada pelas lutas específicas de cada universidade, mas dentro de um espectro maior, unificado: o de defender com unhas e dentes a educação pública e gratuita e derrotar a contra-reforma universitária.

- A criação de comitês de defesa da revolução agrária em todas as universidades onde o MEPR atua, propagando a justiça da luta pela terra e pela destruição do latifúndio, realizando debates sobre a necessidade da revolução democrática e da destruição do latifúndio para a construção do poder popular, mobilizando os estudantes para que eles participem de escolas populares e lutem pela democratização das escolas e universidades, colocando-as a serviço do povo.

O encontro encerrou-se com a eleição da nova coordenação nacional e com a efusiva comemoração de todos os participantes, pois foram quatro dias que significaram a concretização do esforço de todo o coletivo e o prenúncio de grandes possibilidades para a revolução. Novas tarefas, desafios, responsabilidades, e ânimo renovado para prosseguir e avançar na luta.

# Estado, Democracia e a Questão Nacional

*Nessa edição do Jornal Estudantes do Povo publicamos a primeira parte de nossa tese: a Universidade brasileira e a Revolução Democrática. Publicaremos a 2ª parte no JEP 8.*

## 1) Estado e democracia

O surgimento da democracia como fenômeno social concreto foi condicionado por um determinado grau de desenvolvimento social, correspondente por sua vez a uma época histórica determinada. A base concreta para o surgimento da democracia foi a divisão da sociedade em classes sociais como consequência do advento da propriedade privada. Em todo o período anterior a produção e a exploração do solo eram comuns, nesta fase produzindo separadamente um indivíduo seria incapaz de garantir a própria subsistência. Acumulado um maior domínio sobre a natureza possibilitou a existência de um excedente e apropriação deste fez surgir a propriedade privada estabelecendo a diferenciação entre os indivíduos dividindo-os entre dirigentes e executores.

Desta realidade derivou a necessidade do surgimento de um instrumento especial para exploração e opressão da classe dominada. A sociedade de classes e a luta entre elas fizeram desagregar a organização social baseada nas uniões gentílicas dando origem a outra baseada no Estado. A base da organização social na família sindiásmica (matriarcado) é substituída pela família monogâmica como exigência do direito de herança. Com a propriedade privada surge a divisão social do trabalho marcando um salto qualitativo na história da humanidade. Os produtores produzem não mais para seu consumo e sim para a troca. A posse e exploração individual da terra a transformam também em mercadoria e a possibilidade de venda e arrendamento faz surgir a hipoteca. O dinheiro, mercadoria especial, equivalente geral das relações comerciais fez aparecer os juros e a usura. A propriedade territorial transforma a força de trabalho, ou seja o próprio homem também em mercadoria a riqueza de mercadorias traz consigo a riqueza territorial, a fortuna e os escravos.

A divisão da sociedade em classes faz com a guerra de rapina e a dominação do homem pelo próprio

homem se tornem as formas mais eficazes e honestas de acumulação de riquezas e assim surge a primeira sociedade de classes da história o escravismo. *“Uma sociedade deste gênero não podia existir senão em meio de uma luta aberta e incessante destas classes e a luta entre si ou sob o domínio de um terceiro poder que, colocado aparentemente por cima das classes em luta suprimisse seus conflitos abertos e não permitisse a luta de classes mais que no terreno econômico sob a forma chamada legal”*. Força pública especial que

A democracia surge portanto como “liberdade concreta da classe dominante de exercer a ditadura sobre a classe dominada e assegurar sua dominação tendo como instrumento para esta dominação o Estado.

Modelo Clássico e mistificado como berço da democracia. A Grécia ao conceder e assegurar direitos a todos os cidadãos não incluía os escravos que embora constituíssem mais de 90% da população eram considerados apenas ‘instrumentos falantes’. A democracia é o processo e o caminho pelo qual o progresso econômico-social, o domínio do homem sobre a natureza, passa por

compreendermos sua relação com democracia e ditadura. O sistema de poder diz respeito à essência, à natureza do Estado, do seu caráter de classes, do caráter de sua ditadura e da posição que as mesmas ocupam no aparelho estatal o que só se pode alterar via revolução com sua derrocada completa. Já o sistema de governo se refere as formas que revestem esta dominação. A ditadura burguesa assumiu de acordo com o momento e o grau dos conflitos de classe ora a forma do parlamentarismo representativo ora a forma abertamente fascista. Ditadura e democracia são contrários interdependentes de uma mesma unidade (essência da dialética materialista) e tem no Estado uma de suas manifestações, onde existir democracia existe ditadura, sendo democracia para os dominantes e democracia para os dominados independente da forma na qual elas estejam revestidas.

O progresso econômico atingido pela Europa no século XVIII possibilitou um grande salto na democracia com o advento das revoluções burguesas que instauraram a república democrática. A república democrática provocou uma modificação radical nas relações sociais e consolidou o domínio da burguesia, permitindo a consolidação dos estados nacionais e os direitos e liberdades democráticas. Entretanto seu caráter de classe exploradora a levou a reforçar o seu caráter de força pública especial de repressão, pois a república democrático-burguesa era ao mesmo tempo ditadura sobre as amplas massas de operários.

Embora a república democrática tenha criado as condições para que o proletariado atingisse grau de coesão e união necessário à organização de sua classe, a democracia para a classe operária e as amplas massas só se dará com a incorporação de toda a população nas funções de controle e administração pública, não sendo suficiente para isto apenas a tomada do estado burguês e sim sua destruição completa. A extinção do estado só poderá se dar à partir da socialização dos meios fundamentais de produção e distribuição e da



*Revolução Francesa: as revoluções democráticas burguesas na Europa instauraram as Repúblicas Democráticas*

se desenvolve como polícia, cadeia e instituições coercitivas diversas, instrumentos para garantir às classes dominantes o poder político.

O desenvolvimento das forças produtivas, limitado pelas relações de produção dele derivadas, atíça o conflito de classes transformando-o em antagonismo que somente pode ser resolvido com a modificação das relações sociais existentes por outras novas que libertem as forças produtivas e impulsionem seu desenvolvimento num ciclo que se encerra com a abolição da sociedade de classes. A civilização, período que compreende a sociedade de classes, já percorreu até aqui o escravismo, o feudalismo, o capitalismo e entra definitivamente no período de transição para o comunismo.

estágios correspondentes ao grau de desenvolvimento e progresso obtido na produção até a abolição completa das classes. Assim a democracia atinge com o sistema capitalista a forma mais desenvolvida possível dentro de uma sociedade assentada na exploração do homem pelo homem e, ao mesmo tempo aponta para a abolição das classes, o desaparecimento do capitalismo e a própria superação da democracia.

É importante aqui compreender o Estado como a máquina burocrática-administrativa-militar e não o Estado nacional, a Nação, seu povo, seu território e sua cultura, confusão que ocorre comumente e de que será tratado mais adiante. Há que se fazer ainda à distinção entre sistema de poder e sistema de governo para



*A Revolta do Contestado: a História do Brasil é marcado por levantes e rebeliões de camponeses*

participação crescente de todos no controle e gestão pública, tarefas da construção socialista que para se concretizarem necessita que o estado proletário, ou seja, que as massas armadas sob a direção do proletariado, exerçam a supressão das liberdades e da democracia para as classes exploradoras e opressoras. A comuna de Paris demonstrou a necessidade da destruição da velha máquina burocrática estatal e os problemas apresentados pela experiência soviética e solucionados completamente com revolução chinesa comprovaram que somente com a ditadura do proletariado exercida de forma onímoda sobre a burguesia durante todo o período que abarca a construção socialista até a passagem a sociedade de classes se poderia destruir por completo o Estado Burguês e defender o Estado socialista de ataques e sabotagens ou mesmo da restauração capitalista, pois a burguesia embora dominada e expropriada continua existindo.

A experiência da revolução cultural proletária elevou a democracia proletária ao seu mais avançado patamar em toda a história da humanidade mobilizando centenas de milhares de massas trabalhadoras em torno de questões ideológicas e do poder. Expressão geral disso foi as "Comunas Populares" e na esfera da superestrutura e do poder político como condensação da ditadura e democracia proletárias os "Comitês Revolucionários Três em Um". A ditadura do proletariado existirá para e até fazer desaparecer todo e qualquer vestígio de classe e constitui a última forma de estado na história da sociedade de classes onde, ambas, proletariado e burguesia deixarão de existir. Assim, após instituir a democracia para a imensa maioria, a democracia proletária terá criado as condições para a superação da própria democracia.

A natureza de classe exploradora da burguesia determina seu caráter reacionário que passa a

predominar irreversivelmente a partir do momento em que a burguesia consolida seu poder e tem que lutar para mantê-lo. Com o desenvolvimento da livre concorrência surgem os monopólios que por sua vez conduzem a fusão do capital industrial e bancário dando origem ao capital financeiro e elevando o capitalismo a sua fase imperialista. O imperialismo é uma fase superior do capitalismo por que se trata de uma nova fase distinta da fase de livre concorrência. E ainda é uma fase particular, pois é capitalismo monopolista, traço fundamental, parasitário vivendo essencialmente da exploração das nações oprimidas e capitalismo moribundo pois o monopólio que cresce é já a agonia do capitalismo. Sendo a política a expressão concentrada da economia o imperialismo é em política uma tendência para a reação e a violência. A política colonial e a exportação de capitais são expressão da dominação que é mantida por força da guerra, o colonialismo passa a única alternativa dos monopólios para enfrentar a concorrência com o advento do imperialismo a burguesia jogou por terra as bandeiras de soberania nacional e democracia não sendo mais capaz de ir além de um simulacro de democracia. Não podendo seguir dominando a partir da adoção dos antigos métodos a burguesia em alguns momentos recorre aos métodos terroristas de governo e parlamentarismo sede lugar ao fascismo. O fascismo no poder é a ditadura terrorista mais descarada dos elementos mais reacionários do capital financeiro.

A lei do desenvolvimento desigual do sistema capitalista determina a impossibilidade do desenvolvimento econômico uniforme entre diferentes nações e estados, passam a ser constantes do capitalismo crises na indústria e guerra em política. A contradição entre imperialismo e as nações oprimidas passam a condicionar todas as relações dentro do sistema capitalista. A burguesia ao contrário do

que no período das revoluções burguesas passa agora a se apoiar nas relações pré-capitalistas existentes nos países atrasados. Dessa forma desenvolve um capitalismo de tipo particular, o tipo burocrático que é impulsionado a partir do capital financeiro sobre os capitais de origem feudais e comprador nos países coloniais e semi-coloniais. Esse capitalismo engendrado impede que a burguesia se desenvolva economicamente de maneira completa e independente. Essa debilidade econômica causará a burguesia também debilidade política e ideológica. Dessa forma, completar a conformação nacional e levar a cabo o movimento nacional, que neste período histórico é de libertação nacional passam a fazer parte das revoluções proletárias e inevitavelmente demandam direção do proletariado

Com a revolução Russa de 1917 rompeu-se o monopólio do sistema imperialista e a humanidade entra definitivamente na era das revoluções proletárias, da qual passam a fazer parte os movimentos de libertação nacional. Em consequência das lutas de libertação Nacional surge um outro tipo de ditadura que não pertence a velha categoria de democracia burguesa e nem ainda a pertence a democracia proletária. Lênin já alertava que caberia ao proletariado instaurar a revolução proletária na Rússia acabando com a servidão, pois a burguesia diante da sedução de algumas concessões feitas pelo czar chegaria no máximo a instauração de uma monarquia constitucional e que, embora o movimento nacional tenha conteúdo burguês necessita inevitavelmente da direção do proletariado e assim os soviets foram a expressão da ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato.

A Rússia embora conservasse características atrasadas sua condição de país imperialista lhe permitiu um desenvolvimento particular do capitalismo. No caso da

China se tratava de um país dominado pelo imperialismo de várias potências e apresentava um capitalismo atrasado e foi a revolução chinesa que resolveu definitivamente a questão da democracia nos países atrasados e sua passagem a construção socialista. O surgimento do partido comunista, a luta por tomar a direção do processo revolucionário e a conquista da hegemonia garantiu o triunfo da revolução após percorrer mais de 30 anos de luta armada, dos quais mais de 20 foram dirigidos pelo partido comunista que enfrentou várias contradições, problemas e guerras de diversos tipos com fases bem definidas dentro da revolução democrática.

Era a China um país colonial e semi-colonial que sofria a ação do imperialismo e das forças feudais e necessitava da revolução Nacional e democrática para por fim a sociedade colonial, semi-colonial e semi-feudal derrotando estes dois inimigos e preparar as condições para a edificação da sociedade socialista. O caráter da democracia nesta etapa é burguês porque não suprime a propriedade em geral apenas nacionaliza a grande propriedade monopolista porém é democracia de novo tipo por que, na época imperialista faz parte da revolução proletária e só pode ser dirigida pelo proletariado. Politicamente a revolução democrática tem por objetivo implantar a ditadura das classes revolucionárias sob a direção do proletariado, o que define o conteúdo e natureza desta democracia. Economicamente tem por objetivo nacionalizar o grande capital e as grandes empresas dos imperialistas e reacionários, distribuir a terra da classe latifundiária entre os camponeses, conservando a propriedade capitalista nacional, e assentar as bases da passagem ininterrupta ao socialismo.

A democracia burguesa de novo tipo ou nova democracia quanto ao sistema de estado estabelece a ditadura conjunta das classes revolucionárias e quanto ao sistema de poder estabelece o centralismo democrático, a política de nova democracia, a república de



*Não conseguindo submeter os índios, os portugueses trouxeram os negros africanos para servirem de mão de obra escrava*

da mecanização crescente apontada para a coletivização futura.

Com a revolução agrária o proletariado constrói sua hegemonia na direção da frente única questão fundamental para a sua ampliação na fase de libertação nacional. Nesta a contradição principal passa a ser ente o povo/nação e dominação imperialista, e em cada país deve ser apontado para a força agressora ou invasora que exerça a hegemonia no país. O programa do proletariado deve contemplar, nesta fase, todas as forças possíveis de serem unidas contra o inimigo comum. O proletariado deve ainda adotar o princípio de atrair ou neutralizar as forças intermediárias e isolar os obstinados anticomunistas para cercar o imperialismo e seus colaboradores. A revolução de nova democracia preconiza a destruição do velho estado e sua substituição pelo novo Estado revolucionário, cujo sistema de Estado é ditadura conjunta das classes revolucionárias e seu sistema de poder e governo a mais ampla democracia direta das forças trabalhadoras, nas formas de assembléias do Poder Popular. O proletariado propõe a conquista do poder numa luta prolongada que percorre um caminho de diferentes etapas, partindo da revolução agrária, combinando todas as formas de lutas possíveis para fortalecer sua via principal exercendo o poder com base na frente única e aplicação de seu programa imediato. A frente única é pois, desde seu início, o embrião do novo poder e do novo estado.

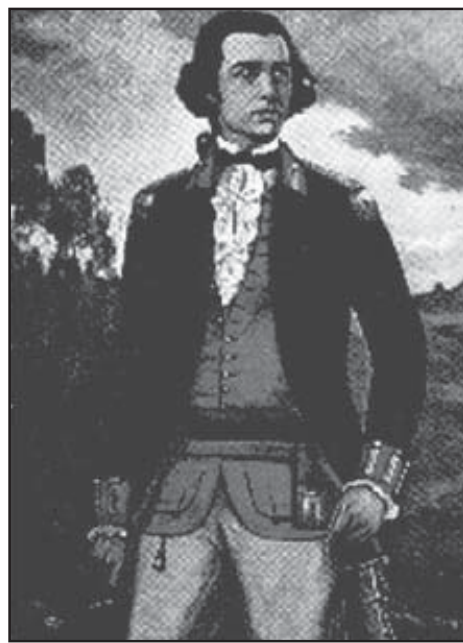
## II) A questão agrária e nacional

### 2.1) A formação das nações e das repúblicas democráticas burguesas na Europa

O grande Stalin em seu clássico trabalho “O marxismo e o problema Nacional e colonial” dá a seguinte definição de nação: “a nação é uma comunidade de pessoas, estável, formada historicamente, de idioma, de território, conexão econômica e identidade cultural comuns”. Logo a frente acrescenta: “O processo de liquidação do feudalismo e de desenvolvimento do capitalismo é, ao mesmo tempo, o processo de agrupamento dos homens em Nação”. A formação da nação é portanto a formação de seu povo em seu desenvolvimento concreto que se dá em um período histórico determinado, o período da ascensão do capitalismo e da burguesia enquanto classe revolucionária. O desenvolvimento econômico proporcionado pela ascensão do capitalismo fez com que surgissem, na Europa, os estados nacionais independentes: Portugal, Espanha, Inglaterra, França e Holanda que se

consolidaram definitivamente com a formação completa das nações.

A partir do século XI o desenvolvimento da atividade comercial e com ele o surgimento de uma nova classe, a burguesia proporciona o crescimento das cidades. Essas cidades no entanto continuavam a pertencer aos domínios do senhor feudal e as corporações, que se fortaleciam economicamente, lutavam para assegurar direitos que garantissem a expansão do comércio. Nesta luta conquistam certa independência e conquistam direitos importantes como a posse das terras na cidade e em alguns casos isenção de impostos. Entretanto isto ainda era muito pouco, os senhores feudais praticamente independentes, eram donos de seus feudos o que representava grandes obstáculos para o desenvolvimento das atividades comerciais, como taxações diversas e mesmo moedas diferentes de um feudo para outro. O desenvolvimento do mercado exigia a unificação das diversas regiões fracionadas dentro do sistema feudal e que só poderia ocorrer com uma organização central forte. A burguesia que neste momento já havia alcançado considerável poderio econômico financia o rei que se fortalece e promove a centralização acabando com o poder dos senhores feudais, nesta batalha entre as cidades e os senhores feudais o rei foi aliado das cidades por que isto representava fortalecer o seu próprio poder. No século XV são aprovadas as primeiras regulamentações de caráter nacional para a indústria em substituição às regulamentações locais, o comércio local começava a dar lugar a um



Tiradentes, grande líder da Conjuração Mineira

comércio nacional e as divisões territoriais se acentuam. Neste mesmo período é que surgem as literaturas nacionais e a escrita nas línguas inglesa, francesa, Espanhola e Portuguesa, onde antes predominava o latim. A conformação dos estados nacionais se

deu portanto como expressão e por consequência da unificação de regiões anteriormente dispersas dentro da Europa feudal da idade média.

A produção de mercadorias para o mercado nacional significou uma ampliação que criou o intermediário com a tarefa de fazer com que as mercadorias produzidas pelo mercado chegassem até o consumidor, surge a cooperação simples, em seguida a manufatura e com ela aprofunda-se a divisão social do trabalho. Os meios de produção do indivíduo se convertem em meios de produção sociais, sendo o artesão e o pequeno camponês expropriado por um lado e por outro ocorrendo à concentração dos meios de produção. Surge o capitalista que se apropria dos produtos e transforma-os em mercadorias. Embora o desenvolvimento do capitalismo tenha promovido todas essas mudanças significativas na estrutura econômica da França até o século XVIII o sistema feudal ainda se mantinha de pé a nobreza teve seus privilégios assegurados pelo estado e o clero continuava dono da maior parte das terras.

A situação do camponês havia se modificado bastante, já existia o acesso à terra pela compra entretanto continuava tendo que pagar pesadas taxas e serviços feudais. Existia ainda mais de 1 milhão de servos, no sentido mais atrasado da expressão, além das formas posteriores de servidão que foram desenvolvidas. O camponês pagava cerca de 80% do que produzia em impostos. Durante os séculos muitas foram as revoltas camponesas pela derrubada das regulamentações que chegaram inclusive a conquistar certas melhorias para o campesinato porém 2/3 das terras ainda se encontravam nas mãos da nobreza e do clero. A burguesia havia conquistado poder econômico e embora não fosse dona das terras possuía o capital e as oficinas, de onde vinha a riqueza da sociedade, era financiadora do estado e para completar sua obra à burguesia faltava o poder político. Era já uma necessidade sem a qual não se poderia vencer os obstáculos quem se opunham ao desenvolvimento completo do capitalismo, à grande indústria. A burguesia dirigindo a imensa massa de trabalhadores, artesãos, camponeses e pequenos comerciantes sepultou o feudalismo não só na França mas em todos os países da Europa por onde passou o exército de Napoleão. Aboliu-se a servidão, as taxas e serviços pagos aos senhores feudais foram proibidos e estabelecido o livre comércio e o direito dos comerciantes e industriais comprarem e venderem sem restrições e promovidas a divisão das grandes propriedades rurais. Expressão política da vitória da burguesia conforma-se a república democrática composta por um conjunto

de instituições de caráter novo em substituição as instituições feudais derrubadas, Marx em **O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte define assim a revolução Francesa:** “*Desmoulins, Danton, Robespierre, Saint Just, Napoleão, os heróis e os partidos e massas da grande revolução Francesa (...) terminaram a tarefa da época – que foi a libertação da burguesia e o estabelecimento da moderna sociedade burguesa. Os jacobinos revolveram o terreno no qual o feudalismo tinha raízes e abalaram e abalaram a estabilidade dos magnatas feudais que nela se apoiavam. Napoleão estabeleceu por toda a França as condições que tornaram possível o desenvolvimento da livre concorrência, a exploração das terras depois da divisão das grandes propriedades, e a plena utilização da capacidade de produção industrial do país. Através das fronteiras por toda a parte fez a derrubada das instituições feudais...*”

Dentro do sistema feudal a terra é o elemento principal da produção estando o próprio servo fixado e subjugado a ela e não poderia abandoná-la, era o “gado humano” necessário à produção na terra” de onde provinha praticamente toda a riqueza. Ao contrário o capitalismo na agricultura tem por objetivo a produção de mercadorias para a venda obtendo seu lucro a partir da extração da força de trabalho do operário agrícola. Além disso a uma importante parcela da produção industrial depende da intensificação da produção agrícola. Assim o desenvolvimento de relações de produção capitalistas no campo é uma necessidade para a elevação da produção necessária ao abastecimento do mercado nacional. A passagem da forma de produção agrícola feudal para a capitalista na França se dá pela via revolucionária na qual todos os resquícios de poder político dos senhores feudais são exterminados. Criando as bases da grande indústria e elevando o capitalismo a condição de sistema hegemônico no mundo. Léo Huberman em **A história da riqueza do homem** fala assim do longo período que se encerra com a Revolução Francesa: “*Dentro da estrutura feudal de sacerdotes, guerreiros e trabalhadores, surgiu um grupo da classe média. Através dos anos ele foi ganhando força. Havia empreendido uma luta longa e dura contra o feudalismo, marcada particularmente por três batalhas decisivas. A reforma Protestante, a revolução Gloriosa na Inglaterra e a revolução Francesa. No fim do século XVIII era bastante forte para destruir a velha ordem feudal .... O ano de 1789 poderia ser considerado o fim da idade média, pois foi nele que a revolução*



francesa deu o golpe mortal no feudalismo.”

A burguesia ao instituir a república democrática consolida de vez o seu poder, nesta transformação perde seu caráter de classe revolucionária e sua natureza de classe exploradora que necessita exercer a ditadura sobre o proletariado para manter sua existência e seu poder faz com que cada vez mais se acentue seu caráter reacionário. Assim as liberdades concedidas pela república democrática já não atendem aos propósitos da burguesia e das mãos do próprio Napoleão é restaurada a monarquia na França num golpe em que ele mesmo se coroa imperador.

## 2.1) O processo de conformação da nação brasileira

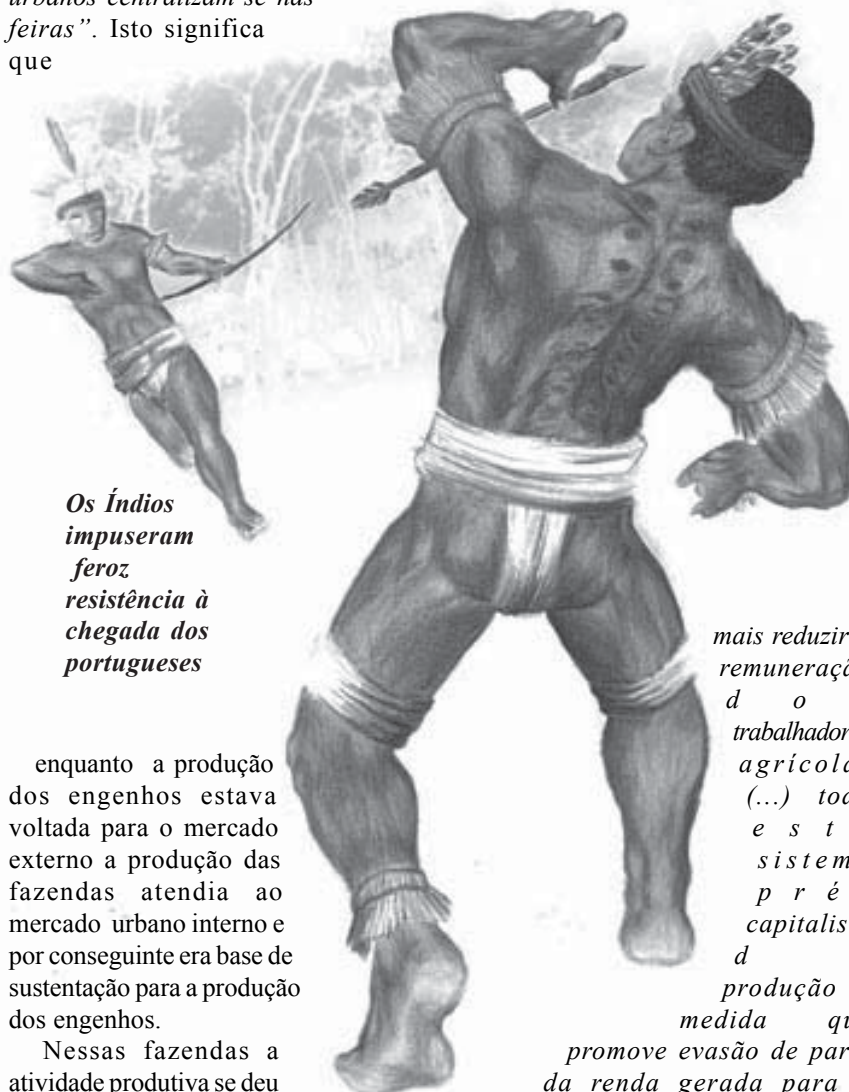
### O sistema agrário brasileiro

Em 1500 se dá a invasão do território brasileiro pelos portugueses. Portugal vivia a desagregação do sistema feudal e o desenvolvimento do mercantilismo. Em consequência da expansão comercial chegam até o Brasil e algumas décadas após dão início ao processo de colonização que se dá com base no monopólio da terra reproduzindo aqui as relações de produção, vassalagem e suserania, predominantes na Metrópole. Dividem o território brasileiro em longas extensões de terras denominadas capitanias hereditárias e implantam o regime de sesmaria, no qual essas capitanias foram entregues a senhores que **exerciam poderes absolutos sobre propriedades e pessoas**. Quanto ao caráter do regime de propriedade, de administração e organização era feudal com base na exploração da mão-de-obra escrava. O caráter colonial se expressava no fato de que sua economia não se dava em função do mercado interno, que praticamente não existia, mas para o mercado externo.

A cana de açúcar emergia como um produto dos mais cobiçados e de preço elevado do comércio internacional e o seu cultivo representou a concretização do modelo feudal português no Brasil com a monocultura em grandes extensões de terra, voltada para exportação. A lavoura açucareira e o Engenho das regiões litorâneas são as características fundamentais da origem do sistema agrário brasileiro, que no fundamental se mantém até os dias atuais. “Os engenhos haviam de ser uma unidade produtora autônoma e forte, sua força residia menos na riqueza do que nos privilégios que lhes eram conferidos possuem as torres, as armas, o monopólio feudal da terra, o domínio sobre as coisas e sobre os homens”.

As chamadas fazendas como parte do mesmo objetivo de colonização do território, domínio latifundiário, serão

implementadas no interior, sobretudo no sertão nordestino, inicialmente através da atividade pecuária e que depois serviria para designar também atividades relativas à agricultura. Segundo Alberto Passos Guimarães em **Quatro séculos de latifúndio**: “as atividades urbanas muito pouco deveriam contar com o concurso dos engenhos, aos quais se opunha por definição histórica. Entretanto, os interesses econômicos da fazenda (da pecuária, principalmente) convergem para os mercados urbanos centralizam-se nas feiras”. Isto significa que



Os Índios impuseram feroz resistência à chegada dos portugueses

enquanto a produção dos engenhos estava voltada para o mercado externo a produção das fazendas atendia ao mercado urbano interno e por conseguinte era base de sustentação para a produção dos engenhos.

Nessas fazendas a atividade produtiva se deu com base num outro tipo de relações de produção. Ao trabalho no interior que não contava com a presença e vigilância direta do proprietário e que enfrentava a escassez de braços para o trabalho corresponderiam de maneira mais satisfatória as formas de servidão, propriamente dita. Aí serão utilizadas relações de parceria, meia, terça, quarta que permitem ao proprietário viver como parasita da renda obtida a partir da exploração do trabalho do camponês ou de uma pequena produção que vai surgindo em alguns casos a partir do acúmulo deste trabalho. “O sistema latifundiário feudal – colonial está constituído para exportar toda a sua produção e, ao fazê-lo, por definição exporta também parte das rendas e dos lucros produzidos, cedendo-os aos trustes compradores internacionais. Para que tal mecanismo de sucção funcione sem prejuízo da parte que cabe a classe latifundiária, esta

transfere para os seus trabalhadores e para a população do país onde se situa, o ônus decorrente deste processo de espoliação (...) o sistema latifundiário exige como peça inseparável de seu mecanismo, a organização de uma rede de intermediários-compradores que atuam não só no sentido de facilitar a transferência da parte dos lucros especulativos para as mãos dos trustes internacionais, como no sentido de ainda

Retirada do Jornal A Nova Democracia

mais reduzir a remuneração dos trabalhadores agrícolas (...) todo esse sistema prático e capitalista de produção à medida que promove evasão de parte da renda gerada para o exterior, descapitaliza o país e limita o desenvolvimento industrial; e, a medida que comprime o poder aquisitivo das massas rurais limita a expansão do mercado interno”<sup>22</sup>

O regime de sesmarias deixa de existir oficialmente em 1822, momento em que grandes massas da população camponesa ocupavam terras numa escala crescente no sentido de ampliar a fronteira agrícola. Tempo em que o café já se difundira e ocupava grande parte das fazendas. Em 1850 é aprovada a lei de terras que define o acesso à terra somente mediante a compra, com o objetivo de impedir que a imensa massa de camponeses que já se insurgia em luta pela posse da terra pudesse conquistá-la e, principalmente, para criar as condições para a libertação da imensa massa de escravos que se tornariam assalariados na produção cafeeira ou viveriam sobre a exploração semi-feudal no campo. Assim se consolida o sistema agrário brasileiro conjugando a

produção latifundiária voltada para exportação e a pequena produção camponesa em que, a segunda é subjugada pela primeira.

### As lutas nacionais

A nação brasileira ainda de conformação incompleta tem sua origem no século XV com a chegada da burguesia mercantil portuguesa. Aqui viviam os povos nativos, que resistiram bravamente ao processo de escravização que os portugueses tentaram lhes impor. Não conseguindo submeter os índios, os Portugueses trouxeram para o Brasil os negros africanos para serem utilizados como mão-de-obra escrava dentro do sistema colonial. É do estabelecimento de relações entre estas três nacionalidades, em que o colonialismo português conforma uma estrutura estatal burocrática com leis e instituições para submeter o negro e o índio, é que se dará início ao processo de conformação da nação Brasileira.

A primeira luta de caráter nacional se dá contra os holandeses, na defesa do território diante da invasão estrangeira, época em que os Reinos de Portugal e Espanha haviam sido unificados sob o domínio Espanhol, e que portanto o Brasil se encontrava sob o domínio da Espanha. Nesta batalha ora se unindo aos espanhóis, ora aos portugueses a população sustentou vários anos de enfrentamentos. A primeira invasão holandesa ocorre na Bahia em 1624. Os holandeses conseguem ocupar o território e dispersar as forças da resistência, o comando militar inicia sua reorganização e delibera a proibição de qualquer tipo de cooperação com os holandeses sob pena de condenação à morte por traição, são reunidos cerca de 2000 homens entre a população do recôncavo com a participação de índios e negros e reiniciam-se os combates. Numa emboscada o comandante Van Dorth, é morto e as tropas Holandesas se desorganizam completamente até que em 27 de abril de 1625 os holandeses se rendem e no dia 30 completa-se a capitulação com a aceitação de todos os pontos de rendição.

Cinco anos mais tarde mantidos os intentos de dominar o Brasil os holandeses invadem Pernambuco e a cidade de Olinda é tomada. Conforma-se o Arraial de Bom Jesus que se tornou o centro para onde afluía a população que se incorporava à resistência e que aumentava dia-a-dia. Os holandeses tomam Recife, neste momento a Espanha decide enviar 2000 homens, 1000 para o centro da resistência, os embates seguintes deixam os flamengos em difícil situação que só se modifica com a traição de Calabar que passa a dar orientações aos flamengos colocando a serviço

No ano de 1638, investem sobre a Bahia mas são derrotados. Em 1640 os Portugueses retomam o domínio de seu reino e para ter a Holanda como aliada na guerra contra a Espanha faz um acordo de trégua com os holandeses. Em 1642 os colonos de São Luiz insurgem contra os flamengos que são expulsos no ano seguinte. Enquanto isso Dom João IV na Europa condena oficialmente a resistência e envia ordens ao Governo Geral para reprimir a insurreição e recolher os mestres de campo, capitães e soldados que tivessem aderido a ela. Em 1645 as forças militares insurgem em Pernambuco e se dá a épica batalha dos Guararapes que antecede a libertação de Olinda e em seguida a tomada do Forte de Santa Cruz.

Foi na luta contra os holandeses que ocorreu também a primeira participação marcante das mulheres na luta do povo brasileiro, quando no ano de 1646 as tropas holandesas que já estavam praticamente confinadas em Recife e sofria pela falta de viveres envia um comando de 600 homens para invadirem o distrito de Tejucupapo, no município de Goiana região metropolitana do Recife. No local praticamente só se encontravam mulheres já que os homens estavam espalhados na preparação de emboscadas aos holandeses. Mulheres, velhos e crianças sob a direção das mulheres se armaram da forma que puderam, combateram e fizeram com que o inimigo recuasse, voltando a embarcar para Recife, num episódio que ficou conhecido como a epopéia das heroínas de Tejucupapo.

Somente em 1653 chegam ao Brasil tropas lusas que tinham não o intuito de combater os holandeses que já haviam sido derrotados, mas sim o de reorganizar o domínio da Coroa Portuguesa. Embora este fato seja, sem dúvida, o surgimento do povo brasileiro e da identidade Nacional, as condições concretas do desenvolvimento econômico de base colonial permitem novamente reestruturação da dominação Portuguesa.

No século XVIII começou a insurgir no Brasil uma série de movimentos de caráter republicano e emancipatório. O Antigo Sistema Colonial vivia grave crise em virtude da decadência do Regime europeu, debilitado pela chamada “guerra comercial” decidida em favor da Inglaterra e posteriormente arruinado pela Revolução Industrial ocorrida neste mesmo país. Além disso a Independência dos Estados Unidos (1776) e principalmente a Revolução Francesa (1789) representaram a passagem definitiva do capitalismo comercial para o industrial. Os movimentos Conspiração Mineira e a Conjuração Baiana foram os primeiros a se levantar contra o pacto colonial. A conspiração mineira e a Conjuração Bahiana representaram o mais alto

desejo de libertação da nação diante da exploração da Coroa Portuguesa e reivindicaram independência, liberdade e democracia para garantir a desenvolvimento científico e cultural da nação com a utilização das riquezas em benefício do país e a promoção da industrialização e da educação para o povo. Entretanto mais uma vez as condições concretas do desenvolvimento econômico impediram que o movimento Nacional pudesse adquirir um caráter mais conseqüente. A debilidade de uma recém surgida burguesia numa nação que se

do século XVIII e vivia-se o momento de uma intensa opressão fiscal que marcou o governo do Marques de Pombal. Esses fatores levaram a um acirramento das contradições entre a colônia e a Metrópole. O anseio por libertação se agiganta e sua fusão aos ideais republicanos dos revolucionários, dentre os quais se estava Frei Caneca, permitiram que o movimento conseguisse a adesão de amplo setor da sociedade, principalmente das camadas populares (que determinou caráter do movimento) e até mesmo de uma parcela de setores



*Cabanagem: a rebelião das massas no Pará*

encontrava ainda num elevado grau de dispersão econômica, constituía uma grande limitação que impedia identificar que só seria possível romper o domínio colonial revolvendo a base da dominação colonial, a estrutura agrária brasileira, e impedia, principalmente, lograr reunir o conjunto de forças necessárias para levar a cabo transformação tão radical. Desataram-se ainda outros movimentos como a Conjuração do Rio de Janeiro em 1794, a Conspiração dos Suaçunas em Pernambuco (1801) e, destacadamente a Revolução Pernambucana de 1817. A produção canavieira havia entrado em decadência em Pernambuco no final

abastados da sociedade local que se encontrava também submetida à opressão. Assim se desata o movimento que desperta uma brutal reação por parte da Coroa Portuguesa. Entretanto anos mais tarde, os desdobramentos do movimento de 1817 levaram, no ano de 1824, à deflagração da Confederação do Equador. Subsistiam as mesmas condições objetivas de crise econômica e espoliação da Nação e também os elementos subjetivos dos mesmos ideais, novamente erguidos pelos mesmos revolucionários de 1817, tendo a frente Frei Caneca. O movimento teve a adesão dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte e

Paraíba, onde se passou a organizar milícias populares para dar combate às tropas monarquistas de Dom Pedro I. Desde 1821 brigadas já estavam sendo compostas com a participação de mulatos, negros libertos e militares de baixa patente. Em 1822, sob a direção do principal expoente dos republicanos no Ceará, Tristão Gonçalves, foi travada contra as forças reacionárias do Maranhão, a batalha mais sangrenta pela conquista da independência. Com financiamento do capital Inglês a Coroa incrementa seus mecanismos de repressão e consegue prender os principais líderes do movimento dentre eles inclusive Frei Caneca que recebe a condenação de degola e que após a recusa de 3 carrascos em executá-lo matam-no fuzilado.

Durante as últimas décadas do século XVIII e as primeiras do século XIX Portugal cada vez mais dependia economicamente da Inglaterra, que agora via o Brasil como um promissor mercado fornecedor de matérias primas e consumidor das mercadorias produzidas na sua grande indústria. A abertura dos portos em 1808 e os tratados de 1810 já demonstram que Portugal havia perdido o monopólio do comércio no Brasil e que este passava ao domínio do capitalismo inglês. Assim, em 7 de setembro de 1822 o Brasil se torna definitivamente uma colônia da Inglaterra mantendo-se aqui a mesma estrutura de dominação implementada pelos portugueses com base no modelo agrário do latifúndio monocultor voltado para a exportação, agora com a produção cafeeira que tanto lucro deu aos grupos monopolistas ingleses. Conserva-se a monarquia que constituiu um regime genocida para reprimir as manifestações e tentativas que tiveram o intuito de implementar medidas que assegurassem interesses nacionais.

A partir de 1830 se desenvolveu um novo ciclo de lutas republicanas com a Cabanagem no Pará, a Balaiada no Maranhão, a revolução Farroupilha Rio grande do Sul e Teófilo Otoni em Minas Gerais. Destas a revolução Farroupilha foi a que atingiu maior proporção sustentando um conflito armado por 10 anos durante o período de 1835 a 1845. O movimento teve como fator desencadeador imediato a taxaço do charque e dos derivados da produção animal, que era na realidade uma expressão particular da espoliação a que a Nação continuava sendo submetida. Os rebeldes tendo, a frente Bento Gonçalves, chegam a proclamar a república Riograndense e a revolta se alastra até Santa Catarina, onde é proclamada a república Juliana na qual se destacaram as figuras de Canabarro, Garibaldi e Anita. Porém mais uma vez o aparato genocida e repressor do império conseguiu sufocar a revolta após sucessivas derrotas sofridas pelos rebeldes.



Em 1888 ocorre a chamada abolição da escravatura com a promulgação da Lei Áurea que não se dá antes da lei de terras de 1850. Representantes da própria aristocracia cafeeira eram favoráveis à abolição afim de que fossem libertados braços de trabalho para o capitalismo que começava a ser implementado no Brasil pelos ingleses, que no Brasil contrário ao ocorrido na Europa não modificou as relações de feudalidade existentes no país mais que isto se assentou nelas, o que mais uma vez significa que não ocorreu nenhuma alteração na estrutura agrária do país mantendo o monopólio da terra e impedindo o acesso a ela por parte do povo pobre. Um destacado abolicionista brasileiro, o engenheiro André Pinto Rebouças, sustentava que a abolição da escravatura só cumpriria seu objetivo se os ex-escravos tivessem acesso a terras para cultivar. E que, tais medidas não apenas garantiriam o sustento dos negros como também contribuiriam para o desenvolvimento do país. Analisava ele a estrutura fundiária brasileira da seguinte maneira: *“Para quem estuda os fenômenos sociais não há crime maior que o monopólio da terra; é o fator principal da escravidão e da servidão da gleba, disfarçados atualmente em ‘sweating’ e num salário forçado; é o produtor satânico de toda a miséria e de todos os horrores de anarquismo e desespero que ora afligem o velho e o novo mundo.”*

Um ano após a “abolição da escravatura” ocorre a “proclamação da república” no Brasil que se dá fundamentalmente a partir dos interesses das oligarquias rurais semi-feudais e burgueses compradores, principalmente os cafeicultores do oeste paulista que cerca de duas décadas antes da “proclamação” já haviam se conformado no PRP - Partido Republicano Paulista – defendo o fim da monarquia e da escravidão e o federalismo que garantiria a autonomia estadual. E com estas bandeiras conseguiram a adesão de alguns setores urbanos e das elites regionais. Poucos anos antes após a guerra do Paraguai o exército se estruturou e surgiram várias escolas militares formados na ideologia positivista, com a concepção de que caberia a elite governar, enquanto caberia ao povo trabalhar. A frente deste processo esteve o marechal Deodoro da Fonseca, um monarquista, demonstrando que este movimento se deu a partir da composição de interesses das classes dominantes. Novamente se mantém intacta a estrutura agrária do país. Esta composição entre oligarquia rural, burgueses compradores e militares positivistas deu a orientação política e ideológica da proclamação da república, que ocorreu sem a

participação das classes populares sem as quais nenhum processo republicano verdadeiro poderia triunfar.

*“A força do movimento Nacional é determinada pelo grau de participação que tem nele as extensas camadas da nação, do proletariado e dos camponeses”*<sup>3</sup>. Muito ao contrário disso ao serem mantidas as mesmas relações no campo manteve-se a miséria que assolava o campesinato pobre, lutas localizadas e espontâneas já haviam surgido e as massas do campesinato pobre, sobretudo no nordeste onde se manifestava de maneira mais evidente as atrasadas relações de semi-feudalidade, ansiava por uma direção. Em virtude das condições concretas do desenvolvimento social, como fator ideológico que conduziu este episódio predominou o aspecto religioso, entretanto é preciso entender que acima de tudo Canudos caracteriza um momento em que se agudizou a luta de classes e os camponês se batiam de frente com a arcaica e caduca estrutura agrária brasileira na luta pela posse da terra. O arraial de Belo Monte, antiga fazenda Canudos, se tornou um lugar para onde afluíam contingentes enormes de massas camponesas e chegou a ter uma população que em todo o estado da Bahia só era menor que a da cidade de Salvador. A forma de organização adotada em Canudos, onde todos trabalhavam em benefício próprio e que obtinha prosperidade, se tornou um problema para as classes reacionárias que logo se aterrorizaram *“o trabalho nas fazendas estava desorganizado porque a maioria das famílias estava sempre pronta para seguir conselheiro, muitos pequenos proprietários também vendiam seus bens e partiam para Canudos”*. Recorreram mais uma vez a repressão para sufocar pela força a luta das massas, contudo encontrou uma resistência feroz por parte dos camponeses e necessitou mobilizar um efetivo de 15 mil soldados, em combates que prosseguiram por meses. Canudos não se rendeu permaneceu de pé enquanto existiu vida, é uma demonstração da força e capacidade de luta do campesinato e de todo o povo brasileiro. Canudo é a revelação incontestada do caráter da “república” e quais os interesses de classe foram contemplados por ela.

Sobre esta base é que se desenvolveu no Brasil o capitalismo engendrado pelos ingleses. A esta época o capitalismo na Inglaterra já havia passado a sua fase imperialista. Nesta fase se manifesta de maneira evidente a lei do desenvolvimento desigual que rege o sistema capitalista e determina a impossibilidade do

desenvolvimento uniforme entre diferentes nações e estados. A contradição entre o imperialismo e as nações oprimidas passa a condicionar todas as relações dentro do sistema. Relações estas orientadas pelo domínio do capital financeiro, exportação de capitais e a política colonial. A burguesia submete as nações ou países atrasados a mais completa dominação impedindo que o capitalismo se desenvolva de forma independente e por conseguinte que a conformação nacional se complete. Fato que se dá a partir da união de três grandes forças reacionárias: imperialistas, grandes burgueses locais e latifundiários. Assim o capital financeiro inglês age sobre os capitais compradores e semi-feudais da produção cafeeira impulsionando o desenvolvimento de um capitalismo de tipo burocrático no país.

A opressão e exploração do imperialismo e da Grande Burguesia compradora fez despertar, a partir de 1920, movimentos contra o seu poder, processo que se condensou no movimento tenentista que representou a tentativa da burguesia nacional de conformar seu partido político através das forças armadas. O auge do movimento tenentista foi a coluna Prestes, movimento que percorreu todo o país durante 3 anos se voltando contra a opressão e as relações feudais imperantes e que durante três anos após marchar mais de 25 mil Km e de se confrontar várias vezes com as forças armadas reacionárias terminam a marcha de maneira invicta e penetram na Colômbia. Todo esse movimento que assumiu no país um amplo caráter popular foi canalizado pela aliança liberal que tinha a frente Getúlio Vargas.

Neste período o imperialismo ianque que iniciava sua penetração em nosso país encontra na Aliança liberal uma

alternativa para os seus planos de disputa com os ingleses. A Aliança após perder as eleições inicia o movimento armado que, com o lastro popular construído pelo movimento tenentista, consegue triunfar no ano de 1930. Em decorrência disto há um deslocamento da fração compradora da grande burguesia do centro de poder do Estado sendo substituída pela fração burocrática representada pela Aliança liberal. Com isso os latifundiários perdem parte do poder anterior mas logo Getúlio lhes recompõe mantendo-os como seu principal aliado e mais uma vez a estrutura agrária do país é mantida. Essa composição de classes serve amplamente aos interesses econômicos políticos e militares ianques e utiliza-se da máquina estatal para os financiamentos de empreendimentos industriais complementares, necessários e autorizados pelos ianques.

Ao contrário de representar o desenvolvimento independente do capitalismo no país aprofundou o capitalismo burocrático que apenas assumiu novas formas no plano econômico. Isso tem exigido sucessivas reestruturações no plano político e a atual crise do sistema imperialista mundial condiciona uma nova política caracterizada pela centralização dos capitais na qual a fração burocrática da burguesia já não é a melhor representante dos interesses ianques daí que ocorre o retorno da fração compradora ao centro do poder de Estado com o governo de Collor e se firma com FHC. Desde então predominado a política do capital financeiro ianque, de juros altos e a quebra das médias e pequenas empresas nacionais, no campo o latifúndio assume nova forma, recebe o nome de agronegócio, e com base nas mesmas relações aumenta dominação imperialista no país.

Dessa forma mantém-se o sistema latifundiário e o capitalismo burocrático, o primeiro como base de sustentação do segundo o que constitui o entrave para desenvolvimento e prosperidade da economia nacional, problemas que só podem ser resolvidos com a superação do capitalismo burocrático a partir da destruição do sustentáculo da dominação imperialista, levando adiante o processo de independência nacional e completando a conformação da Nação.

#### Notas

- 1 - *A origem da propriedade privada do Estado e da família* - F. Engels
- 2 - *Quatro séculos de latifúndio* - Alberto Passos Guimarães
- 3 - *O Marxismo e o problema Nacional e Colonial* - Josef Stalin
- 4 - *Barão de Geremoabo*.



*Frei Caneca lutou incansavelmente contra o domínio colonial*

# Organizar comitês de defesa da Revolução Agrária

A luta pela terra é a pedra de toque da revolução brasileira. Os camponeses na sua contenda contra o latifúndio permanecem constantemente mobilizados e no país inteiro existem milhares de áreas tomadas. Os camponeses se organizam e enfrentam o latifúndio, seus pistoleiros e o Estado. Constantemente camponeses são assassinados e existem presos políticos que são bárbaramente torturados nas prisões. Isso são evidências de que no Brasil, a luta de classes no campo alcança os maiores níveis de encarniçamento, demonstrando que é aí que se encontra a principal contradição a ser resolvida.

Os últimos anos têm provado aos camponeses em geral que a Reforma Agrária do governo é uma farsa, o governo não fez mais que aplicar a política dos grandes criadores de gado, produtores de soja e grandes madeireiros. Somente a Revolução Agrária dará terras aos camponeses. O movimento camponês revolucionário conclama: “tomar todas as terras do latifúndio!” e ameaça uma verdadeira avalanche de tomadas de terra por todo país. Existe uma situação de efervescência no campo e em muito pouco tempo milhares de camponeses se levantarão para varrer tudo que há de atrasado na sociedade brasileira. Caberá ao movimento estudantil e aos estudantes escolherem de que lado se posicionarão.

### A Revolução Agrária e o Movimento Estudantil

O Movimento Estudantil sempre teve o papel de defender, apoiar e participar ativamente da luta do povo.

A Revolução Agrária está intimamente ligada com a luta pela democracia nas universidades e no país. A principal base da democracia é a terra pra quem nela vive e trabalha. Todos os anos são jogados no mercado milhares de profissionais formados nas universidades, sem emprego para todos, formando um exército de reserva qualificada impondo aos trabalhadores impondo péssimas condições de trabalho. As pesquisas desenvolvidas são voltadas para os lucros das multinacionais e do agronegócio. Nessas condições, como se pode então falar de democracia nas universidades? É necessário libertar nossa sociedade do domínio semifeudal e semicolonial, para dessa forma libertar o



MEPR participa do encontro de fundação da Liga dos Camponeses Pobres do Pará e Tocantins

desenvolvimento científico e a produção científica nacional.

Nessa sociedade o campo e a cidade estão relacionados de uma forma profunda. Os salários pagos aos operários da cidade são tão baixos devido a exploração semifeudal dos camponeses no campo. Existe um grande número de desempregados, de sem teto e miseráveis na cidade por que os camponeses são expulsos de suas terras pelo latifúndio, e vão para a cidade tentar melhorar sua vida, portanto não passa de demagogia afirmar que vai resolver o problema do desemprego sem resolver o problema da terra, pois é evidente que pra resolver esse problema é necessário terra para o povo trabalhar. Além disso a economia é completamente dominada pois se de um lado existem latifúndios improdutivos, milhares de hectares de terras vazias, do outro existem os latifúndios que tem sua produção baseada na monocultura para exportação impedindo o desenvolvimento da economia nacional e enriquecendo os ianques.

O movimento estudantil deve ser caixa de ressonância dentro das escolas e universidades das lutas do povo. Tudo o que acontece no campo como prisões, reintegrações de posse, assassinatos, injustiças, o movimento estudantil deve ser o primeiro a denunciar, organizar debates e campanhas de solidariedade.

### Organizar os Comitês de Defesa da Revolução Agrária

Organizar os Comitês de Defesa da Revolução Agrária é uma das principais tarefas do movimento estudantil revolucionário hoje. O movimento estudantil deve unir em um comitê estudantes, professores, funcionários democráticos e

intelectuais honestos em defesa dos camponeses pobres e fazer repercutir por toda a sociedade a justa luta dos camponeses pobres.

Organizar os CDRA's, fazer através dele denúncias nas universidades, escolas e em toda sociedade, realizar campanhas contra prisões políticas, organizar solidariedade de advogados e campanhas de arrecadação de alimentos, roupas, remédios, etc. Esse é um chamado que fazemos a todos os estudantes. O movimento estudantil tem diversas formas de contribuir com esta luta, como por exemplo, enviar estudantes para as áreas revolucionárias (tomadas de terra revolucionárias) com o objetivo construir Escolas Populares colocando assim seu conhecimento a serviço do povo. Quando o exército empreendia sua campanha genocida contra camponeses rebelados de Canudos, estudantes universitários baianos denunciavam o massacre nas faculdades, declarando apoio a justa luta do povo. A resistência de camponesa de Trombas e Formoso, estudantes goianos responderam com mais luta contra o estado e apoiando diretamente à resistência popular.

A inevitável explosão da luta camponesa, todos poderão optar de que lado ficar, com o governo e os latifundiários a mídia reacionária, ou do lado dos camponeses pobres operários, e demais classes exploradas de nosso país. Chamamos todos estudantes, professores, servidores e intelectuais honestos que não aceitam a situação de miséria, violência e fome que é submetido nosso povo, todos progressistas democráticos, a participarem da construção de apoio à luta pela terra e de defesa da Revolução Agrária, a se unirem para por fim a este sistema latifundiário que pesa sobre nosso povo a séculos.

### Liberdade para o líder camponês Wenderson Francisco dos Santos, o Ruço!

Ruço é militante da Liga dos Camponeses Pobres e encontra-se detido ilegalmente desde o dia 29 de setembro de 2005 no presídio Urso Branco em Rondônia.

Ruço está preso, contra a manifestação do Ministério Público, pôr decisão da Juíza Fabíola Cristina Inocêncio, da 1.ª Vara Criminal da Comarca de Jarú, estado de Rondônia, que afirma textualmente o seguinte: “... sendo necessário destacar aqui, que o mesmo pertence à Liga dos Camponeses Pobres, a qual continua fazendo suas manifestações inclusive com o fechamento da ponte que liga esta Comarca ao sul do Estado, exigindo sua libertação, sendo propício que o recorrente, até o seu julgamento, esteja afastado destas, haja vista que a imputação criminosa que lhe é feita, ocorreu em uma destas manifestações, sendo assim, faz-se necessário a adoção de medidas para que a ordem pública não seja afetada. ...”

Diante das manifestações de entidades democráticas nacionais e internacionais que exigem a libertação de Wenderson, o companheiro da Liga dos Camponeses Pobres de Rondônia vem sofrendo toda sorte de ameaças. A transferência de Ruço para a famigerada Penitenciária Urso Branco, em Porto Velho, distante 400 Km de Jarú, onde moram seus familiares, é um seqüestro! Uma armação sórdida, ameaçando a vida do companheiro, para tentar impedir que a campanha por sua libertação revele ainda mais toda a podridão da farsa de democracia em que vivemos.

Nesse presídio o companheiro Ruço vem sendo torturado barbaramente de diversas formas. Durante alguns dias que seguiram o dia de sua chegada no presídio foi impedido de se alimentar e beber água, tendo, portanto, que beber água do vaso sanitário. E todos os presos são obrigados a se apresentarem para o banho de sol nus e ficar a tarde inteira sobre o sol escaldante contraindo queimaduras.

Nesse presídio é vetado a entrada de visitas, familiares e o contato dos presos com seus advogados.

O MEPR repudia a prisão do companheiro Ruço e chama à todos os estudantes a levantar uma grande campanha de solidariedade exigindo a liberdade do companheiro Ruço.

# Bárbaras, heroínas de nossa história!

*“Somente o povo concebe, cria e alimenta o herói, nasce das suas entranhas e são as suas necessidades”<sup>1</sup>*

A luta contra o domínio estrangeiro e pela conformação da nação brasileira compôs longas páginas de nossa história repletas de corajosas e cruentas batalhas protagonizadas pelo povo brasileiro. Estas batalhas forjaram figuras heróicas que marcharam à frente dos acontecimentos e que expressaram os anseios e as necessidades de nosso povo. A primeira grande luta de caráter republicano no Brasil, a Conjuração Mineira de 1789, expressou o grande desejo das massas por sua libertação. Diante das imposições econômicas e políticas impostas pela metrópole apontava o caminho da conformação da republica como via de concretização dos seus anseios e, ainda hoje, impressiona o programa da Conspiração em Minas que contemplava os revolucionários ideais liberais da época. Neste movimento de grande importância na luta pela conformação da nação brasileira a ação das massas gerou a heroína Bárbara Eliodora.

Nascida em 1759, Bárbara Eliodora foi a primeira poetiza brasileira. Mulher de singular beleza aos 20 anos se apaixonou pelo também poeta Alvarenga Peixoto com quem passou a ter um relacionamento amoroso. Alvarenga Peixoto foi um dos organizadores da Conspiração no país e Bárbara, foi para ele, muito além de um amor conjugal. Compartilhou com ele da vida intelectual e política envolvendo-se e participando ativamente na Conspiração. Num momento difícil, depois da denúncia de Joaquim Silvério dos Reis, Alvarenga tem um momento de vacilação e foi a grandiosidade e a firmeza de caráter de Bárbara que o impediram de capitular e delatar seus companheiros. Depois da morte de Alvarenga, no degredo em 1793, Bárbara toma para si a responsabilidade única da educação de seus 4 filhos e passa a administrar os bens restantes, resiste a todas as injúrias, acusações e humilhações da Coroa Portuguesa inclusive a de que teria ficado louca, versão difundida até hoje pela historiografia oficial numa tentativa de falsificação da história do povo brasileiro que tem por objetivo descaracterizar e marginalizar a história desta grande mulher que despertou a admiração das massas populares e dos setores mais progressistas da sociedade e que fez tremar de ódio as classes reacionárias.

A história de Bárbara Eliodora, por seu significado, pertence ao povo brasileiro e cabe a nós fazer o seu resgate e render homenagens a esta mulher que fora assim descrita e homenageada:

*‘Mulher tão linda,  
formas comedidas  
no rosto a calma e a serenidade  
nos olhos brilho,  
fulgor sem medidas  
mulher de ontem e hoje,  
sem idade  
Tu és Bárbara Eliodora  
(a mais bela flor).  
Mulher de fibra,  
inteligente e culta  
ama em versos,  
desdenha a covardia  
na nossa história  
já seu nome avulta  
por “liberdade ainda  
que tardia”  
Tu és Bárbara  
Eliodora (raio de alegria)”<sup>2</sup>*

A luta republicana no país mais uma vez se despertaria em 1817, com a revolução pernambucana, o movimento que logrou alcançar o mais avançado grau de organização de luta desta fase. Foi uma resposta direta a intensificação da exploração colonial, base sobre a qual se desenvolveram e ganharam força mais uma vez os ideais republicanos de liberdade e independência. A Revolução Pernambucana teve caráter marcadamente popular. O movimento se expandiu para os estados do Ceará, Paraíba e Rio Grande. E no Ceará sob a direção de Tristão Gonçalves, filho de Bárbara de Alencar, foi travada uma das batalhas mais cruentas pela libertação do jugo português. Desta realidade concreta, num momento em que as massas populares se levantavam em luta contra a dominação da Coroa Portuguesa exigindo sua libertação foi que surgiu, no Estado do Ceará, outra heroína de nome Bárbara, Bárbara de Alencar, já com 57 anos de idade e viúva, era mãe de 5 filhos dentre eles Tristão Gonçalves e Alencar, José Martimiano Pereira de Alencar (pai do romancista José de Alencar) e o padre Carlos José dos Santos, os três com os quais compartilhou os ideais e os embates da luta pelo triunfo da revolução pernambucana.

Foi a primeira presa política do Brasil, acusada de crime lesa-

majestade, de doar bens à causa revolucionária e de louvar a revolução servindo de exemplo aos rebeldes. Despertou o mais profundo ódio da Coroa que voltou sua fúria contra ela que novamente desafiou as forças reacionárias mantendo-se firme diante dos maus tratos e das humilhações sendo a única mulher a figurar entre os lutadores da Revolução Pernambucana. Teve seus bens confiscados, ficou presa em Recife, depois numa Fortaleza em Salvador juntamente com seus três filhos, foi condenada ao exílio em Portugal e só foi solta em 1820, depois do movimento Constitucionalista da cidade de Porto. Bárbara de Alencar juntamente com os rebeldes de 1817 nos deu exemplo de heroísmo e coragem não se rendendo e levando adiante a causa da libertação de nosso povo e contra a dominação estrangeira deixando às gerações futuras a tarefa de levar a cabo este que segue sendo o grande anseio e necessidade de nosso povo. E certa vez um poeta cearense ao contar a história de Bárbara Alencar assim disse:

*“Tomei palavras de sangue  
Tomei sangue de palavras  
Para continuar teu canto*

*Segui tua áspera caminhada  
Para expiar as dores de meu corpo  
E me acho carregado de mortos*

*Dos mortos que criaram raízes  
E se fizeram sal da terra  
E lã de aurora para tua noite*

*Das coisas do advento nós sabemos*



*Que outras Bárbaras virão por  
começado  
Os tempos do poder apodrecido*

*Outras Bárbaras virão por  
necessário  
Explodir as iras e essas feridas  
Em débito com a carne e a maldição  
de teus mortos*

*Outras Bárbaras virão por profecia  
Cumprir o que está escrito e o legado  
Da morte e do sangue que levará o  
nosso rosto”<sup>3</sup>*

Hoje a mais de dois séculos das lutas do período republicano a dominação estrangeira continua submetendo nosso povo a mais completa subjugação que se tornou ainda mais brutal no momento em que o capitalismo passou à fase imperialista, pois para manter sua



dominação sobre os povos do mundo o imperialismo, que tem a cabeça o Estados Unidos, esta nação imperialista que historicamente promove saques e massacres contra os povos e países e que constitui o mais odioso símbolo de opressão, segue desatando guerras cada vez mais violentas. Assim o imperialismo ianque que já havia promovido um genocídio no Afeganistão desatou, em março de 2003, a guerra contra o povo iraquiano como parte do seu mais recente plano de dominação imperialista do qual o Brasil é parte do butim já que possui riquezas inúmeras principalmente na floresta amazônica que é mantida sob extrema vigilância. Numa resposta imediata a esta ação agressiva por todo o mundo massas se levantaram contra a guerra imperialista e pela derrota das tropas assassinas ianques. Na Espanha e Alemanha gritavam “abaixo aos governos capitalistas”, na Turquia foi cercada a embaixada, no Cairo a abaixada dos EUA foi apedrejada e na Coreia chegaram a invadi-la. No Brasil um sentimento contra a dominação imperialista tomou conta da população e no dia 24 de março de 2003 foi dada uma contundente e combativa demonstração de repúdio dos brasileiros aos imperialistas do E.U.A com a manifestação em frente ao Consulado do EUA, organizada pelo MEPR, na qual foram arremessados vários coquetéis molotovs neste símbolo da intervenção ianque em nosso país e nesta manifestação a luta contra a dominação estrangeira revelou ao povo Brasileiro outra Bárbara, a estudante Bárbara de Almeida Flores.

A estudante Bárbara foi detida, com outros quatro estudantes, após um enfrentamento entre os manifestantes e os policiais que de maneira violenta a arremessou às chamas queimando seu rosto. Foi forjado contra ela um flagrante de que ela trazia consigo um coquetel molotov para acusá-la de “deter artefato explosivo e/ou incendiário”. Depois de horas ouvindo insultos e zombarias de policiais enquanto os representantes do Consulado do E.U.A eram com toda pompa recebidos pelo delegado a estudante foi levada para Bangu 6, onde ficou presa por cinco dias e só foi libertada devido à pressão das manifestações realizadas por todo o país exigindo a libertação dos estudantes presos. Mesmo ferida e diante das pressões e humilhações que esse Estado reacionário tentou lhe impor, a estudante Bárbara manteve uma conduta firme e corajosa. Ao ser perguntada sobre o que pensou quando viu que seu rosto havia sido queimado respondeu, de maneira simples e resoluta: “*nós temos que continuar nossa luta*”. O exemplo de Bárbara é um chamado a toda a juventude a levantar a bandeira da luta pela libertação de nosso povo e nos dá o

ensinamento de que não existe nada mais grandioso do que servir a esta causa. Por isso o significado da manifestação e a postura de serenidade e conduta firme e ativa de Bárbara que manteve a defesa da luta dos povos oprimidos em nome de sua libertação e o repúdio a agressão imperialista, transformou esta estudante, que então tinha apenas 21 anos de idade, no maior símbolo da luta antiimperialista em nosso país.

É exatamente por simbolizar da luta contra a dominação estrangeira que o Estado Brasileiro por subserviência aos E.U.A abriu contra ela um processo criminal e que mesmo sem ter provas das acusações que lhe foram feitas deu a ela uma sentença de condenação de dois anos. Querem e necessitam deter a luta popular e por isto tentam marginalizá-la e criminalizá-la estão atacando, na verdade, o direito de liberdade de expressão, manifestação e de organização. Mais uma vez a reação volta seu ódio contra os heróis do povo no intuito de sufocar a luta e adiar a inevitável vitória das massas que lutarão até se verem libertas. Que tremam de ódio e medo os imperialistas, pois o povo continuará gerando seus heróis e jamais os abandonará. Surgirão quantas Bárbaras forem necessárias à libertação de nosso povo e, mais, não é fácil assim destruir os heróis da luta do povo e este dará a reação provas disso. A luta contra o processo e a condenação da estudante Bárbara estreita ainda mais os laços que unem do povo Brasileiro à luta dos povos irmãos iraquianos, afegãos, palestinos e todos os demais povos que combatem de maneira implacável o imperialismo e por isso esta é uma luta de todos os estudantes e pessoas honestas, democráticas e progressistas contra mais uma ação absurda deste Estado reacionário serviçal do imperialismo ianque.

**Viva as heroínas da luta pela libertação Nacional!**

**Viva Bárbara Eliodora, Heroína da Conspiração Mineira!**

**Viva Bárbara de Alencar, Heroína da luta da Revolução Pernambucana!**

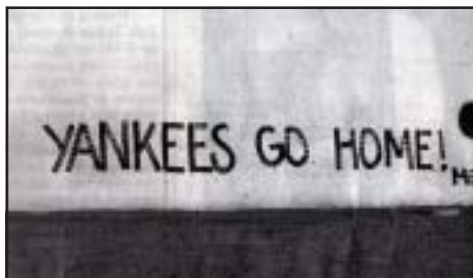
**Viva Bárbara Flores, Símbolo da luta antiimperialista no Brasil!**

- 1- Jorge Amado - O Cavaleiro da Esperança
- 2- História de Bárbara Eliodora - Célia Lamounier de Araújo
- 3- O Romanceiro de Bárbara – O legado – pág 79 – Caetano Ximenes Aragão

## Lutas

### Brasília – Ato contra Bush

04.11.2005



Em repúdio à visita de Bush ao Brasil, dezenas de pixações aparecem nos muros de Brasília.

### Rio de Janeiro – Ato contra Bush

04.11.2005



Contra o representante do imperialismo ianque em nosso país, dezenas de pedras foram lançadas no consulado dos USA. Cerca de 400 manifestantes participaram do ato.

### BH – Ato contra Bush

04.11.2005



Bandeira ianque arde em chamas contra vinda de Bush à América Latina.

# Greve nacional da Pedagogia

**ESTÁ INICIADA A GREVE NACIONAL DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA!!**  
Duas universidades federais e uma estadual já deflagram. **TODOS À GREVE!**

□ Estudantes de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás iniciaram, desde segunda-feira, dia 28/05/2006, GREVE pela revogação das DCNs do MEC Banco Mundial.



□ Reunidos em Assembléia no dia 06/06, estudantes de diversos períodos da UNIRIO decidiram iniciar GREVE pela revogação das DCNs curriculares do MEC/Banco Mundial. A partir do dia 07/06 iniciaram-se as atividades do Comando de Greve.



□ Estudantes da Universidade do Estado de Minas Gerais realizaram assembleia no dia 07/06 e indicaram pelo início da greve contra as DCNs.



□ Os estudantes de pedagogia da UFPR, em assembleia, decretaram greve no dia 12/06

## Outras greves

### Cuiabá – Passe Livre

15.05.2006

Os servidores do Colégio Pedro II (Rio de Janeiro) deflagraram Greve a partir de segunda (29/05) por tempo INDETERMINADO pelo não cumprimento, por parte do governo, do acordo feito na última greve da educação federal.

#### Greve na UERJ

Os professores e funcionários da UERJ estão em greve desde abril por mais verbas para a educação.



**\*AOS ESTUDANTES, FUNCIONÁRIOS E PROFESSORES DA USP, UNESPE UNICAMP QUE AINDA NÃO ENTRARAM EM GREVE\***

Nós, funcionários da USP, juntamente com os professores da USP, professores e funcionários da Unesp e Unicamp, do Centro Paula Souza e os estudantes estamos em luta na defesa de mais verbas para a Educação Pública e, em especial para as universidades estaduais paulistas.

Trata-se da manutenção da qualidade do ensino, da pesquisa, dos salários dos professores e funcionários, da contratação de mais professores e de barrar a terceirização e a precarização do trabalho, assim como, mais verbas para aquisição de equipamentos e materiais e uma política que garanta a permanência estudantil (moradia, refeitório e etc).

(...)

Por isso, na nossa Assembléia do dia 31/05/06, decidimos entrar em greve a partir do dia 08/06/06, aprovamos também um chamado aos funcionários da USP, Unesp e Unicamp, que ainda não decidiram aderir à greve, para que busquem organizar reuniões conjuntas nas suas unidades para discutir e decidir sua adesão à greve, somando assim suas forças à dos que já decidiram lutar.

A luta pelo passe-livre e contra o aumento da passagem de ônibus incendeia as ruas de Cuiabá. Os estudantes, que iniciaram a jornada de lutas no 2º semestre de 2005, já invadiram a SMTU (superintendência municipal de transportes urbanos) e queimaram pneus em avenidas para exigir seus direitos. No dia 15 de março, cerca de 2000 estudantes foram às ruas.

### Goiânia - Passe Livre

20.10.2005



Cerca de 400 estudantes participaram do ato contra o aumento da passagem (R\$1,50 para R\$1,80) e pelo passe-livre.

### Abaixo o processo contra os 9 estudantes presos na manifestação em Brasília no dia 22 de maio

Joana Maria Piassi, Rafael Ayan, Ciro Jordano, Flávio Pereira, Marcos Moraes, Natália Gomes, Enver Dias, Gabriel Rabelo e Wender Francisco foram detidos no dia 22 de maio na manifestação dos estudantes de pedagogia em frente ao MEC em Brasília juntamente com outros 21 estudantes, quando manifestavam pela revogação das DCN's para o curso de pedagogia..

Os 9 foram selecionados aleatoriamente pelos policiais para responderem a um processo por 5 crimes: desobediência civil, resistência à prisão, desacato a autoridade, agressão e depredação do patrimônio público.

Esse processo na verdade é um verdadeiro ataque ao movimento estudantil e fere nossos direitos de livre organização, liberdade de expressão e de manifestação.

O MEPR chama à todos os estudantes, pessoas e entidades democráticas a repudiar esse processo e exigir imediatamente o seu cancelamento.

# Primeira Conferência da Juventude Nova Democracia da Turquia

24 e 25 de Dezembro de 2005

**Juventude Nova Democracia é uma organização de juventude antiimperialista, antifascista e antifeudal.** Nós temos lutados por 17 anos. Nossa meta é levantar o movimento revolucionário da juventude que está do lado da Revolução de Nova Democracia na Turquia e no Kurdistan da Turquia. Nós somos uma força significativa no movimento revolucionário da juventude na Turquia. JND é uma organização semi-legal. Somos uma organização democrática de massas. Mas por causa da ditadura fascista, nós não podemos estabelecer uma organização revolucionária legal.

Essa foi a nossa primeira conferência. Como uma organização democrática de massas, conferências são importantes ferramentas para nós aplicarmos a democracia. Mas por causa da situação de nosso país e alguns erros políticos sobre a qualidade das organizações de massas, nós não organizamos uma conferência antes. **Essa conferência não foi uma conferência legal e havia uma grande possibilidade de algum ataque da polícia.** Mas durante a conferência a polícia não atacou-a, devido algumas razões: **primeiro**, nós organizamos nossa conferência onde na vizinhança as forças revolucionárias são fortes. Havia centenas de militantes se juntando à nossa conferência. Então um ataque poderia ser respondido por nós e enfrentamentos poderiam se espalhar. **Segundo**, havia delegados de outros países e havia presidentes de diferentes sindicatos que estavam participando de nossa conferência para demonstrar a sua solidariedade. Então um ataque da polícia poderia criar mais problemas para eles. Porém, ao redor do prédio onde realizamos nossa conferência estava cercado por centenas de policiais. Eles tentaram impedir pessoas de se juntar à nossa conferência. Depois da conferência a polícia seqüestrou alguns de nossos membros para obter mais informações sobre a conferência.

**Mais de 500 membros, apoiadores da JND e observadores participaram de nossa conferência.** Esse número poderia ser maior mas houve alguns obstáculos objetivos; Primeiro, nossas organizações fortes estão no Kurdistan da Turquia. A maioria de nossos camaradas que se

juntaram à conferência vieram de cidades curdas perto da fronteira Síria e Armênia. Eles tiveram que tomar entre 20 e 40 horas de ônibus. (Então eles precisariam de um espaço de tempo de uma semana – 2 dias vindo, 2 dias de conferência e 2 dias indo.) Também era uma semana de exames. Por causa disso muitos estudantes não foram em nossa conferência.

Haviam delegados internacionais participando de nossa conferência. **Nós damos importância em desenvolver solidariedade internacional e levantar o movimento da juventude antiimperialista.** Nós devemos unir, fortalecer nossos laços, aprender de cada um para nossa luta contra nosso inimigo comum, o imperialismo. Nós tivemos visitantes vindo do **Brasil** (Movimento Estudantil Popular Revolucionário), **Grécia** (Movimento Estudantil Militante), **Itália** (Bloco Vermelho), **Europa** (ATIK), **Noruega** (Comitê do Iraque Livre), **Suíça** (Construção Revolucionária). Também nós recebemos mensagens de solidariedade de todas as partes do mundo. Organizações democráticas revolucionárias da África, Grécia, Itália, Paquistão, Armênia, Bolívia, EUA, Holanda, Filipinas e etc. saudando e enviando suas calorosas cumprimentos à nossa conferência.

Haviam muitos representantes de sindicatos e organizações de massas para demonstrar sua solidariedade. Representantes do Sindicato dos Trabalhadores em Couro, Sindicatos Municipal dos Trabalhadores, Sindicato Democrático Revolucionário, Associação Cultural e Ambiental Munzur, Associação de Todos Camponeses Produtivos, Associação Internacional dos Advogados do Povo e diferentes organizações revolucionárias de juventude deram sua palavra em nossa conferência. Também, um revolucionário que teve sua loja de livros explodida por forças anti-guerrilha, Seferi Yilmaz se juntou e discursou (depois da explosão em novembro, pessoas capturaram membros dessa equipe anti-guerrilhas e encontraram documentos de agentes secretos. Massivas manifestações com a participação de centenas de milhares de pessoas no

Kurdistão da Turquia) e uma artista revolucionário que foi capturado e violado pela polícia em novembro, Sevda Yildiz se juntou a conferência. **Isso é muito importante para nós desenvolvermos a solidariedade revolucionária contra a opressão fascista. Todas as forças democráticas, progressistas devem unir-se contra o fascismo. Isso também é importante para fortalecer os laços entre o movimento da juventude e os movimentos populares.**

Durante a conferência, nós discutimos 3 principais assuntos. Eles eram:

- **O papel da juventude na luta pela democracia**

- **Movimento Antiimperialista da Juventude e a importância da solidariedade internacional**

- **Problemas organizacionais**

Nessas principais pautas, primeiramente, nossos camaradas fizeram uma intervenção para mencionar nossas políticas e depois das intervenções, nós passamos para a segunda parte: o fórum. Durante essa parte, qualquer delegado poderia fazer uma explanação do seu ponto de vista livremente.

Também, nós estabelecemos diferentes grupos de estudos. Esses eram **juventude operária**, juventude camponesa, **estudantes universitários**, estudantes secundaristas, **mulheres jovens**, a questão nacional e a juventude, **degeneração cultural e a juventude**, prisões e a juventude, **União Européia e a juventude**. Os

delegados puderam participar de qualquer desses grupos de estudos voluntariamente. E durante esses grupos de estudos, organizamos discussões de 2 assuntos para o resto dos delegados. Esses eram **“Privatização da Educação e nossa alternativa”** e **“Movimento de libertação nacional e social em nosso país”**.

Na principal pauta **“o papel da juventude e na luta por democracia”**, nós mencionamos que há uma relação direta entre democracia e a revolução. Nós podemos conseguir democracia realizando a Revolução Democrática Popular. Então, nós deveríamos organizar e lutar por essa revolução. Mais tarde, nosso camarada falou sobre o caráter e o caminho da revolução. Nós estamos vivendo em um país semi-colonial, semi-feudal. Então nossa revolução é uma Revolução de Nova Democracia e o caminho da revolução é a Guerra Popular. **A juventude deve se organizar para a Guerra Popular.** Nosso movimento deve apoiar a guerra de guerrilhas. Depois nós colocamos sobre a relação entre a luta legal e ilegal. Durante o fórum, nossos camaradas falaram sobre as dificuldades e a opressão na democracia, a luta legal e mencionaram a importância para a transformação revolucionária da sociedade.

A segunda principal pauta foi **“O movimento de juventude antiimperialista e a importância da solidariedade internacional”**.



Durante essa pauta, nós falamos sobre o aprofundamento da crise da sociedade capitalista-imperialista e a importância de levantar o movimento antiimperialista. A representação da ILPS deu uma visão geral sobre a situação corrente do movimento antiimperialista e nossas diferenças com o Fórum Social. Fórum Social não é uma organização antiimperialista. Ela é contra algumas políticas do imperialismo. Ele apóia somente reformas dentro do sistema imperialista. Ele tenta achar a solução na democracia burguesa. Porém nós devemos ser contra as bases da sociedade capitalista-imperialista. Nós devemos lutar pelo colapso do imperialismo. Depois, nós falamos sobre a posição da Juventude Nova Democracia no movimento antiimperialista da juventude em nosso país. Nossa principal tarefa é criar e levantar o movimento antiimperialista. Porque nas condições semi-coloniais, nossa luta antiimperialista e nossa independência tem ligações direta com nossa luta pela revolução. JND sempre tem sido linha de frente do movimento antiimperialista em nosso país. Depois nossos visitantes internacionais de diferentes países

fizeram intervenções sobre seus pontos de vista.

Em nossa terceira principal pauta, nós discutimos sobre “os problemas organizacionais”. Nós falamos sobre a importância do Programa da Juventude Nova Democracia. Também colocamos sobre o centralismo democrático, criando comitês da JND, a importância de encontros de membros e os princípios de luta em condições semi-feudais.

Nós grupos de estudos, nossos camaradas, reuniram e organizaram nossas políticas sobre os assuntos dos grupos. Nós publicamos a declaração final dos grupos de estudos para mostrar nossas políticas para juventude do povo.

Nossa conferência finalizou como o planejado com um pequeno show. O



entusiasmo e a moral de todos os delgados estavam no nível mais elevado. Nós voltamos para as nossas cidades com a promessa de todos os nossos camaradas de levantar a revolução na Turquia e no Kurdistão

da Turquia.

**Juventude  
Democracia  
04/04/2006**

**Nova**

## Birlik - Mücadele - Zafer!<sup>(1)</sup>

**“O mundo pertence a vocês, a vocês  
pertence o futuro do mundo”**

*Pres. Mao*

*Tsetung*

Como parte de nossa política antiimperialista o MEPR busca intensificar e expandir a solidariedade internacional com os povos e nações em luta, especialmente com a juventude democrática e antiimperialista dos diferentes países. Em tempos de hegemonia do revisionismo como parte da ofensiva contra revolucionária no mundo. Destacamos a Juventude de Nova Democracia, organização democrática revolucionária da Turquia, pela qual tivemos a honra de ser convidados a participar de sua primeira Conferência Nacional, realizada em Istambul nos fins de dezembro de 2005.

Na I Conferência da Juventude de Nova Democracia tivemos a oportunidade de observar e trocar experiências sobre a luta democrática e revolucionária da juventude com os camaradas turcos. A recepção calorosa ao MEPR e a luta revolucionária no Brasil durante a Conferência, expressam o profundo internacionalismo proletário presente. Apesar de todas as diferenças culturais entre os dois países, uma mesma política e uma mesma ideologia de nossas organizações conduzem a uma igual moral e conduta, a um único sentimento internacionalista, de inimigos em comum muitos são os traços que nos unem de forma indissolúvel a luta da juventude turca.

Logo do início da Conferência é exibido um filme em homenagem aos mártires da guerra popular membros do Comsomol (Juventude Comunista – TMGLB) e o significado do martírio da juventude na Guerra Popular. A plenária se enche de júbilo, palavras de ordem e aplausos se confundem ao passo que um a um se revezam as imagens dos heróis da juventude. Onderimiz Ibrahim, Ibrahim Kaypakaya! (Nosso líder é Ibrahim, Ibrahim Kaypakaya!). Seguem entoando as centenas de vozes, os mártires permanecem jovens e se mostram mais jovens nas vozes ressoantes desta juventude.

Bem como em nosso país, a Turquia é uma nação semicolonial, onde as políticas para a educação e a juventude são ditadas pelo imperialismo. A juventude enfrenta as condições de um país de capitalismo burocrático, onde faltam empregos, educação e atividades artísticas e culturais para os jovens. Os estudantes vêm enfrentando uma nova lei para o ensino superior semelhante a “reforma” universitária do governo Lula. Em contraposição ao fascismo, ao

reacionarismo a YDG difunde e organiza a discussão em torno do marxismo-leninismo-maoismo nas universidades. Estudando e difundindo a análise sobre a condição semi-feudal e semi colonial da Turquia e o caráter fascista do Kemalismo. Nas universidades a luta contra a privatização vem produzindo muitos embates com o estado fascista e diferentes organizações juvenis fascistas que atacam jovens revolucionários dentro das universidades.

Organizando ainda toda a juventude camponesa e operária, vem organizando as mais importantes lutas operárias camponesas e estudantis desempenhadas pela juventude turca. A participação massiva da juventude os inúmeros relatos de lutas e confrontos com o fascismo dão conta da importância da YDG na luta revolucionária na Turquia. Exercitando o internacionalismo proletário impulsionam ainda a construção da Liga Internacional de Luta dos Povos entre a juventude.

Como a aurora de um novo dia, se levantam entre escolas e universidades, nos campos e nas cidades, fruto das mais belas lutas do povo, a juventude. Como força mais ativa e vital na sociedade. Nova juventude de nova cultura, Juventude de Nova Democracia. para os povos, e os jovens de todo mundo.

A revolução turca, como Guerra Popular, se levanta diante do brutal fascismo como uma verdadeira torrente de ferro contra tudo que há de atrasado na sociedade. Uma chama que insiste em permanecer acesa e ameaça incendiar as montanhas e inundar as cidades. Prodígiosa e justa guerra, que há mais de trinta anos escreve as mais belas e luminosas páginas da história dos povos. O velho fascismo turco tem seus dias ultimados pela fúria do novo.

De 1972 aos dias de hoje parece existir uma só juventude, que não perece, mas se revigora e se agiganta acumulando vitalidade. O martírio de dezenas de jovens em mais de 30 anos de Guerra Popular não abala, mas desenha com chamas nos corações e mentes da juventude o caminho da liberdade.

Ao defender a juventude de nova democracia, exercitamos não apenas a solidariedade internacional mas fortalecemos a luta revolucionária da juventude no mundo em nosso país,

**Yasasin Yeni Demokratik Gençlik!!** (2)

(1) *Unir, lutar, vitória!-em turco*

(2) *Viva a Juventude de Nova Democracia- em turco*

# Bolívia: a nacionalização fictícia de Evo

*Faz um ano, Evo Morales e os sindicatos marchavam até La Paz para colocar abaixo a Lei de Hidrocarbonetos 3058, que o Congresso neoliberal havia aprovado para defender à petrolíferas. Hoje, o mesmo Morales, mediante decreto, decide aplicar a fundo a pró petroleira 3058 e diz sem rubor, que é a nacionalização.*

**Redação do  
Econoticiasbolivia.com**  
(www.econoticiasbolivia.com)

La Paz, 3 de maio de 2006 – O governo do presidente Evo Morales deu este primeiro de maio outra demonstração de sua vocação de por o volante para a esquerda e marchar para direita.

A anunciada e fictícia nacionalização dos hidrocarbonetos não é mais que a aplicação a fundo da lei 3058, aprovada faz um ano pelas forças neoliberais, que dominavam o congresso e o governo do ex-presidente Carlos Mesa, para defender o poder petroleiro ameaçado por uma gigantesca rebelião popular.

Essa lei outorgava 180 dias para as transnacionais petrolíferas, que operavam ilegal e inconstitucionalmente na Bolívia – segundo a opinião inapelável do Tribunal Constitucional – firmem novos contratos para poder seguir explorando as riquezas naturais do país. Essa lei oferecia legalizar as atividades das petrolíferas, impedindo sua expulsão reclamada pelos sindicatos, em troca de um aumento nominal de impostos até uns 50%. O decreto de “nacionalização” de Morales dá um novo prazo de 180 dias para que as petrolíferas se ajustem a essa lei, que entrega ao Estado o controle e propriedade formal dos hidrocarbonetos, mas que outorga as transnacionais a propriedade real e os maiores benefícios derivados da exploração, comercialização, exploração e industrialização do gás e do petróleo.

No dia 7 de abril de 2005, o Tribunal Constitucional declarou sem validade jurídica os 78 contratos com os quais Repsol, Petrobrás, Total, Enron, Shell, British Petroleum, Vintage e outras transnacionais exploravam as reservas de gás e petróleo da Bolívia, valorizadas atualmente em pelo menos 150 bilhões de dólares, as segundas em importância da América do Sul.

Segundo os cálculos otimistas do governo de Morales, com a aplicação do decreto de “nacionalização” o Estado boliviano obteria um investimento de aproximadamente 750

milhões de dólares, gerado pela recepção de impostos e regalias, incluídos os investimentos extraordinários temporários pela bolsa de valores nos megacampos de gás, ademais da limitada participação estatal na cadeia produtiva. Atualmente se estima que os investimentos gerados anualmente em toda cadeia hidrocarbonífera superam os 3,5 bilhões de dólares que se traduzem em sua maior parte em utilidades para as petrolíferas, dados os baixíssimos custos de operação, produção e comercialização.

Por isso, os especialistas e alguns altos funcionários do governo admitiram a imprensa que o decreto 28701 de “nacionalização” de Morales não tem nada de novo com relação à Lei de Hidrocarbonetos 3058, com a exceção da criação de impostos transitórios e a compra dos 3% de ações em duas empresas petrolíferas e do 17% na de transportes.

O presidente da estatal YPFB, Jorge Alvarado, dirigente do partido de Morales, admitiu ontem que o decreto 28701 “evidentemente” se assenta na Lei de Hidrocarbonetos 3058 e, por isso, mal se pode dizer que Bolívia está tratando de impor novas regras às empresas.

O paradoxo é que há um ano, Evo Morales e os sindicatos marchavam até La Paz para por abaixo a Lei de Hidrocarbonetos 3058, que o Congresso neoliberal havia aprovado para defender às petrolíferas, e hoje é ele mesmo Morales o que decide aplicar a fundo a Lei 3058 e disse, sem rubor, que é a nacionalização.

Os ex-titulares do Ministro de Hidrocarbonetos e a Superintendência do setor Mauricio Medinacelli e Carlos Miranda, respectivamente, coincidiram em que o decreto de Morales, no fundo, a única coisa que faz é dar as condições para a aplicação da Ley 3058.

Assim mesmo, o ministro de Hidrocarbonetos, Andrés Soliz Rada, assegurou ontem em uma conferência de imprensa que o principal aporte do Decreto Heróis do Chaco reside no aumento fiscal nos megacampos de hidrocarbonetos.

Para o analista Ronaldo Hurtado

Paravicini, advogado especializado em Direito Petrolífero, “a única coisa que o governo está fazendo é aplicar a Lei 3058. Não há nenhuma nacionalização, é só um espetáculo, um show para gerar mais votos para as eleições dos constituintes”, comentou.

Os especialistas concordam em que o decreto promulgado esta segunda-feira não é um regulamento da Lei de Hidrocarbonetos 3058, mas é um aporte ao que esta última estabelecia.

A vigência da Lei 3058 e o novo decreto de Morales fecham, por tanto,

a possibilidade legal de uma verdadeira nacionalização. Para muitos, incluindo os setores populares que apóiam Morales, a opinião do Tribunal Constitucional equivalia a uma virtual “nacionalização”, já que sem contratos legais e operando ilegalmente no país, todas as petrolíferas estrangeiras podiam ser expulsas de imediato da Bolívia e todas as reservas de gás que controlam, junto a seus investimentos e equipes, podiam passar ao Estado boliviano, em um verdadeiro processo de nacionalização.

## **A nacionalização, o salário mínimo vital e a anulação do artigo 55 do D.S. 21060 são outras “pérolas ilusórias” do chamado Evismo**

*“Na sociedade de classes, cada pessoa existe como membro de determinada classe, e todas as idéias sem exceção, levam seu selo de classe.”*

*Pte. Mao Tsetung*

As últimas medidas anunciadas com bumbos e pratos por Evo Morales e García Linera, acompanhados de uma altisonante campanha instantânea, não fazem senão mostrar de corpo inteiro o rosto liberal do “presidente indígena” e seus asseclas.

O D.S. 28701, mal chamado de Nacionalização dos hidrocarbonetos, faz somente nos fatos é aplicar e tratar de levar a bom termo a Lei de Hidrocarbonetos 3058, modificando e criando demagogicamente uma porcentagem adicional de “participações” de 32%, o mesmo que só alcançaria, no melhor dos casos, a do megacampos San Antonio e San Alberto; ao resto ficaria somente aplicar o que já estava estabelecido na Lei 3058, ademais de ortogar às transnacionais petrolíferas um novo e terceiro prazo (o primeiro o deu a Lei, o segundo Rodríguez Veltze e o último Evo) de 180 dias para a renovação de contratos. Na essência, a chamada nacionalização do MAS se reduz somente a buscar renegociar novos contratos ao amparo da Lei 3058.

Com relação ao salário mínimo vital, este se modificou de Bs. 440-a Bs. 500-quer dizer aumentou em Bs. 60. - o que significa um incremento de 2 bolivianos diários, que não dá nem pra cobrir 7 pães ou um litro de leite à uma família mantendo-a sem capacidade aquisitiva dos salários e soldos dos operários e trabalhadores, tanto na cidade como do campo, onde a fome e a miséria cresce incontavelmente.

Sobre a anulação do artigo 55 do D.S. 21060, assinala que a livre contratação continuará nos fatos, já que este decreto não afetará em nada o sistema de livre mercado nem dará verdadeira proteção ao trabalhador assalariado. De outro lado, a estratégia de criação de emprego do MAS não passa de ser, igual que anteriores governos liberais, a de impulsionar trabalhos temporários e mal remunerados via PROPAS que não resolveram nada e, portanto aumentará o desemprego.

A conquista do poder se tem convertido no grande dever do proletariado e do povo!

Frente Revolucionária do Povo Marxista-Leninista- Maoísta  
Bolívia, 5 de maio de 2006

# Revolução no Nepal: Nasce um mundo novo!

*No início dos anos 90 os reacionários de todo mundo com os ianques à cabeça proclamavam em alto e bom som o fim da história. Diziam repetidamente que não existe mais luta de classes, que revolução é coisa do passado, o socialismo e o comunismo faliram e que o capitalismo é o último e o melhor dos mundos. Hoje passados mais de 25 anos os fatos vêm à tona e ninguém consegue mais esconder a verdade.*

No dia 13 de fevereiro de 2006, as massas nepalesas comemoraram 10 anos do início da gloriosa guerra popular. A luta revolucionária no Nepal tem derrotado os reacionários, colocado fim ao feudalismo e ao semicolonialismo sacudindo de norte ao sul a sociedade nepalesa. Hoje, essa guerra popular dirigida pelo Partido Comunista do Nepal (Maoísta) se encontra na etapa de ofensiva estratégica, as massas dão mostra de grande coragem e heroicidade e os revolucionários já exercem o poder em mais de 80% do país.

As terras são distribuídas aos camponeses o novo poder é exercido pelas massas e suas realizações são grandiosas. A povo nepalês está parindo um novo mundo! Do alto do himalaia tremula a bandeira vermelha da revolução!

## 13 de fevereiro de 1996

O Nepal é um país de 147 mil Km<sup>2</sup>, situa-se entre a Índia e a China e tem boa parte de seus territórios compostos pelas vastas cadeias da cordilheira do Himalaia, tem uma população de 24,2 milhões de habitantes, a qual é formada por 53% de nepaleses e o restante de outras nacionalidades oprimidas.

O Nepal é um dos países mais pobres do mundo, mais de 85% da população vive no campo mergulhada na miséria, as relações feudais de produção são muito arraigadas e o desenvolvimento industrial raquítico. Havia fortes distinções de classes e o povo tem uma grande tradição de luta.

Em seguimento de uma série de lutas das massas o PCN(M) deu início a uma tenaz luta armada sob a forma de guerra popular, no dia 13 de fevereiro de 1996.

Por todo o país aconteceu ações armadas contra postos policiais e militares. Nas cidades a luta das massas se intensificou, estava evidente que um vigoroso processo revolucionário havia se iniciado.

No panfleto distribuído no dia 13 por todo Nepal dizia: *"Conscientes de nosso dever ante esta necessidade histórica, o Partido Comunista do Nepal (Maoísta), o partido proletário dos filhos e filhas das massas populares, resolveu iniciar o processo de destruir pela força*

*este Estado reacionário e de estabelecer um Estado de Nova Democracia. Esta resolução se baseia no sentimento de serviço e devoção ao povo, e em nosso compromisso de aplicar o todo poderoso marxismo-leninismo-maoísmo para libertar a toda a humanidade para sempre do jugo da exploração de classe, e à luz desta ideologia, e no estudo da história da sociedade nepalesa. Estamos plenamente consciente de que esta guerra para acabar com os grilhões da escravidão de milhares de anos, e impor um Estado de Nova Democracia, será uma tarefa árdua, de avanços e retrocessos e de natureza prolongada. Mas este é o único caminho à libertação do povo e a um brilhante e grandioso futuro. Este caminho deverá acontecer fazendo uso de todas as formas de luta de acordo com a etapa histórica de desenvolvimento do Nepal, e principalmente como temos dito, de acordo com a estratégia de cercar a cidade pelo campo, levando a cabo a Revolução Agrária como eixo principal e em meio e conjugação da luta de classes rural."*

## O novo poder e suas realizações

Em dez anos a Guerra Popular cresceu vertiginosamente. Uma adesão imediata das massas possibilitou tal desenvolvimento de forma que nos primeiro 5 anos de guerra os guerrilheiros já haviam derrotado o Exército Real Nepalês em várias áreas, criando assim algumas bases de apoio, na qual o povo começou a exercer o poder político. Hoje, ao completar dez anos de guerra popular os comunistas já controlaram cerca de 80% do país e organizaram uma estrutura de governo com várias instâncias.

Na região ocidental foi fundada no distrito de Rolpa um governo de nível regional em uma reunião em que participaram 75 mil pessoas. O distrito de Rolpa é o local muito pobre onde se tem a imensa maioria da população da nacionalidade Magar. Nessa região, que hoje é conhecida como região autônoma Magar, as massas já exercem o poder político realizando grandes obras.

O povo de Rolpa tem feito: a construção de uma estrada que passa por uma zona montanhosa até uma cidade. Nenhum um governo anterior teve essa preocupação de investir no desenvolvimento da região, porém o poder popular baseado na força transformadora das massas tem realizado um verdadeiro feito. A estrada é construída pela própria população da região, que reveza equipes para construir a estrada.

A nova cultura também começa a florescer. O Nepal por ser um país com uma grande variedade de nacionalidades, tem também uma variedade cultural muito grande. Agora com a revolução, o povo tem desenvolvido uma cultura que combate os costumes feudais e que serve a sua luta. A própria participação crescente das mulheres no exército e nos postos de direção do Partido e do novo Estado são a comprovação disso.

## Ofensiva Estratégica

No final de 2004 o PCN(M) soltou um comunicado declarando que a Guerra Popular alcançara a etapa de ofensiva estratégica.

A cada dia que passa o rei Gyanendra se isola mais e não consegue deter a força da revolução. Recentemente o PCN(M) pôs fim ao cessar fogo que haviam declarado para tentar negociar com rei o estabelecimento de uma república democrática e o fim da monarquia. Porém o rei aproveitou-se dessa situação para realizar uma ofensiva

contra as zonas liberadas revolucionárias. Isso levou a um isolamento ainda maior do rei e a um fortalecimento das posições dos maoístas junto as massas, principalmente de Katmandu.

A Guerra Popular segue vigorosa e se fortalecendo no Nepal. A força das massas organizadas tem se imposto e a perspectiva é de que muito em breve exista uma República Popular de Nova Democracia em todo o Nepal.

## Propagandear a revolução do Nepal!

Esses importantes fatos nos demonstram que ao contrário do que tentam nos convencer, a história segue se desenvolvendo. Esse desenvolvimento é baseado na luta de classes e sua parteira é a violência revolucionária!

A base desse desenvolvimento fantástico da Guerra Popular no Nepal é mesma que impulsionou e impulsiona todas as lutas das massas contra o sistema imperialista. A crescente miséria, fome, desemprego, doenças etc. na qual o imperialismo joga as massas. Somente a revolução pode botar fim nessa situação e instaurar um novo sistema baseada em novas relações de produção.

Chamamos a todos os estudantes e democratas a defender, apoiar e divulgar essa importante revolução que acontece nos dias atuais em pleno século XXI.



*Março de 2006: milhões de pessoas tomaram as ruas de Katimandu para exigir a queda do rei*



# Chile: que viva os estudantes!

*“Que viva os estudantes! Pássaros libertários  
são aves que não se assustam com balas ou polícia”*

*(Violeta Parra)*



*A radicalização e a rebeldia têm sido a marca da greve*

“Jornada Reflexiva” de greve estudantil termina em Histórica Jornada Combativa no centro de Santiago.”

## *Koletivo de Contrainformação*

### *Hommodolars*

A combativa jornada ressoava com o canto “Ganhamos dos policiais”... Furgões não podiam avançar em uma chuva de pedras, caminhões lança-água que a cada instantes tinham que recarregar o estoque, barreiras de soldados recuando e tendo que fugir... Milhares de pedras repeliram a polícia que ao parecer atuava sob substâncias mágicas (dessas que vendem por aí), ainda que não pudéssemos determinar se estava adulterada ou não. Nossos informantes nas fileiras das instituições nos disseram reprovando “não era da boa”. [Houve ao menos 730 detidos em todo o país]. Depois de grande processo de mobilização estudantil nos últimos 16 anos e, mais recentemente, nestes dois anos de trabalho constante de estudantes secundaristas nos quais tem estado na frente nas críticas a Lei Orgânica Constitucional do Ensino (LOCE), a qual tem estabelecido ao longo deste processo a questionável forma de Educar no Chile. Assim, os estudantes dão um exemplo com sua enorme capacidade de organização, unidade e capacidade de convocar, força que dia a dia dobra na mão o

governo, e seus projetos de Nação, tudo o qual tem sido possível pelos ânimos críticos e ativos de transformação e proposta impulsionados por estes atores sociais por sua própria capacidade organizativa e convocatória por meio de sua ação e decisão.

A mobilização assim toca os pontos mais sensíveis do insípido programa de reforma educacional proposto pelos governos da concertação, momento constitucional que não logra dirigir-se à falhas estruturais impostas no fechamento da ditadura, porém as fontes econômicas e políticas que tem possibilitado este processo, deixando assim em evidencia as contradições próprias do modelo econômico que rege o Chile desde a ditadura e que tem sido fortalecido pelos supostos “governos demo-cráticos”.

Deste modo, a grande unidade e força alcançado pelo movimento estudantil (logrado principalmente pelos esforços do setor secundarista do estudantado) possibilita hoje a Greve Nacional com amplos setores envolvidos nele: Secundaristas

(provenientes de escolas municipais, subvencionais e particulares, técnicos e científicos humanistas), Universitários, Acadêmicos, o Colégio de Professores, Parlamentares, assim como um sem fim de Organizações Políticas e Sociais.

Ante esta força, o governo que não tem feito mais que deslegitimar, censurar e intentar debilitar este movimento social (plano que segue falhando), o qual contraditoriamente tem ativado e fortalecido o espírito deste processo: transformar por suas próprias mãos o destino da educação. Ontem, a mesa que havia sido proposta como solução de retoque para acalmar a revolta estudantil se quebrou ante a ineficiência e cegueira política do Ministro.

A autoridade política tentou ontem insistir em sua tentativa de enrolar a mobilização nacional ao não dar prioridades as demandas do setor e às resoluções urgentes que estes reclamam (a anulação da LOCE, e a transformação profunda do sistema

educacional), não em qualquer sentido, senão no sentido de um melhoramento da Educação pública como o mínimo. Para ele, os secundaristas têm decidido estabelecer a nível nacional um número de porta-vozes por setores, os quais desde a assembléia de estudantes dirigirão conversações formais com o Ministério da Educação, o Ministério da Fazenda, e a Comissão Parlamentar da Educação, enquanto a grande massa de estudantes e professores se organizam em seus territórios e bases.

A Greve Nacional de hoje reforça a amplitude das greves e tomadas de estabelecimentos, e o apoio e também mobilização de outros setores como os Universitários e o Colégio de Professores, estes últimos implicados também no processo de mobilização. As demandas amplas não se acabam com um par de migalhas, só se acabam uma vez que o ponto de união de todos os setores se veja resolvida: o fim da LOCE.



*Um milhão de estudantes tomaram as ruas no dia 05 de junho*

# O arrebol francês

Ecoam vozes na capital milenar européia. Próspera, pacífica, fraterna a França agora é já sinônimo de rebeldia juvenil. Já de nada mais importa; a torre majestosa, as águas do Sena, seus museus teatros e suas ruas centenárias. As páginas dos diários da imprensa burguesa sedentas de mais fascismo se dedicam agora descrever a face assombrosa e terrível da rebelião violenta.

Em unísono se levanta a juventude da noite duradoura. “Abaixo a CPE!” Cem duzentos trezentos mil nas ruas centenárias, chegam a polícia, os gendarmes o batalhão de choque, mil, dez mil, vem com armas, bombas de gases sufocantes e prisões. A multidão tem unhas e dentes, socos e pontapés, tem bandeiras, pedras e paus, tem milhões de braços e pernas. Agora, o que ilumina a cidade luz já não são os

holofotes da ribalta, mas as chamas dos molotovs e piquetes, luz da aurora de uma juventude rebelada.

As noites, as fartas bebidas, as drogas, as festas, o velho entretenimento imposto, já em nada mais interessa a juventude. Querem seus direitos de volta, querem mais que isso, querem algo novo.

Junto com os véus muçulmanos, proibidos como crime, com os direitos trabalhistas aviltados, caem às ilusões, cai a máscara de democracia do governo fascista.

Para os jovens não há empregos, de nada adianta empregos sem direitos. As vozes ecoam, já não só os jovens, param as rodovias, ferrovias e aeroportos. Sem empregos, sem direitos, os jovens e estudantes param escolas e universidades.



A Sourbone põe à prova suas velhas estruturas, já não suporta a intensa atividade estudantil. Suas mesas, cadeiras e estantes viram armas nas mãos de seus alunos, ocupada, se transforma em bastião de resistência. Invadidas pelos fascistas vira campo de batalha.

CGT, UNEF e todos gendarmes profissionais, os pedidos de calma, os reclames a combatividade, as elucubrações, o acalantos, as chantagens já não são capazes de deter-los. Greve geral contra a CPE! Franceses, argelinos, árabes e turcos... jovens... estudantes... trabalhadores. Agora já são milhões de vozes que se fundem no fogo da barricadas.

O mundo imperialista assiste pasmo a terrível ousadia. Os

povos, os jovens, os estudantes de todo mundo aplaudem, observam atentos a cada detalhe, cada pedra lançada, cada escola parada, cada vitória sobre a polícia. Caem os gendarmes, as portas, as barreiras, cai a CPE. A Juventude da França e agora juventude do mundo, dos povos do mundo. Suas vozes já ecoaram por toda a Europa, da América Latina à África e Ásia. Cada som, imagens, cada um de seus exemplos heróicos estão gravado nos corações e mentes dos estudantes do mundo, ameaçam seguir seu exemplo, ir além, incendiar o velho mundo, arrancar a máscara de todas as falsas democracias do mundo velho, abrir as portas para democracias novas, nova juventude de um novo mundo.

*Arrebol - Vermilhão do nascer do sol*



## Homenagem a Jean Charles de Menezes

Há um ano de seu assassinato, seus assassinos seguem soltos em Londres, no Iraque e no Mundo

# Castro Alves, o poeta da liberdade



Era em agosto, amiga, e o salão nobre da faculdade reunia estudantes e mestres, famílias ilustres da aristocracia provinciana, comerciantes enriquecidos, poetas e jornalistas. Numa mistura estão todos os que representam um pensamento e uma ordem de coisas estabelecida que desejam alguma coisa nova. Vai pelo mundo uma ânsia de renovação, novas idéias surgem, apóstolos divulgam doutrinas novas. Na Europa há uma fermentação intelectual que abala as tiranias. “Toda noite tem aurora”, escreveu Castro Alves e no meado daquele século os homens começavam a sonhar uma aurora para a noite em que o mundo vivia. Os estudantes estão inquietos, há alguma coisa que desejam aprender, mas essa coisa não lhes pode ser ensinada pelos velhos mestres de direito. Só um homem que venha do meio do povo, que tenha adivinhado as palavras que ele quer dizer, podem ensinar aquilo que os estudantes querem aprender.

Fazem discursos e declamam versos. Nesse dia, amiga, os calouros da Faculdade, atravessando meio ano escolar, passam a ser considerados verdadeiros acadêmicos, livre da perseguição dos mais antigos, das brincadeiras, dos trotes, das pequenas humilhações. Nesse dia vão lhes dar a sua carta de alforria.

Porém acontece alguma coisa maior nesse ano. É toda a Faculdade, é toda a gente do Recife, toda a gente do Brasil, que recebe a sua carta de alforria. Esse dia não marcará uma divisão no tempo apenas para os calouros. Toda a Faculdade vai viver de agora em diante dividindo o tempo entre antes do dia em que Castro Alves declamou *O Século*, resumo da tirania sobre o mundo dominado, grito de esperança na liberdade que há de vir, e depois desse dia. Foi como se uma luz brilhasse de repente, foi como um milagre.

Fazem discursos, declamam versos. Há palmas, alegria, risos, aplausos de quando em quando. Mas eis que um jovem se levanta, a fronte pálida, a cabeça negra, belo como o mais belo sonho de uma mulher. Sua voz é forte e vibrante, corta toda a sala, atinge cada canto, ressoa em cada inteligência e cada coração. Vem falar sobre o século, esse século de tantas vozes admiráveis e de tanta tirania sobre o mundo. De tanta luz e de tanta treva. E é o que diz a sua voz, a princípio ainda tímida:

“O século é grande... No espaço Há um drama de treva e luz.”

Os estudantes esperam. Que virá desse moço, que tem ele a dizer? Que drama será esse, onde a treva, onde a

luz? E eis que logo após ele lança a palavra que será sempre a sua palavra preferida: liberdade. Diz que “como Cristo a liberdade sangra no poste da cruz”. Os estudantes, os homens da rua que ali estão, ficam mais atentos. Esse jovem tem alguma coisa a dizer e talvez mesmo a ensinar. Os mestres de direito, os aristocratas e os negociantes ricos ficam ligeiramente incomodados. Evidentemente é leviandade de um jovem trazer Cristo, tão bem guardado nos altares, para uma imagem perigosa como certa coisa asquerosa como a liberdade.

Mas eis que a voz do estudante se alteia ainda mais, se eleva e atinge o mais profundo do coração dos homens. Já não fica no salão nobre da Faculdade. Atravessa as janelas e ressoa na rua para perguntar se o “ronco estrídulo feroz” que “às vezes quebra o silêncio” do século.

“...será o rugir das matas,  
ou da plebe a imensa voz!”

Os estudantes se entreolham. Então existe uma voz da plebe, esses homens rotos, suados rebotalhos de gente têm uma voz? Alguma coisa já lhes ensinou o jovem estudante. Por isso talvez os mestres se olhem também mas com torvos olhares como quem descobre sob as vestes uma víbora pronta a morder. Os estudantes não esquecerão mais esse jovem de cabeleira negra e poderosa voz. Tampouco os mestres os esquecerão. Ele o saberá por ocasião dos exames do fim do ano.

Mas que importa o ódio dos velhos mestres a quem fala do futuro? Ele pergunta agora ao seu auditório que é toda a faculdade se a terra treme por assistir nesse século “às vascas da agonia da liberdade no chão” ou se porque “do povo o braço ousado que sob montes calcado, abala-os como Titão?” Sim, esse é um século onde é negra a noite mas esse estudante já sabe que “a liberdade não morre” e que ressurgirá da sua agonia. Já não é possível distinguir no tremor da terra o que o motiva: se a tirania, a opressão dominante, se o povo, a liberdade que as levanta. Agora os estudantes aplaudem porque ele disse que: “toda noite tem aurora” e na sua palavra eles antevêm a aurora de uma manhã de liberdade, vêem o caminho a seguir, vêem que o futuro é belo.

Ele descreve agora a noite do século. Em toda a parte, na Europa e na América, a tirania assenta a sua bota sobre o povo. Fala na Polônia esmagada, em Roma sob o pesadelo dos reis e dos papas, a Grécia que espera Byron enquanto:

“Napoleão amordaça  
a boca da população.”

Fala na Hungria, exposta como um



*Castro Alves foi um dos mais importantes poetas de nosso país. Jovem abolicionista, escreveu lindos versos sobre a luta pela abolição da escravatura. Cantou a liberdade em seus poemas e defendeu o direito de rebelião do povo: “Cai orvalho de sangue do escravo/ cai orvalho na face do algoz/ Cresce, cresce seara vermelha/ Cresce, cresce vingança feroz.” Castro Alves fez de seus versos uma forte arma contra o atraso na sociedade e a favor do progresso e instauração da república democrática no Brasil.*

*Com o objetivo de resgatar a cultura popular e nacional, particularmente esse grande escritor e lutador, publicamos um trecho do livro de Jorge Amado “O ABC de Castro Alves”, quando relata como Castro Alves proclamou o poema “O Século” na universidade entusiasmando os estudantes e aterrorizando os reacionários.*



cadáver, vendo Kossuth foragido e fala do México, que está sob um governo europeu, o México – “vasto filho independente da liberdade e do sol” – que ouve a voz de Juarez, o índio que lhe diz: “Espera o arrebol.”

Sim, é uma negra noite essa noite do século. A opressão esmaga a liberdade na Europa e na América. Mas não é só isso que vem dizer o moço poeta que declama no salão da Faculdade ante o entusiasmo dos estudantes e o escândalo dos professores. Ele fala também de uma aurora que vem, “no sol das liberdades que espera por Josué”. Diz que os escravos podem se transformar em bravos e ensina àqueles que no futuro tenham de fazer as leis, essa lição: “levantai um templo novo, porém não que esmague o povo”, eterno e é rei. “Não calqueis o povo-rei.” Essa é a grande frase do seu poema, é a grande verdade da sua lição desse dia. Porque, ele continua, toda a lei que é feita contra o povo, feita para servir a poucos com o sangue de muitos, não durará. O povo “virá partir-vos a lei”, se essa lei estrangula a liberdade.

A Faculdade está suspensa das palavras desse jovem. A beleza dos seus versos, a verdade das suas afirmações. Antes havia alegria, palmas, risos, agora há entusiasmo, os estudantes vibram, os aplausos parecem não querer cessar. Os mestres e os aristocratas não aplaudem. Aquelas palavras de fogo encham a sala, lançam um incêndio que se estenderá pelas ruas e pelas cidades,

pelo país inteiro. Delas sairá um dia a abolição, sairá a República.

Os mestres se escandalizam ao máximo, os estudantes aplaudem como nunca aplaudiram porque agora Castro Alves grita:

“Quebre-se o cetro do Papa  
Faça-se dele uma cruz.  
A púrpura sirva ao povo  
P’ra cobrir os ombros nus.”

E por último lhes ensina uma lição de heroísmo, lhes ensina a morrer com coragem porque “quem cai na luta com glória, tomba nos braços da história”.

O casarão treme ao vibrar dessa voz que se faz ouvir pela vez primeira. Nunca voz assim ressoara nessas paredes, jamais por essas janelas partira para ruas o eco de palavras como estas. Alguma coisa aconteceu nesse dia de agosto. O estudante desce da tribuna, os aplausos não cessam. Os estudantes bem sabem que ele não terminou. Castro Alves apenas começou, que esse dia é o início de uma jornada, é o começo de uma aurora.

Foi em agosto, amiga, que eles o encontraram, encontraram o seu líder. Seguiram, então, jamais o deixaram. Todos os jovens, todos os que tinham um sonho de liberdade no coração. Desde então, amiga, desde aquele distante dia de agosto que nós todos o seguimos, os jovens de então, os de hoje também. Enquanto houver luz e treva, tirania e liberdade, ele será o nosso líder, aquele que vai na frente e abre os caminhos pelos quais marchamos.

## O século

O século é grande... No espaço  
Há um drama de treva e luz  
Como Cristo a liberdade  
Sangra no poste da cruz  
Um corvo escuro, anegrado  
Obumbra o manto azulado

Das asas d’aguia dos céus...  
Arquejam peitos e frentes...  
Nos lábios dos horizontes  
Há um riso de luz...E’ Deus

Às vezes quebra o silêncio  
Ronco estridulo feroz.  
Será o rugir das matas,  
Ou da plebe imensa voz?...  
Treme a terra hirta e sombria...  
São as vascas da agonia  
Da liberdade no chão?...  
Ou do povo do braço ousado  
Que, sob montes calcado  
Abala-os como um Titão?!...

Ante esse escuro problema  
Há muito irônico rir  
P’ra nós o vento da esp’rança  
Trás o pólen do porvir  
E enquanto o ceticismo  
Mergulha os olhos no abismo,  
Que a seus pés raivando tem,  
Rasga o moço os nevoeiros,  
P’ra dos morros altaneiros  
Ver o sol que irrompe além

Toda noite – tem auroras,  
Raios – toda a escuridão.  
Moços, creiamos, não tarda  
A aurora da redenção  
Gemer – é esperar um canto...  
Chorar – aguardar que o pranto  
Faça-se estrela nos céus.  
O mundo é o nauta nas vagas...  
Terá do oceano as plagas  
Se existem justiça e Deus.

Enquanto inda há muita noite  
No mapa da criação  
Sangra o abutre dos tiranos

Muito cadáver – nação.  
Desce a Polônia esvaída,  
Catalética, adormecida,  
A’ tumba de Sobieski;  
Inda em sonhos busca a espada...  
Os reis passam sem ver nada...  
E o Czar olha e sorri...

Roma inda tem sobre o peito  
O pesadelo dos reis;  
A Grécia espera chorando  
Canaris, Byron talvés!  
Napoleão amordaça  
A boca da população

E olha Jersey com terror,  
Como o filho do Sorrento,  
Treme ao fitar um momento  
O Vesúvio aterrador

A Hungria é como um cadáver  
Ao relento exposto nu;  
Nem sequer a abriga a sombra  
Do foragido Kossúth.  
Aqui – o México ardente,  
- Vasto filho independente  
Da liberdade e do sol  
Jaz por terra... e lá soluça  
Juarez, que se debruça  
E diz-lhe: <<Esperança a arrebol!>>

O quadro é negro. Que os fracos  
Recuem cheios de horror  
A nós, herdeiros dos Gracos,  
Trás a desgraça valor!  
Lutai... Há uma lei sublime  
Que diz: <<à sombra do crime  
Há de a vingança marchar>>  
Não ouvis no Norte um grito,  
Que bate aos pés do infinito,  
Que vai Franklin despertar?

E’ o grito dos Cruzados  
Que brada aos moços <<de pé>>  
E’ o sol das liberdades  
Que espera por Josué  
São bocas de mil escravos

Que transformaram-se em bravos  
Ao cinzel da abolição.  
E’ – à voz dos libertadores –  
Reptis, que saltam condores,  
A topetar n’amplidão!...

E vós, arcas do futuro,  
Crisálidas do porvir,  
Quando vosso braço ousado  
Legislações construir,  
Levantai um templo novo,  
Porem não que esmague o povo,  
Mas lhe seja pedestal.  
Que ao menino dá-se a escola,  
Ao veterano – uma esmola...  
A todos – luz e fanal.

Luz!... Sim; que a criança é uma ave,  
Cujo porvir tendes vós;  
No sol uma águia arrojada,  
Na sombra – um mocho feroz.  
Libertai tribunas, prelos...  
São fracos, mesquinhos elos...

Não calqueis o povo-rei!  
Que este mar d’almas e peitos,  
Com as vagas de seus direitos,  
Virá partir-vos a lei.

Quebre-se o cetro do papa,  
Faça-se dele uma cruz.  
A púrpura sirva ao povo  
P’ra cobrir os ombros nus.  
Ao grito do Niagara  
Se eleve ao fulgor dos sóis,  
Banhem-se em luz os prostíbulos  
Erga-se estatua aos heróis!

Basta!... Eu sei que a mocidade  
E’ o Moisés no Sinai;  
Das mãos do eterno recebe  
As tabuas da lei! marchai!  
Quem cai na luta com gloria,  
Tomba nos braços da história,  
No coração do Brasil!  
Moços, do topo dos Andes,  
Pirâmides vastas, grandes, vos  
contemplam séculos mil!

Visite a nossa página na internet:  
[www.mepr.org.br](http://www.mepr.org.br)



Fortaleça o movimento estudantil democrático e independente, faça já a sua carteirinha de estudante!



Passe em uma banquinha do MEPR e adquira os nossos materiais.



# A matéria é infinitamente divisível

Com esse artigo abrimos uma série de publicações em comemoração aos 40 anos da Grande Revolução Cultural Proletária.

Acima é o título de um artigo publicado numa revista chinesa entre os anos 1973 e 1975 por Bian Sizu. Depois foi publicado pelo Obreiro Revolucionário, do PCR do EUA, em setembro de 1981 e pela Ciência para o Povo, da Colômbia, em outubro de 1995. Deste último chegou até nós do MEPR. Este artigo faz parte de uma coleção de vários artigos publicado na China na época da revolução cultural, os quais tinham o intuito de levar a ciência ao povo e defender a concepção materialista dialética na ciência natural. O artigo expõe o desenvolvimento do conhecimento da estrutura da matéria, centralmente o estudo do átomo, e expõe também a luta entre a concepção materialista da natureza e a concepção metafísica. Mostra pela história da ciência como a concepção materialista dialética prevalece sobre a concepção metafísica, mas mostra também como a cada passo do desenvolvimento científico novos argumentos metafísicos aparecem.

Não faremos aqui uma exposição completa do artigo, pois é profundo e extenso para ser exposto em poucas linhas. Também não faremos aqui uma crítica ao artigo. Faremos uma exposição do seu conteúdo, ressaltando os pontos que consideramos mais importantes do artigo e em breve o publicaremos na íntegra.

## Matéria elementar e divisibilidade

O homem na luta por transformar a natureza termina a compreendendo. No início o homem via uma infinidade de coisas diferentes e desconectadas; cada um objeto era um objeto. Depois surgiu no homem a idéia que estes vários objetos pudessem ser formados por um número pequenos de objetos especiais. Alguns acharam que a água era esta matéria especial. Outros achavam que era o ar e outros o fogo. Nesta época teve-se também a idéia que cada objeto era infinitamente divisível e que estas infinitas divisões não alteravam qualitativamente o objeto, somente quantitativamente. O pão após infinitas divisões continuaria sendo pão. Era uma divisão imaginária, a qual hoje vemos não ser verdadeira.

A idéia de ter um objeto especial formador dos demais objetos, diferentes e superior a eles brotou então outra idéia: que este objeto especial era uma criação de Deus.

Depois surgiram materialistas que se opuseram a idéia da matéria especial e a divisão infinita. Entre eles os de maior importância foi Demócrito e Leucipo. Para estes, ao dividirmos sucessivamente um objeto, um pedaço de giz por exemplo, chegaríamos a uma parte que não poderia ser mais dividida. A chamaram esta parte de átomo. Afirmavam também que todos os objetos eram constituídos por átomos. Sabemos hoje que o átomo não é a primeira parte importante na divisão da matéria, pois antes dele está a molécula. A molécula é a menor parte de um objeto capaz de conservar suas propriedades físicas e químicas.

Newton formulou uma teoria da estrutura da matéria tomando o átomo como formador de toda matéria, concebendo-a como uma bola maciça impenetrável. Desta teoria Newton concluiu que todo o movimento era devido a forças mecânicas. Para

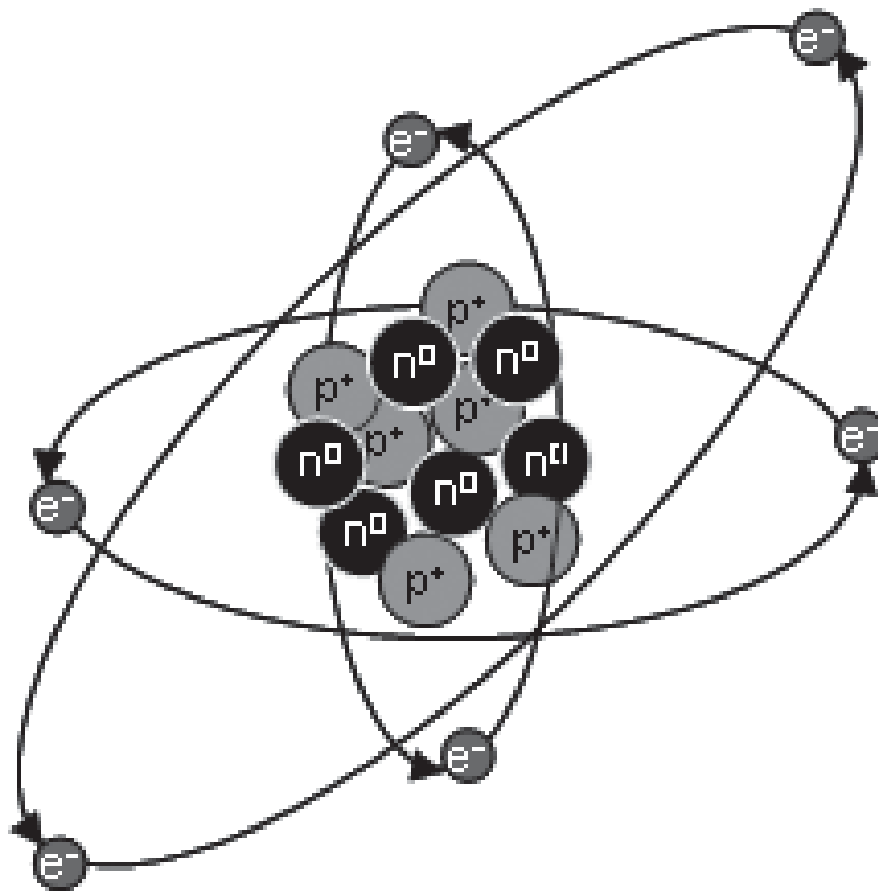
Newton a luz era um movimento retilíneo de um feixe de átomos.

A hipótese que todos os corpos são formados por átomos foi confirmado posteriormente pela ciência. A ciência comprovou que toda matéria é constituída por um pouco mais de 100 átomos diferentes, incluindo os produzidos em laboratório. Comprovou que não existe um só átomo, mas diferentes átomos, e que o átomo não

sobre o universo. O descobrimento do calor como forma de energia, que se propaga através de uma onda eletromagnética, abriu ainda mais novos caminhos.

## O compacto e o vazio

Ao olharmos ao nosso redor vemos



é indivisível, mas que é constituído por elétrons, prótons, nêutrons e eletrosfera.

O contemporâneo de Newton, Cristian Huygens, verificou experimentalmente, através de difração, que a luz é um fenômeno ondulatório e não um movimento de partículas como tinha descrito Newton. Com o advento da eletricidade, o descobrimento de forças elétrica e magnética, mostrou-se muito limitada, e portanto errada, sua concepção

muitos objetos compactos e discretos e entre eles o espaço vazio e contínuo. Vemos que no céu as estrelas e os planetas ocupam um espaço menor que o vazio. Desde cedo o homem aprendeu diferenciar na natureza o compacto e o vazio. Achavam que os objetos eram formados por átomos maciços e impenetráveis e o vazio por nada absoluto; que o compacto era discreto e o vazio contínuo.

Surgiu portanto a questão: qual a relação entre o compacto e o vazio, a matéria e o nada absoluto, o discreto e

o contínuo? Esta era uma contradição entre o que existe e o que não existe. Newton considerava, da mesma forma que Demócrito, que o universo era formado por objetos compactos discretos e o vazio absoluto contínuo. Via os dois como completamente diferentes, opostos e sem nenhuma relação. Dizia ser o objeto o principal, mas ficou a contempla o vazio absoluto, pois negava a possibilidade do homem conhecê-lo. Como poderia ter vazio absoluto se as estrelas emitem luz para o universo e os corpos se atraem a distância? Newton não pode responder satisfatoriamente estas questões.

Mais adiante, para explicar o movimento dos corpos celestes, e portanto a força gravitacional a distância, Descartes e Huygens propuseram a hipótese do vazio estar cheio de uma substância chamada éter. O éter era uma substância imaginária e misteriosa, pois apesar de ocupar espaço não tinha massa e nenhuma outra semelhança com a matéria ordinária. Concluíram então que esta substância era portanto uma criação de Deus, esquecendo que tinha sido uma criação do homem. Em muito tempo esta idéia foi aceita pelos cientistas até que experiências feitas por Michelson-Morley comprovaram ser falsa.

Com a negação do éter e o surgimento da eletricidade, e portanto dos fenômenos eletromagnéticos, o vazio é substituído pelo campo. Um campo elétrico é todo o espaço ao redor de uma partícula ou corpo carregado eletricamente. Existe também o campo gravitacional e o magnético. A natureza está cheia de carga e de corpos e portanto de campo. Um fato interessantíssimo é que um campo elétrico pode criar um campo magnético e um campo magnético pode criar um campo elétrico. Mais precisamente, a variação do fluxo magnético cria um campo elétrico e a variação do fluxo elétrico cria um campo magnético. Este



fenômeno foi observado por Faraday e é importantíssimo na produção da energia elétrica. outro fato interessante é que a força magnética que atua sobre uma partícula que penetra num campo magnético com uma velocidade não nula é perpendicular ao plano formado pela direção do campo e a direção do movimento da partícula.

Teve um importante avanço quando o campo substituiu o vazio absoluto, mas continuava separado o objeto discreto e o campo contínuo. Qual sua relação? Isto só veio ser resolvido depois com o desenvolvimento da ciência. No século XIX descobriu-se que o átomo não era uma bola maciça e mais ainda, que mais de 99% do espaço atômico era vazio. Mais de 99% de sua massa atômica se concentram no núcleo ocupando menos de 1% e que seu grande espaço de mais de 99%, a eletrosfera, é campo. Para melhor entendimento, se tomássemos o átomo de hidrogênio do tamanho de um teatro o núcleo atômico seria uma semente de gergelin em seu centro e o elétron uma partícula de poeira em sua parede. Portanto o átomo que se pensava ser compacto é quase “vazio”. E mais ainda, verificou-se que no núcleo atômico existe mais espaço vazio que compacto. Depois se verificou que até o próton não é completamente compacto, que tem espaço vazio em seu interior. Vemos portanto que a quase totalidade do espaço atômico é formado por campos

A ciência verificou também que não existe o vazio absoluto, que em qualquer espaço existe pequenas partículas. Comprovou-se então que vazio existe no compacto e o compacto no “vazio” e que o “vazio” e o compacto são duas partes constituintes de uma mesma coisa, da matéria.

### Partículas e ondas

Até então a ciência associava partículas a movimento mecânico e campo a movimento ondulatório, mas com o seu desenvolvimento rompeu-se esta separação. Verificou que as partículas nucleares descrevem além do movimento mecânico, o movimento ondulatório e verificou que o movimento ondulatório é um movimento de partículas. Verificou-se que um raio de elétrons ao atravessar uma pequena fenda produz o efeito difração, observado somente em fenômenos ondulatórios. Verificou este comportamento nas outras partículas componentes do átomo, inclusive no próton, que é a mais pesada. Verifica-se pela experiência que todos os corpos descrevem um movimento ondulatório, porém torna-se imperceptível quando a massa é grande.

O interessante é que mais

recentemente observou-se o caráter discreto no movimento ondulatório. A luz era considerada por Maxwell uma onda eletromagnética. Verificou-se que a luz é composta de pequenas partículas chamadas fótons e que cada fóton tem uma quantidade discreta de energia denominada quantum, menor unidade de energia até agora conhecida. Devido a este duplo caráter as partículas atômicas são chamadas partiondas.

### Nem matéria especial, nem matéria elementar, somente matéria infinitamente divisível

Vemos pelo exposto, que tanto o compacto quanto o “vazio” são matérias, constitui duas partes contrárias da matéria e que o vazio absoluto não existe. Vimos também que não há matéria especial, que o vazio foi substituído pelo campo e o campo é matéria.

Outra questão é sobre a divisibilidade da matéria. Inicialmente achava-se que o átomo era a menor parte indivisível da matéria, mas a experiência mostrou que ele se dividia em elétrons, prótons nêutrons e eletrosfera. Concebeu-se então que estas eram partículas elementares indivisíveis. A ciência mostrou que estas partículas eram divisíveis e encontrou outras menores mais “elementares”. Mostrou-se que os mesóns eram formados por três partículas “elementares ainda mais básicas chamadas quarks. Depois se verificou que um só tipo de quarks tem diferentes cores e características”.

Porem, apesar do desenvolvimento da ciência apontar para a infinita divisão da matéria, alguns cientistas e filósofos acham que pode existir matéria elementar indivisível. isto é possível? Pelo desenvolvimento da ciência e pela concepção materialista dialética concluímos que a matéria é infinitamente divisível. Se as partiondas apresentam o caráter de partícula e de onda é porque elas apresentam contradições internas, não sendo uma uniformidade e portanto podem se dividir independente do seu tamanho e massa. Mas como as partiondas se dividiriam? Cabe a ciência dar esta resposta, com a realização de novas experiências.

Esperamos que o leitor possa nestas poucas linhas ter compreendido as idéias centrais de a “matéria é infinitamente divisível” e depois publicaremos o artigo na íntegra para que possa ser estudado profundamente.

## Morre o físico Professor José Leite Lopes



No último dia 12 de junho morreu José Leite Lopes, um dos maiores físicos brasileiros.

Leite Lopes previu em 1958 a existência do chamado bóson Z0 - uma partícula mediadora neutra nas interações fracas no núcleo de um átomo e formulou uma equação que mostra a analogia dessas interações com as eletromagnéticas. Com isso, ajudou a estabelecer o que os físicos chamam de **unificação eletrofraca**. A contribuição serviu de base para os estudos do paquistanês **Abdus Salam** e dos norte-americanos **Steve Weinberg** e **Sheldon Glashow**, premiados em 1979 com o Nobel de física por um trabalho muito similar ao desenvolvido cerca de vinte anos antes pelo brasileiro.

Leite Lopes foi uma destacada personalidade, e sentiu na pele o entravamento do desenvolvimento científico do país pelo domínio semi-colonial. Patriota e antiimperialista deixou uma série de artigos que expõe suas idéias a respeito da ciência. Por suas idéias democráticas e nacionalistas foi perseguido pelo regime militar fascista e exilado na França onde morou e lecionou durante anos.

Rendemos aqui as nossas homenagens a esse grande cientista brasileiro.

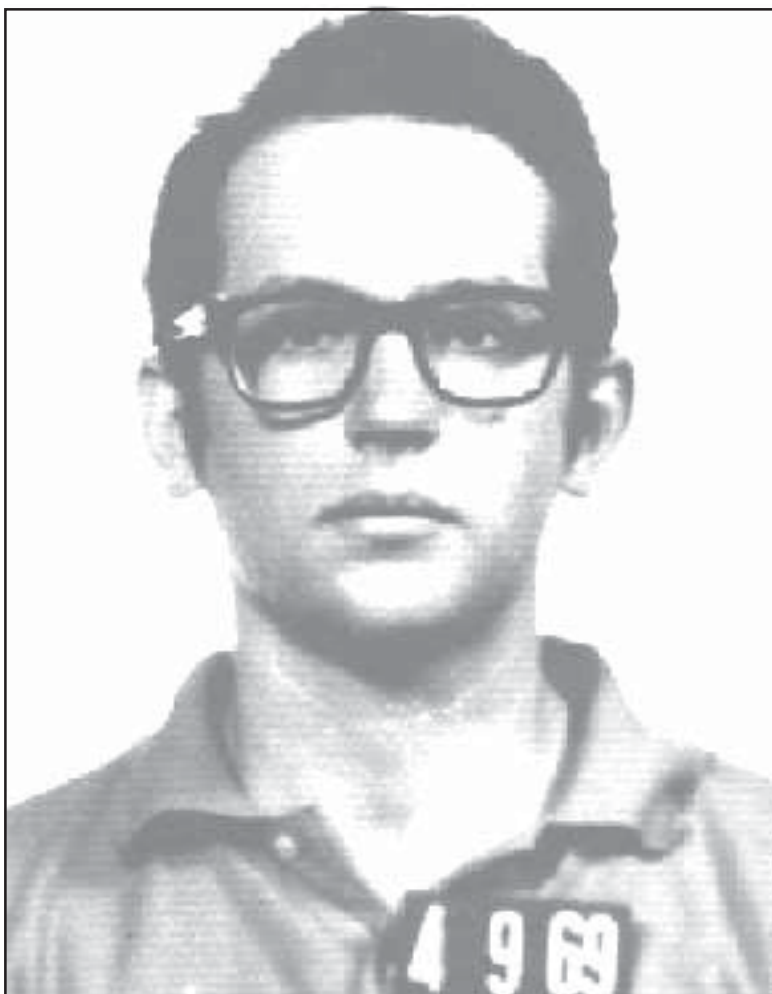
*“A grande maioria dos cientistas e admiradores das nações desenvolvidas, mesmo os mais liberais, continua a sustentar a tese de que aquilo que os países subdesenvolvidos devem fazer é comprar (como em um supermercado) as tecnologias e indústrias necessárias a seu desenvolvimento. Ignoram, assim, que sustentam a manutenção da dependência dos países do Terceiro Mundo em relação aos avançados, dessa vez não mais com vice-governadores ou tropas de ocupação, mas através da dependência mais sutil do conhecimento humano, das tecnologias aperfeiçoadas e, inclusive, de manuais de ensino e métodos de educação, elaborados nas universidades e laboratórios das grandes potências”.* (Leite Lopes, O Desenvolvimento da ciência e os povos do terceiro mundo)

*“Pois é claro que o desenvolvimento da ciência nos países subdesenvolvidos não pode ter lugar sem a remoção dos fundamentais obstáculos políticos, sociais e econômicos que impedem o desenvolvimento em geral.”* (Leite Lopes, O Desenvolvimento da ciência e os povos do terceiro mundo)

*“Não foi a espera do outros, dos trabalhos dos outros, da hipotética ajuda filantrópica de outros povos que nações verdadeiramente desenvolvidas há cinquenta anos, como a União Soviética (...) atingiram os níveis de progresso que conhece o mundo contemporâneo.”* (Leite Lopes, Ciência, Humanismo e o Destino do Terceiro Mundo – 1967)



# Eremias Delizoikov, herói do movimento estudantil secundarista



Eremias nasceu em São Paulo a 27 de março de 1951. Militante da Vanguarda Popular Revolucionária e estudante secundarista foi perseguido pela gerência militar, assassinado em 16 de outubro de 1969, na Vila Cosmos, Rio de Janeiro.

Eremias viveu na zona leste de São Paulo, no bairro da Moóca. Estudou o primário no Grupo Escolar Pandiá Calógeras e concluiu o ensino fundamental em 1965 no Colégio Estadual MMDC.

Era judoca e aos 11 anos de idade foi campeão do torneio paulista de judô. Em 1965 e 66 participou de campeonatos de natação e em 67 começou a lutar capoeira e praticar remo, tornando-se membro da equipe de remadores do Corinthians.

Em 1967, recebe um convite de uma amiga e militante para participar de um curso de marxismo durante as férias. A partir de então, começa sua militância participando com uma chapa do

processo eleitoral para grêmio do MMDC. Além disto, constrói o movimento secundarista, com outros companheiros, nas escolas da região leste: panfletam, organizam manifestações e convocam assembléias.

Participou ativamente da luta contra os acordos MEC-USAID e junto com estudantes de outras escolas formou uma chapa para disputar as diretorias da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) e União Paulista de Estudantes Secundaristas (UPES) nos congressos realizados no ano de 1968.

No mesmo ano, liderou uma revolta dos estudantes no seu colégio, o MMDC. Dada a insatisfação dos estudantes com o autoritarismo e a falta de democracia nas escolas, o movimento secundarista distribuiu panfletos criticando a atuação da diretoria da escola e convocando os estudantes a discutirem com Terezinha

(diretora) no pátio.

Todas as turmas desceram, lotando o pátio. Terezinha não apareceu para o debate e despertou mais revolta no conjunto dos estudantes, que faziam intervenções, gritavam palavras-de-ordem e ainda destruíram a caixa de energia da escola, deixando esta sem luz.

A polícia apareceu de surpresa. O portão foi fechado e todos ficam trancados dentro da escola enquanto um professor reacionário guiava os investigadores do Deops – Departamento Estadual de Ordem Política e Social – à procura dos líderes estudantis.

Na escuridão, ficou fácil para Eremias, Maria, Diego e Júlio, os principais organizadores, fugirem. Derrotados em sua busca o Deops desiste e o portão é reaberto.

Já fora da escola, cerca de 500 secundaristas vêem um estudante detido numa viatura. Este corajoso secundarista foi pego tentando esvaziar os pneus do carro do Juizado de Menores, que trouxe o Deops até a escola. A massa de secundários gritando “Solta! Solta! Solta!” ia até a viatura, quando um agente sacou uma arma e disparou vários tiros pro alto, dispersando os estudantes.

Após este combativo ato no colégio estadual, a diretora praticamente impôs a transferência de Eremias para outra escola. Ele conseguiu se matricular no Colégio Estadual Firmino de Proença, onde terminou o ano letivo.

Em fevereiro de 1968, os metalúrgicos deflagraram greve e ocuparam a fábrica da Cobrasma em Osasco. Eremias e outros secundários participaram de assembléias, levando a solidariedade dos secundaristas aos operários. Mas é no 1º de maio deste ano, que os secundaristas demonstram toda sua rebeldia. O governador de São Paulo, Abreu Sodré, tinha sido convidado para discursar no dia Internacional do Proletariado. Os operários do município de Osasco e da região do ABC organizaram um grande ato em repúdio ao famigerado Abreu. Os secundaristas compareceram com um grande estoque de pedras. Quando o governador entrou no palco, uma

chuva de pedras foi lançada em sua direção. Era o recado da presença dos secundaristas na manifestação. Abreu Sodré foge do palco ferido na cabeça.

No ano seguinte, 1969, Eremias entra para a VPR. Já em julho, quando a repressão sabia de sua militância, Eremias se reúne com seus pais, explica-lhes sua situação e valentemente reafirma seu espírito revolucionário, negando a proposta dos pais, de enviá-lo para o exterior, e decidindo pela clandestinidade no Brasil. Demétrio, seu irmão, disse que quando ele, Eremias e outros companheiros se reuniram para discutir quem iria para a luta armada, falou “sou sincero, não tenho coragem para isso” e Eremias afirmou: “Eu vou. Cuida dos velhos”.

Na luta armada, Eremias participa de um assalto à casa de Anna Capriglione. Os guerrilheiros levam da casa da amante do governador paulista Adhemar de Barros, um cofre recheado com mais de 2 milhões de dólares.

Durante uma mega operação montada pelo DOI/CODI (Departamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna) em Vila Cosmos – RJ, para prendê-lo, Eremias resistiu bravamente à toda truculência e covardia destes torturadores e, ainda conseguiu acertar um tiro no braço de um cabo que já tinha invadido a casa onde estava. O jovem estudante, herói dos secundaristas, foi assassinado neste dia, 16 de outubro de 1969.

Eremias é exemplo para todas as massas estudantis. Desafiou o vil regime fascista, lutando por um novo mundo. Zequinha, como era chamado, enfrentou as piores dificuldades, porém, continuou defendendo firmemente seus princípios.

Toda a combatividade e rebeldia deste glorioso jovem, representam uma enorme derrota aos militares fascistas. Eremias é herói do movimento secundarista. Lutadores não morrem! Vivem sempre! Eremias vive nas lutas dos estudantes. Vive na luta de todos os jovens. Vive na luta do povo por sua emancipação!

**Viva o Movimento Estudantil secundarista!  
Viva Eremias Delizoikov!**

